

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

A AVALANCHE

(À MARGEM DA GRANDE GUERRA)

O que tem a fôrça está «por cima das leis...»

Aos meus olhos a minha propriedade estende-se até onde se estende o meu braço : eu reivindicarei como meu tudo o que sou capaz de conquistar e não verei à minha propriedade outro dominio real mais do que a minha fôrça, única fonte do meu direito.

MAX STIRNER.



LIVRARIA BERTRAND

LISBOA

Para o seu amigo e
distinto escritor
Fernando Pessoa

com a velha estufa
do

T. de Sampaio

A AVALANCHE

(2.^a EDIÇÃO)

DO AUTOR

PALAVRAS CÍNICAS	1905
CRÓNICAS IMORAIS	1908
LISBOA TRÁGICA	1910
PROSA VIL	1911
GENTE DA RUA.....	1914
CANTÁRIDAS E VIOLETAS	1915
GRILHETAS	1916
VIDAS SOMBRIAS	1917
A AVALANCHE	1918
2. ^a edição	1935
TIBÉRIO FILÓSOFO E MORALISTA.....	1918
OS BÁRBAROS—I. ANTÓNIO NOBRE	1918
JORNAL DE UM REBELDE	1919
O HOMEM QUE DEU O SEU SANGUE	1921
MAIS ALÉM DA MORTE E DO AMOR	1922
TEATRO DE CORDEL	1922
COSMOPOLIA	1922
DO AMOR	1923
PORQUE ME ORGULHO DE SER PORTUGUÊS	1926
HOMENS DE LETRAS	1930
POEIRA DO CAMINHO	1932

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

A AVALANCHE

(À MARGEM DA GRANDE GUERRA)

O que tem a fôrça está «por cima das leis...»

Aos meus olhos a minha propriedade estende-se até onde se estende o meu braço: eu reivindicarei como meu tudo o que sou capaz de conquistar e não verei à minha propriedade outro domínio real mais do que a minha fôrça, única fonte do meu direito.

MAX STIRNER.

(4.º MILHAR)



LIVRARIA BERTRAND

LISBOA

A

todos,

que ao frio, à neve, à chama rubra dos incêndios, ao troar do canhão, ao enervante crepitar da fuzilaria, na incerteza das águas do mar, na planície desolada da Flandres, na noite negra das trincheiras ou na noite vermelha dos hospitais, souberam lutar, combater, sofrer, morrer, honrar a Pátria

Soldados de Portugal

Dedica

O autor.

todos.

Se trata de un libro que trata de la vida de los soldados en el campo de batalla. El autor describe con detalle las experiencias de los soldados durante la guerra, desde el momento en que se enlistan hasta el momento en que regresan a casa. El libro es una obra maestra de la literatura de guerra y es una lectura obligada para todos los amantes de la historia y la literatura.

Soldados de Frontal

1918

1918

O DEGÊLO

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

1935

Quando em 1918 saiu a primeira edição deste livro havia quatro anos que a Avalanche estava em marcha e prosseguia, rompendo fronteiras, incendiando cidades, arrazando bosques, esmagando povos, talando caminhos, enchendo dos Pirineus ao Cáucaso, do Egipto à Pérsia, da cidade ao deserto, do Báltico ao Chile, da altura magnífica dos céus à profundidade abismal dos oceanos, a terra e o mar, os céus e os infernos, de espanto, clamores, ruínas e cemitérios. De Julho de 1914 em que Prinzip matou a tiro em Serajevo os herdeiros do trono da Áustria-Húngria, até ao dia 11 de Novembro de 1918, em que num vagão, na floresta de Compiègne foi assinado o armistício, que imortal página da história do mundo se encerrava! Que nos ficou dela? Ruínas, cidades mártires que curaram já as suas cicatrizes: Lovaina, Reims, Etreilles, Bethune, Namur, Arras, e nomes, nomes que significam períodos, heroísmos, lutas, combates. Passam todos num cosmorama espan-

tosos. É a guerra tóda que passa à sua evocação. Nomes de reis e de dirigentes: Ésse megalomano Guilherme II e o Kronprinz, Jorge V, Nicolau II, o heróico Alberto I rei dos belgas, o velho Francisco José, Fernando da Bulgária, Constantino da Grécia. Depois vem os homens de estado: Poincaré, Clemenceau, Millerand Viviani, Briand, Lloyd George, Asquith, Chamberlain, Venizelos, Roosevelt, Wilson. Espectáculo deslumbrante, peça que precisa de actores espantosos, reis, magestades, casacas consteladas de honrarias, fardas cheias da lembrança de batalhas e heroísmos, eis que desfilam os seus generais e almirantes. Ei-los que passam. É Foch o da última vitória, é Joffre o vencedor do Marne, é Gallieni o salvador de Paris e o vencedor do Ourcq. São Pétain e Castelnau os heróicos defensores de Verdun; são Nivelles, Mangin, Gouraud e os marechais Franchet d'Espèrey e Fayolle, franceses. São von Hindenbourg, Ludendorff, Falkenhayn, von Kluck, von der

Goltz, von Bolow, Mackensen, os almirantes Tirpitz, o príncipe Henrique da Prússia e Scheer, o da Jutlândia, alemães. É Pershing, americano; são Diaz e Cadorna, italianos; French, Kitchner, Lord Roberts, Douglas Haig, não esquecendo Jellicoe e Beatty almirantes, ingleses; são o grão duque Nicolau, Brussiloff e Shakaroff russos, é o bravo general Lemane o heróico defensor dos fortes de Liège. Depois vem outros não menores: Hood, o almirante que na batalha da Jutlândia o seu navio levou para a solidão das águas, Cradok o heróico vitimado da costa chilena, von Spee seu vencedor, e vencido das Falklands; são os heróis como o Major Raynal o bravo defensor do Forte de Vaux, ou como o Coronel Driant, morto defendendo o bosque de Caures. São os aviadores como Guynmer que abateu 54 aviões inimigos e foi por sua vez abatido; são os piratas da guerra como von Muller o comandante do Emden, ou o Conde Felix de Luckner; são

os heróis morais como o burgomestre Max, o cardeal Mercier, a fuzilada Edith Cavell ou Maria Adelaide a arquiduquesa do Luxemburgo.

Surgem no écran as batalhas. A de Charleroi, a do Yser, as ofensivas d'Artois, da Champagne, as batalhas do Marne, os dias trágicos do Somme, os morticínios de Ypres e de Verdun, a defesa sobrehumana do bosque de Hautmont, dos fortes de Vaux e de Douaumont, da cota 304; o 9 de Abril, as campanhas dos Dardanelos, do Isonzo, da Prússia Oriental, do Egipto, da África. Passam ante os nossos olhos a ocupação marcial de Bruxellas, a catedral de Reims ardendo como um círio gigantesco, os livros da Universidade de Lovaina em cinzas; depois os bombardeamentos navais de Scarborough, Whitby e Hartlepool, os bombardeamentos aéreos de Paris e Londres, o torpedeamento do Luzitânia, o engarrafamento de Zeebrugge, o fusilamento do traidor Casement, o fusilamento da Mata Hari, os serviços secretos

de espionagem com seus trucs, as revoltas, o assassinato de Jaurès. Passam ainda as grandes batalhas navais, a da Jutlândia ou do Scager-rack, as de Coronel e Falklands, os afundamentos dos Dardanelos, navios enormes indo ao fundo em segundos, alguns milhares de homens passando da vida para a morte sem tempo de pensar ou de sentir; os navios fantasmas, os navios de caça disfarçados em pesqueiros inocentes, dreadnaughts, submarinos, gases, fogo líquido, morteiros, canhões de 420 que vomitam a morte a mais de uma centena de quilómetros, coisas enormes, monstruosas, nunca vistas.

Depois a revolução alemã e Guilherme a caminho do exílio; a revolução russa e Nicolau a caminho do massacre, a Alsácia-Lorena para a França, a Polónia, um mundo novo. O mapa da Europa refêz-se, decompôs-se, recompôs-se. A esquadra alemã internada em Scaça Flow, afunda-se pelas mãos dos seus amantíssimos guardadores. O Tratado de Versailles assina-se

em 28 de Junho de 1919 e a 14 de Julho, con-
cluída definitivamente a paz, desfilam as tropas
por sob o Arco do Triunfo. Que saíu daí, de
tudo isto? Do mar cheio de navios esburacados,
da terra cheia de morte e de espanto, do céu
de roncões e de chamas? Nada. O sol aparece e
vai, as árvores continuam a dar frutos, os ven-
tres a dar filhos, as searas a dar pão. A fome,
o frio, a miséria não foram afugentadas, conti-
nuam instaladas na vida e nas almas. E para
que se não esqueça, o homem foi aos grandes
armazéns da Morte e tirou um herói ignorado.
Colocou-o debaixo do Arco do Triunfo e no
Mosteiro da Batalha. E êle lá dormirá até que
de novo o ronco do canhão o venha acordar. A
avalanche derretida formar-se-á de novo. Pri-
meiro será gota de água, depois punho, depois
ventre, depois bloco, depois enormidade. E virá
de novo a Morte ao chamado dos homens im-
pacientes e febris, que não tem a paciência al-
tiva de a esperar.

A AVALANCHE

1918

No alto da montanha, a gota de água, trémula como uma lágrima, cristaliza-se numa bola de neve pequena como uma ervilha. Um dia parte, outro chega, e a ervilha faz-se punho, faz-se crânio, faz-se ventre. Como um imã a neve aglomera-se. Outras gotas, flocos de neve, borboletas brancas do turbilhão, tudo isso se agrega. E a bola de neve dilata, incha, cresce, impa. Já não é um punho, um crânio, um ventre. É uma imensa mole, esfíngica e fria que ameaça, que perturba. Um dia as mãos invisíveis do Destino despenham a avalanche. A imensa mole oscila, pende, e lentamente começa a descer com fragor medonho. Árvores que na encosta olhavam o vale, viajeiros que passavam, casas perdidas na solidão da montanha, aldeias que no sopé fumegavam, tudo isso é calcado, destruído, arrasado. Tudo isso foi, existiu, aconteceu. Como um trovão a avalanche vem, destrói, passa. E deixa só a neve, branca e fria como se fôsse a cauda majestá-

tica do vestido que a Morte arrastasse após de si. A avalanche!

*

* *

A velha Germânia, bárbara e rude, é a avalanche. Os seus ímpetos guerreiros, brutais, dominadores, vem já dos teutões e dos alemanos, tribus bárbaras que venceram Caracala e Alexandre Severo. Pedra insignificante de gelo tornou-se maior com a reunião dos suevos. Clovis fundiu ao calor das suas armas bem temperadas a ameaça da avalanche. Depois vem Carlos Magno e tôda a dinastia Carlovíngia. Vem a casa da Saxónia e com ela Otão, o grande. É a avalanche em marcha. Despenha-se sôbre a Boémia, a Polónia e a Dinamarca. Despenha-se sôbre a Itália e faz o Império romano-germânico, o Santo Império.

Depois da casa saxónica a da Francónia. Henrique III, o Negro, obriga a Áustria a reconhecer-lhe a soberania. Frederico Barbaroxa chega e toma nas suas mãos rapaces a Lombardia. Vem Conradino, que o duque de Anjou manda matar. Vem Rodolfo de Habsburgo, Carlos IV, os eleitores. Vem Carlos V, o grande. Vem a guerra dos trinta anos e a guerra da sucessão. É o ocaso.

Frederico I surge. Os seus antecessores haviam sido rapaces, dominadores. Êle é militar.

Refunde as leis e faz da Prússia uma caserna enorme. Napoleão chega e a carta da Europa é o taboleiro onde joga o destino das nações. Torna reinos o Wurtemberg, a Baviera, a Saxónia e forma a confederação do Reno. 1815 apaga a Westphália e põe Hanover. Mas em 1866 Sadowa, trunfo da Prússia, muda o jôgo. Depois... depois vem 1870.

Bismark, o chanceler de ferro, águia rial, faminta de grandeza e de chacina, paira sôbre a França. Paris, ébria de loucura grita: A Berlim, a Berlim! Mas já dos sombrios píncaros das montanhas do sul e das planícies frias e húmidas do norte a avalanche se despenha sôbre a França. A avalanche!? Eram 880.000 bárbaros com 1:850 canhões. Weissembourg, Worth, Forbach, Borny, Rezonville, Saint Privat não a detiveram no seu caninho. Bazaine para lhe fugir encurrala-se em Metz. Napoleão, para não ser esmagado, entrega-se em Sedan. Era a França que êle entregava. Mac-Mahon, 39 generais, 230 oficiais superiores, 2:095 subalternos, 84:450 soldados, 14:000 feridos, as águias dos regimentos, 330 peças de campanha, 150 de cêrco, 70 metralhadoras, 10:000 cavalos, tudo isso é arrolado como espólio da derrota. Zola fêz disso um livro. Chama-se *La Débâcle*, e parece escrito com a raiva, o sangue, a exasperação dessas horas trágicas. Depois a Alsácia e a Lorena foram para a Alemanha. O oiro fran-

cês passou atulhando vagãos a caminho de Berlim. E as botas militares dos bárbaros marcharam em passo de parada, desfilando sob o Arco do Triunfo dêsse glorioso Paris. Em Versailles, Guilherme I sagrou-se imperador da Alemanha, a Alemanha que era uma fôrça, a Alemanha que sonhava já ser a avalanche que havia de esmagar o mundo.

De 1870 a 1914 a Alemanha não marchou, correu à desfilada. Não só a sua população que em 1840 era de 60,7 habitantes por km.², em 1900 de 104,2 e em 1905 de 112; mas a sua indústria, o seu comércio, a sua marinha. Em poucos anos, o seu método faz milagres. Não tem marinha? Possui os maiores navios do mundo. Não tem possessões? Cria um império colonial extraordinário. Vai a todos os continentes, invade todos os mercados, adapta, espiona, vende, rouba, conquista. É rival do inglês, que só êsse o afronta, tão alto subiu. Mas já o seu poder não lhe basta. A Alemanha é pequena para se conter. Quere mais. Afoga, precisa de espaço, de ar, de terra, dos mares. Fiel ao seu programa, saindo bem aos seus antepassados, a Alemanha não é o país onde se fabricam máquinas impressivas de Leipzig ou os bonecos clássicos de Nuremberg. A Alemanha é um quartel, um vasto quartel. O seu Direito é a fôrça. Conquistar, uma missão sagrada. Fazer a guerra, dominar, impôr aos outros a civi-

lização, a admiração da Alemanha, um dever. É a avalanche! O seu fito? Esmagar o mundo. Para isso fêz a *Tríplice Aliança*—A Alemanha, a Áustria, a Itália. Os habitantes do vale sentiam a ameaça. Para conjurar o perigo fizeram a *Tríplice-Entente*—A Inglaterra, a França, a Rússia.

Pela bôca dos seus filósofos a Alemanha dizia que só os fortes tinham o direito de viver; pela bôca dos seus economistas e homens da imprensa que a Alemanha devia dominar o mundo; pela bôca do seu imperador que era o alemão o povo eleito de Deus.

O Destino encarregou-se de, pelas mãos de um estudante e de um tipógrafo, precipitar a avalanche. Em 1914 Prinzip e Cambrinovie, à bomba e a tiro, matam em Sarajevo o arquiduque Francisco Fernando, filho do imperador da Austria, e sua esposa a princesa Hohenberg. Facto banal êste, deu origem a um *ultimatum* da Áustria à Sérvia. Mas impunha condições tão vergonhosas que o brio sérvio só tinha um caminho: recusar. Foi o que fêz. Em resposta os austro-húngaros bombardeiam Belgrado, cidade aberta e sem defesa. A Rússia acode pela Sérvia. A Alemanha declara guerra à Rússia e invade o Luxemburgo. Declara guerra à França e invade a Bélgica. É a avalanche que se despenha. De lá, de além Rheno, há 61 milhões de criaturas obcecadas que só teem o pro-

pósito da guerra. E então as filas interminas de combóios passam, as estradas vão transbordando de homens silenciosos que marcham, e só se ouve, gigantesco como um trovão soturno que fizesse tremer a terra, o rodar da artilharia, o tropear cadenciado de muitos milhões de homens. É a avalanche em marcha.

No Luxemburgo a arquiduquesa Maria Adelaide tenta barrar a passagem dos ulanos com o seu automóvel. Pobre mulher que supõe deter a avalanche! É presa e o exército segue. Em Berlim há um entusiasmo louco. O sonho fizera-se realidade: a guerra. O pólvora alemão desdobrava sôbre a sua rêde de caminhos de ferro os seus tentáculos de aço, cheios de soldados. Granadeiros, ulanos, caçadores, dragões, hussards, guarda imperial, cavalaria, infantaria, prussianos, bávaros, saxónios, wurtemburgueses, tudo isso rola e se despenha formidável sôbre a Europa aterrada. O Luxemburgo não detêm a avalanche. A Bélgica, porém, resiste e a fila infinita de automóveis blindados, de carros, de canhões, encontra as pontes cortadas, os túneis pelos ares. Mas a avalanche tudo esmaga. Agora chega ela aos fortes de Liége. Vem apressada, impaciente, quer seguir a todo o transe. Leman, o general, sustem-na. E ante a barreira de aço a avalanche pára. Mas pára apenas um momento. Os fortes de Liége vão pelos ares e a avalanche passa.

Encontra Namur. Já nada a detêm. Passa ainda. Passa e deixa atrás de si Louvain a arder. E em passo de parada, as músicas tocando e os soldados cantando o *Die Wacht am Rhein* e o *Deutschland uber alles* a avalanche entra em Bruxelas.

Já a Inglaterra do outro lado do mar, olhava. E pressentia que o plano alemão era destruir a Bélgica, vencer rápidamente a França e voltar-se seguidamente contra a Rússia. Era um plano realizável. Depois, senhora de quási tôda a Europa, ela sentar-se-ia em Calais desafiando as ilhas inglesas. Sonho desmesurado, sonho gigantesco, que a aniquilaria, a Inglaterra não o deixou realizar. E no mar a Alemanha foi encurralada nos seus portos, não sem que os ingleses a fôssem desafiar a Heligoland.

Mas a avalanche formidável continua a rolar. Aos bárbaros opõem-se do lado de cá os belgas, os ingleses, os franceses. E dragões, couraceiros, infantaria de linha, hussards, zuavos, senegaleses, atiradores argelinos, tropas do Annan, tudo se entrechoca. Na Lorena a França detêm a avalanche segundos apenas. Ela vem e esmaga, mais forte, mais formidável. Por onde ela passa, do norte ao sul, tudo se pulveriza, tudo arde. Arde Louvain, arde Dinant, arde Malines.

Mas a avalanche tem por fim esmagar Paris. E ela rola, rola sempre. Vem Charleroi, vem o

Marne. Joffre, French e Galleni teem contra êles von Kluck, Bulow e Hausen. No oriente, Hindemburgo tinha contra si o grão duque Nicolau. E a avalanche pela primeira vez recua e perde o ímpeto. Tendo esmagado tudo, senhora já de Antuérpia e de quási tôda a Bélgica, ela não pôde chegar a Paris. E não podendo chegar a Paris, doida, furiosamente pôs-se a correr para o mar. De nada lhe serviu.

A velha Europa ardia. Por tôda a parte, a chacina, o roubo, a atrocidade, o incêndio. As estradas cheias de soldados e de gente fugitiva, o mar pejado já de minas e de submarinos, os ares cobertos de zeppelins que dinamitavam cidades ou de gothas que metralhavam e destruíam. Os bárbaros, os hunos, pilhavam, massacravam. E para construir o seu sonho morriam e matavam milhões de homens. Krupp de lá trabalhava sem descanso. De cá Schneider e o Creusot não apagavam nunca a bôca rubra dos seus fornos. E assim a Itália entrou na guerra, a Sérvia foi invadida, a Roménia vencida, destruída a Rússia. Deu-se a batalha da Jutlândia, o afundamento do *Lusitânia*, e a avalanche não podendo mais esmagar, cavou a terra e não arredou pé. Londres e Paris sentiram as bombas germânicas, mas a avalanche parou. Vieram dos confins do mundo homens de tôdas as raças, canadienses, australianos, zeelandeses, índios, africanos. Vieram ameri-

canos, vieram japoneses. Foram portugueses, soldados heróicos da nossa terra. A avalanche não passou, a avalanche não passará.

Nos ares, nos campos, nos mares, tudo faz a guerra. Combate-se em França, na Bélgica, na própria Alemanha. Combate-se na Prússia Oriental, na Polónia, na Rússia, na Itália, na Áustria, na Sérvia, na Roménia, na Turquia, na Arábia, no Egito. Todo o mundo vive para a guerra, come, bebe e respira guerra. Fizeram-se armas desmesuradas, tanks, máscaras, gases, venenos, perfídias, traições. Por toda a parte só se pensa em matar, do vale à montanha, da floresta ao prado. Os cumes dos montes, só acessíveis às águias riais, foram cobertos de artilharia. A profundidade dos mares, morada de peixes, foi povoada de submarinos e naufrágios. Por toda a parte a morte e a miséria. É o cavaleiro da Morte, de Alberto Dürer. É o cavaleiro da Guerra de Böecklin. São os horrores do Apocalypse.

Hoje espera-se. O quê? Que a avalanche bárbara se não torne a despenhar sobre o mundo cheio de mortos, regado de sangue, ensurdecido pelo ronco pavoroso do canhão. Espera-se que chegue o dia em que a Germânia deixe o sonho esferrapado nas baionetas de todo o mundo, o mundo todo que combate contra a sua insaciável cobiça, a sua desmesurada, insofrível e agressiva ambição...

À MARGEM DA GRANDE GUERRA

A ARTE DA GUERRA

Não há dúvida. A guerra brutaliza-se. Tudo na vida, a cada passo dado, perde a poesia. É a cidade substituindo o campo, a perfídia substituindo a amizade, o interêsse substituindo o amor. A própria poesia é morta. Hoje tudo é banal. Até a guerra.

Veja-se a guerra de ontem. A falange grega, os soldados, então chamados hoplites, armados da sarissa ou lança de 6 metros e 30 de comprimento, escudo, espada curta e capacete, marchando contra Dario e contra o Egípto, a falange que fez a retirada dos dez mil comandada por Xenofonte, a falange que foi afinal vencida pela legião romana com seus vélites e manipulos. Mas Dario passa, passa Júlio Cesar e vem a decadência. Cria-se a máquina de guerra, o pujilato é substituído pelo combate de arremesso, as armas primitivas são abandonadas, por pesadas, e os centuriões vêem-se obrigados a fazer marchar as coortes à bastonada. Então, corria-se mundo a pé e por isso os romanos

construíam tão sólidas estradas. Um combate era por certo uma coisa rudimentar, mas uma coisa heróica. A espada opunha-se à espada e o machado de pedra fendia regularmente, no exercício da sua obrigação, os crânios inimigos. Os bárbaros vieram. Os germanos já então desprezavam a defensiva e avançavam em ordem compacta. É atávica, pois, a tática da formação em massa, tão do carinho dos Fredericos, Moltkes e vons der Goltzs. A guerra era coisa ainda digna de ver-se. Quando o franco arremessava a lança ao inimigo e com ela obrigava o escudo do seu adversário a baixar-se, com o seu machado de dois gumes rebentava-lhe a cabeça.

A idade média trouxe a nobre cavalaria, a das alas, a dos paladinos, a das ordens. Então, as armaduras foram obras de arte e grande pulso era preciso ter para abolar um elmo, escorchar os espaldares, ou dar cabo das grevas ou gorjeira de um nobre senhor apendoadado. O montante, a espada, a lança eram tudo. Ainda não havia essa tronitroante coisa chamada artilharia. E a guerra era heróica e digna, quasi um torneio onde havia nobreza e fôrça. Ainda não chegara o dia em que da concavidade de uma árvore que mal se distingue no horizonte, um coxo ou um anão pode matar Napoleão ou Júlio Cesar.

Grandes armas, a catapulta e o ariete, uma grande trave encabeçada em ferro que duzentos

ou trezentos homens impeliam de encontro às muralhas para as derrocar. Nasce a artilharia pela bôca de uma engoiada colubrina. Vieram os arcabuzes, os mosquetes e os trons, já verdadeiros canhões. Andando sempre, supôs-se invencível a infantaria prussiana porque Frederico o Grande elevara o seu exército de 60 a 85:000 homens e porque só ela podia dar, com suas armas aperfeiçoadas, três tiros por minuto. Armas de carregar morosamente com tôdas as minúcias que Camilo conta no carregar da arma ao seu *Alma-negra*, não seriam decerto elas grandes fornecedoras de cemitérios.

Em 1818, um inglês inventa o fulminante e faz acabar a pederneira. Vem depois a estria, a arma de carregar pela culatra e a Chassepot tão falada em França.

O canhão passa a ser uma bisarma complicada. Do trom de pedra, ou da colubrina cinctada, veio-se às grandes peças dos couraçados, artilharia de 305 mm., peças que podem dar apenas 100 tiros e que custam contos de réis. Os projecteis aumentam, aumentam as couraças. Tudo isto torna a guerra hedionda.

Antigamente, o corpo a corpo, a guerra frente a frente. Agora, a guerra invisível, os soldados metidos em trincheiras. Os artilheiros apontam as suas peças para o invisível. E é ainda o invisível que faz chover do céu o trovão e a morte. O canhão de 42 atira a três léguas, coisa

como estar a gente muito sossegado almoçando em Oeiras e ser visitado e reduzido a pó pelo enviado extraordinário de um Krupp cómodamente instalado no castelo de S. Jorge de Lisboa...

Os grandes navios já não servem de nada. A guerra, como Nelson a viu, ou como Afonso de Albuquerque a sentiu, foi-se. De que serve estar a bordo de um navio colossal de maquinismos e de poder, se debaixo de água um torpedo o fere mortalmente?

Tão banal a guerra está, apesar dos reflectores, dos ciclistas, do arame electrizado, do telefone, do submarino, do aeroplano, que é estúpido matar sem saber quem, morrer sem saber quem nos dá a morte. Um soldado marcha. De repente leva as mãos à frente e cai. É uma síncope, uma tontura? Não. É a morte. Aquele homem que sabia pensar, sentir e querer, que tinha dois braços, um cérebro e um coração, provido com uma espingarda último modelo, um sabre baioneta, balas, provisões, sonhos e esperanças está de todo frio. Quem o matou? Sabe-se lá. Só se foi êsse bocado de aço que lhe deixou um orifício no pano da farda.

E tão estúpido é combater um inimigo invisível, que não mais veremos immortalizado pelos pintores o último quadrado de Waterloo ou alguma carga brilhante de Murat ou Massena. Mas ver-se há inúmeras vezes repetidas a cena

que os jornais contam de um francês ferido a quem o médico pergunta se não lhe será odioso curarem ao seu lado um alemão. «Quê, um *boche*? Ora até que enfim vou ter o prazer de ver como êles são feitos!»

A guerra banaliza-se e perde a sua poesia. Meu Deus! Quantas ilusões a gente estará condenada a ver desfolhar assim!...

A ALEMANHA

O sr. P. Jousset, ao abrir a sua obra *L'Allemagne contemporaine*, diz que em trinta anos a Alemanha transformou-se. A sua marinha é enorme, o seu exército não cessa de aumentar, as praças fortes da fronteira multiplicam-se e com elas a espantosa rêde de caminhos de ferro. E diz mais que junto à caserna surgiu a oficina. Passou a fronteira e na luta económica que caracteriza a vida moderna, a indústria e o comércio alemão dia a dia maiores e mais pujantes se fazem.

Foi isso o que tornou Hamburgo o terceiro pôrto do mundo e fêz de Bremen um grande empório. Por Hamburgo tudo passava. Havia o navio carvoeiro, o de carnes congeladas, o que só levava frutas. O café do Brasil, a borracha e o cacau das nossas Áfricas, as rendas da Madeira, as loiças do Japão, porcelanas, sêdas, livros, cantaria, papéis, de tudo Hamburgo era o grande mercado. Só a sua praça tinha 430 vapores montando 637 :000 toneladas, com 16 :000 tripulantes.

A sua marinha de guerra fêz-se rapidamente. Foi êste Guilherme II a sua alma. Por muito tempo, o parlamento titubeou com os créditos, mas a testarudez do imperador tudo venceu. Ele teve o prazer de comandar a segunda marinha do mundo e de inaugurar o canal de Kiel em 1895, que o primeiro Guilherme havia começado em 1887, e que tornou a Alemanha senhora do Báltico e do Mar do Norte. Tão alto subiu o poderio da Alemanha, no mar, que o imperador, inaugurando o canal de Kiel, traçava o programa da esquadra: «O ataque é superior à defesa; por isso à esquadra alemã está reservada uma vigorosa ofensiva». Kiao-Tchéu, no Oriente, foi a primeira proeza da esquadra e por isso o orçamento da marinha, que em 1890-91 era apenas de 99.846:690 marcos, subiu em 1896-97 a 107.824:882, atingindo em 1899-900 a esplêndida quantia de 167.187:335. No Mar do Norte, Wilhelmshaven e Cuxhaven defendem-na, como Kiel, Danzig e Königsberg a defendem no Báltico.

O exército, que nos Hohenzollerns é «uma tradição de família», é o primeiro do mundo, com os seus formidáveis 23 corpos. Foi para a guerra que a Alemanha preparou pacientemente os seus pescadores do Báltico, os seus pilotos de Heligoland, os seus balieiros, os camponeses da Floresta Negra e da Baviera, os maridos das camponesas do vale de Elz, com seus cha-

pés altos de cocheiro de praça amarrados debaixo do queixo, e os irmãos das camponesas de Straubing, que usam uma touca em leque como as holandesas do interior; prussianos e bávaros, saxónios e wurtembergueses, badenses e oldemburgueses, mecklemburgueses, francónios e do palatinado. E foi ainda para a guerra que locomotivas cortam a Alemanha de Metz e Cologne a Memel e Oderberg e de Kiel à fronteira da Suíça e da Áustria.

O comércio e a indústria alemã são coisas espantosas de desenvolvimento. Na Índia, o comércio de «articles de Paris» é quasi todo alemão. Em França e na América, os brinquedos são quasi todos alemães, como alemã é a literatura inglêsa da universal edição *Tachau-nitz*, que a Inglaterra persegue como contra-facção, pois é claro, visto sair tôda de Leipzig. As casas de Hamburgo teem sucursais na China, e os alemães que são 100:000 em Londres, são 200:000 na Austrália e mais de 3.000:000 nos Estados Unidos. A Alemanha sonhou dominar o mundo. A guerra é a sua ambição em marcha, é aquella espantosa máquina em movimento.

*

* * *

Lembram-se do naufrágio do *Titanic*? Pasma-se como a uma tão perfeita e complicada má-

quina, tão sábia e demoradamente construída, o mar tragou em alguns minutos. Sucederá o mesmo à Alemanha se bem que uma nação se não afunde como um barco. Mas a sua ambição a condenou. É claro que uma Alemanha não é vencida assim com uma escaramuça apenas. Ela derrotará ainda. A águia teutónica deixará em sangue o corpo de quem a queira ligar. Mas como o *Albatroz* de Baudelaire, caído no convés do navio, ela cairá e será ligada.

Quem sonhou que a Alemanha seria vencida sem muita luta, muito sangue e muita fôrça, sonhou apenas. A Alemanha dará que fazer a meio mundo já que meio mundo a deixou crescer. Mas quando o imperador Guilherme marcava à sua armada o papel da *ofensiva vigorosa* e lhe arrogava a supremacia dos mares, esquecia-se de que, além, defronte, atravessando o Mar do Norte, ainda vivia a Inglaterra. Esta é que o não esqueceu decerto, que uma madrugada apareceu no largo de Heligoland, a rir do imperador e da sua ofensiva pela bôca potente dos seus canhões certos...

DEUTSCHLAND ÜBER ALLES

«**A**CIMA de tudo a Alemanha, ou acima de todos os homens os alemães». Como na fábula, a Alemanha vem a estalar de orgulho. Não se contentou em ter um vasto império continental. Como o seu comércio ia aos mais longínquos mares do globo, a Alemanha sonhou ter um império colonial tamanho ou maior que o da Gran-Bretanha, a quem ela sinceramente odeia. E é curioso como na Gran-Bretanha tem esbarrado o sonho de muito ambicioso. Napoleão encontrou-a em Waterloo e conheceu-a em Santa Helena. Guilherme II teve o seu cartão em Heligoland, estando de oratório para o encontro inevitável.

Ter um império colonial é preciso a um grande comércio. É preciso efectivar o poder e êle só se efectiva tendo perto quem possa acorrer a um grito de socorro ou quem possa facilitar os meios de commerciar. Por isso, um depósito de carvão ou de aguada ou alguns tiros de ca-

nhão prontos, são coisas que tornam duradouras e fortes, relações uma vez começadas.

Seguindo o exemplo do inglês no calcurrear o globo, embora sem a sua diplomacia, o alemão foi a tôda a parte. Mas ao passo que o inglês vai, fica e cria raízes pela sua tolerância e pela idea de liberdade que o acompanha, o alemão ia e ficava, mas escravizando, monopolizando e entrando logo a fazer uma fecunda sementeira de ódios. É que à Alemanha *arriviste* falta o longo saber só de experiências feito, que a Inglaterra tem. Na Inglaterra tudo são tradições. Na Alemanha tudo são sonhos de dominação. A marinha inglêsa tem dos Nelsons batalhadores aos Franklins e aos Cooks polares. O próprio comércio inglês tem anos e anos de fidelidade e inteireza.

Na Alemanha tudo é de ontem. A marinha não sabe de glórias passadas. O comércio copia e sonha arruinar, fazendo mais barato e inferior, o comércio de todo o mundo. Daí a Inglaterra ter agora à sua volta o Canadá com os seus caçadores e labutantes, a Índia com os seus bronzeados e hercúleos sonhadores da Ásia, a Austrália com os seus mineiros e buscadores de ouro, o Transwaal com os seus gloriosos e sóbrio defensores. E à Alemanha redundará efêmero o seu poderio. Pois se «tudo pára em nada, pára em vento!» E o sonho ambicioso desmorona, rui, abate com fragor.

*

*

*

A sua ambição urdiu a conferência de Berlim. Ali talhou a África a seu bel prazer. Togo é uma jóiazinha rutilante. E com Togo e o território dos Camarões o comércio do interior seu era. Mas talhou também um riquíssimo território como o Sudoeste africano alemão, que tem a bagatela de 830 : 960 quilómetros quadrados, e a África Oriental alemã, que são 941 : 100 quilómetros quadrados com a sua inexplorada riqueza mineral e a sua sêde absoluta de colonização e produção.

Talhou na Ásia os quinhentos e quinze quilómetros quadrados de Kiao-Tchéu, o que é um riquíssimo pôsto para depósito do seu comércio e pretexto para meter o capacete a dar leis no Extremo Oriente.

E como a Austrália era um grande ôsso que lhe estava atravessado na inveja e via ali ao lado a Holanda, tão pequenina, ser rica na Oceania, também a Oceania a tentou.

Lá tem a *Kaiser-Wilhelm-Land*, o arquipélago *Bismarck*, as ilhas de *Salomão*, as ilhas *Marshall*, *Carolinas* e *Mariannas* e as ilhas *Samoa*, tudo isto magnífico para quem anda longe e quere ter a pátria ao pé da porta.

E era o império colonial alemão coisa, no di-

zer dos geógrafos, como 2.597 :498 quilómetros quadrados, ou seja vinte e nove vezes e tanto êste nosso Portugal, império maior do que Portugal ainda com tôdas as suas enormes possessões. Mas, império que foste império, franceses, inglêses e até os japoneses, tem-no levado mais rápidamente ainda do que rápido viera. Togo e os Camarões são já franceses ou inglêses.

Kiao-Tchéu está no papo do Japão. Samoa foi tomada pelos newzelandeses em nome da Inglaterra. O resto irá breve, quem viver verá. E a França, longe da sonhada derrota kaiserresca, parece reviver. Já não são só franceses. São belgas, inglêses, portugueses, russos, argelinos, índios, australianos, canadienses, gentes da África, da América, da Ásia e da Oceania. Dir-se-ia que todo o mundo se concitou para vir esmagar a insolente e *arriviste* Alemanha!

*

*

*

Incendiou Louvain. Deitou bombas no seu histórico *Hotel de Ville*, todo rendilha de pedra, que não encontrara, de 1463 até nós, vândalos que o ousassem destruir. Partiu a tiro os vitrais da igreja de S. Pedro, massacrando gente indefesa no vestíbulo gótico da sua universidade, contruída em 1317. Diz-se agora que quiere bom-

bardear Paris. Estou vendo as rosáceas de Notre Dame, do Palácio da Justiça e da Abadia de S. Diniz, vitrais soberbos e maravilhosos que o tempo tem respeitado, servir de alvo à bala das *Parabelum* dos senhores oficiais.

Deutschland über alles. Sim, no ódio de todo o mundo. Louvain foi um auto de fé. Ardeu nele a civilização alemã. E católica, a Alemanha, tendo receio de não encontrar quem no outro mundo se prestasse a rezar-lhe o ofício dos defuntos, procurou o bispo Kanneugreser e fusilou-o. O bispo era cego, não podia ver a enormidão das suas atrocidades...

.....
E foi para isto que o seu Goethe nos umbrais da eternidade pedia «*Mehr Licht*»! Mais luz?

A IDEIA DA FÔRÇA

PENSADORES e filósofos alemães, há longos anos vem prègando a supremacia do alemão sôbre todos os povos, a superioridade da raça alemã sôbre tôdas as raças. E com estas teorias, robustecida a fé em todo o império, desde Strasburgo a Konigsberg e de Munich a Kiel, o alemão foi grangeando de forma que à sua pátria pouco lhe faltou para tentacularmente dominar o mundo todo. E esta idea tão arreigada estava, de que todos os outros povos eram condenados ao extermínio e só o alemão o escolhido de Deus, que as desilusões da sorte das armas devem ter feito estremecer de dúvida a alma orgulhosa dos cervejeiros e filósofos.

Foi sempre uma teoria alemã a da fôrça. Quem é forte pode fazer tudo o que quiser. Só dos fortes será o mundo. Max Stirner, o individualista, há já setenta e tantos anos, como bom alemão que era, opinava num livro célebre que a fôrça é uma bela coisa e que se vai mais

longe com uma das mãos cheia de fôrça, do que com um saco cheio de Direito. Mas que idea tinha o filósofo do Direito? A idea que os homens de estado da Alemanha de hoje têm. Ele diz, como o chanceler, interpretando o sentir de tôda a orgulhosa Germânia, «fora de mim não há direito. O que para mim é *justo* é justo. Pode suceder que os outros não concordem, mas isso é assunto com êles e não comigo».

Mas querem ver como a génese da alma alemã está tôda nesse velho livro: «Os comunistas sustentam que a terra pertence a quem a cultiva e os seus produtos aos que os fazem nascer. Eu penso que a terra pertence ao que sabe conquistá-la ou que a não deixa arrebatada». Diz mais adiante que o Direito é uma coisa de que se faz o que se quer e que «não é já dos mansos e dos misericordiosos, não é já dos amorosos que virá a salvação, mas unicamente dos que tomem, se apropriem e saibam dizer: isto é para mim».

Tudo isto, tôdas estas teorias estão escritas na vontade e na intelligência de todo o alemão. Foi a idea da fôrça que o fêz invadir a Bélgica e a noção que tinha do Direito que o fêz olhar um tratado como um papel sem importância. Foi a sua vaidade que lhe fêz dizer: «Fora de mim não há Direito; fora da Alemanha não há outros povos». Foi ainda o seu feitio bélico, que é uma modalidade do ancestro salteador,

que lhe fêz germinar a idea de se apropriar do mundo e dizer : isto é para mim.

Depois dêste Max Stirner, que êles deixaram morrer de frio e de fome, Nietzsche assevera pouco mais ou menos a mesma coisa. Odeia a religião cristã porque ela é uma religião de fracos, de vencidos. O Deus para êle deve ser uma espécie de Adamastor fero e iracundo, terrível e brutal, sombrio e torvo. Uma das suas mais afeiçoadas teorias é mesmo a de que quando a gente se compadece perde fôrça. Todos os fracos são motivo de ódio para os seus olhos e para o seu coração. São êles, «os desgraçados, os vencidos, os impotentes, os débeis, que minam a vida e empeçonham e destroem a nossa confiança». É o apologista da crueldade. «Ver sofrer alegre ; fazer sofrer alegre mais, todavia». «Sem crueldade não há gôzo, eis o que nos ensina a mais antiga e verdadeira história do Homem — o castigo é uma festa».

Ora com semelhantes teorias que admira que prussianos ou bávaros, wurtembergueses ou renanos, saxónios ou badenses dos confins perdidos da Floresta Negra, ao passar, ao caminhar da horda, espetem crianças nas baionetas e massacrem, assassinem, arrazem ou incendeiem ?

«Ajuda-te a ti mesmo : depois todo o mundo te ajudará». É uma idea velha por palavras novas esta sentença de Nietzsche. O alemão tes-

tarudo trabalhou e em breve todo o mundo desandou a ajudá-lo. De maneira que, na consumação do crime, o mundo todo é um pouco seu cúmplice. Foi da falta de vistas largas e da ausência de previsão que defronte do Mar do Norte nasceu, criou, se desenvolveu e num dilúvio de sangue trasbordou o mais formidável império do mundo.

Que, inútil é estar com lamentações. Os alemães sabiam o que queriam. Falhou o golpe. Para que não torne a suceder isto é preciso que todo o mundo faça o mesmo que fêz a Alemanha. Possua homens de fé e crie o espírito de confiança, de método e de disciplina que são hoje o segredo da resistência formidável dessa Germânia, que como os heróis antigos, pese a quem pese, doa a quem doa, há-de morrer, sim, mas devagar...

A ARTE ALEMÃ

NÃO há dúvida que um parasita maléfico minou de vaidade a frondosa árvore germânica. O *Kaiser*, aquele senhor trivial e baixinho que a gente viu atravessar Lisboa, tão distante afinal do outro bigodudo e hercúleo que nós havíamos sonhado, supõe-se um enviado de Deus. Os alemães, todos os alemães sem excepção, supõem-se os mais cultos, os mais perfeitos, os mais altos espíritos de tôdas as civilizações. E com desdém, êles que não passam de hábeis e metódicos adaptadores de tôda a cultura alheia, julgam os outros bárbaros. Coisa parecida com a do ladrão que reputasse o roubado como matéria da última qualidade, só porque tem que roubar!...

O alemão de resto foi sempre uma criatura pobre de inventiva. O seu comércio é a sua arte. Tomemos o comércio de brinquedos por exemplo. Pois o bom do amigo alemão vai a Paris, compra o que um fabricante francês imaginosa-mente inventou. Leva para a Alemanha. Amigo francês fêz duas dúzias de brinquedos e cansou.

Amigo alemão pôs-lhe mais uma azelha, deu-lhe outra côr e pôs a máquina a funcionar. Resultado: quarenta ou cinqüenta mil caixeiros viajantes a encherem a Alemanha, todo o Paris, o mundo todo, com o boneco francês transformado, tendo numa das nádegas o *Made in germany* sacramental.

Folheemos a história da Arte alemã. Que encontramos? Na pintura a escola de Colônia e a escola do Alto-Rheno, onde os flamengos eram pais inspiradores. As da Suávia, da Silésia, da Francônia e da Baviera são apenas *ateliers* onde a espaços há uma obra que mereça ver. Pintura religiosa e severa, ela viveu primeiro da imensa riqueza dos flamengos, depois das correntes dominantes italianas. Não devemos esquecer que foi Dürer quem levou a Renascença à Alemanha. Ora Dürer foi o maior artista alemão. E éle que foi um artista viajado e culto, que levou o sol de Itália, e a morbidez veneziana à caverna alemã, nem sequer pôde deixar por vezes de ser duro e rude na sua pintura.

Holbein, Cranach, são os mestres. Mas, ai dêles! São violentos, realistas, severos. As delicadezas do amor, a graça, a finura, a poesia foram-lhe vedadas. São quási iletrados. Olhos que vêem, mãos que pintam. Compare-se ainda hoje uma tela alemã e outra inglesa. A primeira terá 89% de instintividade, das quali-

dades egoístas dos animais, sem mór visão que a da fossa onde mastigam — grotescos, realidades, tráfego. Na segunda há sempre um fundo de poesia, sonho perdido, infantilidade mimosa, que a impregna e espiritualiza. A côr é mais diáfana e não tem nunca, sendo às vezes triste, o tom pesado, borroso, das telas alemãs. Dá a impressão do alemão ser a primeira etapa do inglês, o seu estado bárbaro, rudimentar.

Se os seus pintores carecem de génio para pairar acima dos outros, os seus escultores e os seus arquitetos não tiveram também asas que a tão alto lhes planasse vôo. Abunda o gótico. Mas italianiza-se e os flamengos metem também a sua colherada. O baroco não deixa de aparecer.

Balanceado tudo vê-se que os alemães se algum dia tiveram génio foi na imitação, no aperfeiçoamento, na adaptação. Qualidades inventivas, raras. Qualidades pacientes, múltiplas. Tira-se a prova e aparecer Dürer que foi tudo, géometra, pintor, gravador, uma espécie de Leonardo de Vinci em rude. Pois Dürer foi antes de tudo gravador, o primeiro gravador, profissão para a qual se exige mais talento do que génio, mais paciência do que talento.

Como é então que, sendo criaturas subalternas, os alemães se atrevem a reclamar a chefia do mundo intelectual? É porque conhecem os nossos defeitos, sem valorizarem as nossas qua-

lidades. Se àmanhã o facho de Paris se apagasse, e desaparecesse, por qualquer cataclismo, a raça latina da face da terra, ficando o mundo todo convertido em logradouro alemão, a vida tornar-se-ia uma coisa tão estúpida que provocaria em pouco tempo o suicídio epidémico. Schopenhauer dominaria. Nietzsche, profundamente alemão, com a sua teoria do super-homem, endoidece. Parece ter talhado o *Kaiser* com seus profetismos e alucinações dominadoras.

Fica pois no seu justo plano a Alemanha. País de trabalhadores, de método e organização, imensa fornalha, oficina imensa, ela foi um pouco a oficina da Europa, de todo o mundo. Oficina do martelo e da forja, não do pensamento. Não teve, não terá nunca o cérebro do mundo. Esse é inquestionavelmente dos latinos, povos de imaginação e delicadeza, de concepções arrojadas e de gestos heróicos e insubmissos.

Se até naquela velha lenda se diz que, quando o demónio feito em pedaços, tombando do céu se espalhou pela terra, o estômago foi parar à Alemanha...

Quanto ao amor pelas artes só a mania colleccionadora... à Komprinz. Mas isso cá entre os latinos leva a polícia correccional...

A Alemanha! A *kultur* alemã! Me enforcem se se não estão a divertir com a tropa!...

A GERMANIA AVENTUREIRA

SE, no concôrto das nações, o predomínio da Alemanha data de 1870, e quem diz Alemanha diz Prússia, o seu predomínio colonial data de 1884. Em 1870 pode dizer-se que nasceu a Alemanha. Os primeiros dez anos foram para colher a primeira sementeira do dinheiro da guerra. Então, apesar da tática de Frederico, o Grande, ainda ela não tinha veleidades de extermínio, e ainda acatava como um oráculo tudo o que dizia do outro lado do mar o velho leopardo inglês. Mas, à medida que o seu poderio crescia, crescia a sua ambição e impava o seu orgulho. E tendo derrotado a França, uma idea lhe começou atrevidamente verrumando o cérebro: destronar a Inglaterra.

Não foi só no propósito de castigar um dia as veleidades de *revanche* que a França pudesse ter, que ela se armou fabulosamente e pôs na bôca das parteiras do Império êste dito cunhado na convicção das pitonisas que lêem irremediáveis destinos: Tu serás militar! Não foi. Que

ela sabia, mercê da sua contumaz espionagem, que a França, terra de palavrosos óptimizados, não tinha desejos de tornar a ver os seus departamentos calcados pelas sapaterras germânicas, bávaras ou prussianas. Não. Ela armou-se, municiou-se, espionou, unicamente com o propósito de vir a ser um dia o primeiro país do mundo. Como? Ora essa: Subalternizando a Gran-Bretanha. Tinha o primeiro exército da terra. Não lhe bastava. A sua rival era a primeira no mar? Pois ela que apenas tinha de mar uma fronteira, e não grande, construiria a primeira marinha. A sua loucura cresceu a ponto de, condoída, a Inglaterra propor tréguas aos armamentos. A Alemanha não cedeu, antes redobrou de fúria militar, julgando o gesto da Gran-Bretanha como cansaço e pavor. E para se ver como a fúria de emular a Inglaterra de longes tempos vem, bastará dizer-se que em 1883 não possuía essa Germânia aventureira mais do que os palmos imensos de terra que tinha dótivos e os que impusera como seus à combalida França. Em 1884, o seu sonho de dominar em terras e mares longínquos, efectivava-se. Por meio de golpes ousados, quer das armas, quer da diplomacia, ela instalou-se na África. Togo e os Camarões abriam-lhe o caminho. Era um dos passos que lhe permitiria armar o salto para ir mais longe. E foi. O sonho da Alemanha africana não andava longe.

Instalou-se na África Ocidental como um ano depois se devia instalar na Oriental. De 1884-1885 a 1890 foi fazendo a sua política, de maneira que por esta altura se balanceasse os livros do seu activo colonial, encontrava já 931:460 milhas em que ninguém poderia dar leis senão a sua vontade. Era, segundo o cômputo estatístico dêste ano, coisa como 22:405 brancos e uns doze milhões de almas de preto.

Depois, a sua ambição não parou. Em 1885, apropriada a África, sonhou com o Pacífico. Era distante, mas não era a Inglaterra também senhora de algo nesses mares longínquos? Pois em 1885 ela, por várias traficâncias, chamou alemão ao arquipélago Bismarck e à Terra do Imperador Guilherme, 90:000 milhas de área. Em 1886, às ilhas Salomão e Marhall.

Nada tinha na Ásia? Pois em 1897 logra Kiao-Tchéu, na China, e em 1899 volta ao Pacífico para surripiar as ilhas Carolinas, Palau e Marianas e duas Samoas. Se fizermos o total veremos que a Alemanha que, em 1883 era pobre como Job a respeito de colónias, tinha antes de se lançar nos seus prazeres da guerra por aí um milhão e duzentas mil milhas de superfície com 24:389 europeus e 13.041:603 habitantes naturais, mais, muito mais do que Portugal, velho país de colónias e descobrimentos, de viagens e de peregrinações.

Isto tudo vem mostrar, dada ainda a petulân-

cia com que a Germânia se preparava para meter a espada em Marrocos, como nos seria difícil guardar uma neutralidade que não fôsse criminosa ou idiota. Somos vizinhos dos alemães na África. Moçambique tem ao norte a África Oriental alemã; Angola tem ao sul a África Ocidental alemã. Quem sabe se cedo ou tarde a Alemanha não sonharia, se é que não sonhara já, ligar o território dos Camarões com a sua África Ocidental? Para isso correria com os franceses do Congo e repelir-nos-ia para o interior. Assim tôda a beira-mar do golfo a que a Guiné dá o nome, até quási ao Cabo da Boa-Esperança tudo seria seu.

Neutralidade! Se algum dia tivermos que morrer que nem a morte se envergonhe de nos tomar. E que se algum tivermos de combater que o vencedor, se outro fôr, nos deixe ficar a espada com que lhe mostrámos o direito que temos de a usar, pelo valor que nos soubemos servir dela...

CIDADES FLUTUANTES

O torpedeamento do *Lusitânia*, em que segundo os telegramas há 1:500 mortes, enche de indignação o mundo civilizado, para anatematizar a Alemanha e a sua *kultur*. A Alemanha sonhou dominar o mundo todo. Não tinha para isso nem a audaciosa galhardia do inglês, nem o génio brilhantíssimo do latino. Mas tinha de reserva as suas qualidades, qualidades de segunda ordem como a imitação, a paciência, a vontade tenaz. Se a Inglaterra tinha o comércio do mundo, ela sonhava empolgar-lho. A Inglaterra tinha a primeira marinha mercante? Pois primeira seria a da Alemanha. É lícito a cada um ter as ambições que quiser. Mas a Alemanha não tinha só ambições. Tinha um orgulho contundente, que a matou. Morrerá impando de morte *kolossal*. Poucas pessoas têm presente a guerra surda que há anos já a Alemanha vem fazendo à Inglaterra. Tomemos por exemplo a da marinha de comércio, guerra em tempo de paz, lícita sob todos os pontos de vista e que mostra bem

o empenho, a teimosia que tinha o alemão de esmagar o inglês que o humilhava. Ora havia antes da guerra, navegando nos grandes caminhos mundiais, 236 paquetes de mais de dez mil toneladas, pertencendo 136 à Inglaterra, 44 à Alemanha, 16 à França, 9 à Holanda, 8 ao Japão, 10 à América, 4 à Bélgica, 3 à Dinamarca, 2 à Espanha, 2 à Noruega, 1 à Rússia e outro à Áustria-Hungria. Não podendo vencer a frota inglesa na quantidade, os alemães deram-se a vencê-la na tonelagem individual dos seus paquetes. A guerra das construções começou aí por 1901, há 14 anos, data em que a Inglaterra, em Belfast, lança à água o *Celtic* de 20:904 toneladas a que se seguiu o *Cedric* de 21:035. Ainda a Alemanha não tinha sido mordida do delírio das construções e não dizia imperatóriamente que Deus construía o mundo para que o mundo fôsse alemão. Em 1904 era ainda a Inglaterra quem dominava, lançando à água o *Baltic* de 23:867 toneladas. Devagar, pausadamente, a grande Inglaterra caminhava. Seguiu-se-lhe a América, construindo o *Minnesota* de 20:718 toneladas, lançado à água nesse mesmo ano. Entretanto a Alemanha, país de espíões, tinha olhos invejosos e encomenda à Inglaterra o seu *Amerika*, de 22:622 toneladas, que foi lançado à água em 1905. Esta encomenda era talvez para tranqüilizar os estaleiros ingleses porque muito à su-

capa ela construía o *Kaiserin-Auguste-Victoria*. Era o maior navio do mundo, pois deslocava 24:581 toneladas ou seja mais 714 do que o maior navio inglês. O maior navio dos mares era alemão. Que orgulho e que *hips* de cerveja pela Alemanha e pelo *kaiser*! A êsse tempo já a Inglaterra construía o *Adriatic* de menos 40 toneladas apenas. E para mostrar à Alemanha que a não temiam, os estaleiros ingleses construíram, logo de uma assentada, em 1907, o *Lusitânia*, agora afundado, de 31:550 toneladas e o *Mauritânia*, de 31:938 toneladas. Com esta a Germânia audaciosa aquietaria, que o repto era audaz. A engenharia inglesa fêz boquiabrir estarecida a sua colega de Hamburgo. Entretanto a pacífica Bélgica dava à água, em 1908, o seu *Rotterdam*, de 24:149 toneladas, que encomendara à Inglaterra. A Alemanha, atontada ainda, constrói o *George Washington*, de 25:570 toneladas, e foi então o mais que fêz. De 1907 a 1912, a Inglaterra dominou os mares. A França, em 1911, lançava o seu *La France*, quatro chaminés e 23:666 toneladas. A Alemanha todavia preparava-se na sombra. A Inglaterra é que já não tinha ilusões. Deita ao mar o *Titanic*, naufragado na sua primeira viagem. Com as suas 45:000 toneladas era o maior navio do mundo. Grande alegria pela catástrofe nos estaleiros da Germânia, é claro. Mas... estamos em 1911. A Inglaterra, para o lugar do *Titanic*,

põe o *Olympic*, de 46:359 toneladas. Vão vendo a loucura das tonelagens e como isto tudo parece uma parada de roleta. A Alemanha vigiava. Vigia, e um ano depois dizia que o maior navio do mundo era o seu *Imperator*, um monstro de 51:969 toneladas. Em 1914 o delírio das construções chegou ao auge. A Inglaterra lança ao mar o *Aquitânia*, de 45:647 toneladas e o *Britanic*, de 47:500 toneladas, ao que a Alemanha responde, lançando o *William-O'Swald*, de 20:000 toneladas, o *Columbus*, de 35:000 toneladas, o *Vaterland*, de 54:282 toneladas e o *Bismarck*, de 56:000 toneladas. Tôdas as outras nações esmoreceram ante a luta tão formidável; apenas a pacífica Holanda, dos queijos, dos museus e das toucas brancas, construiu na Inglaterra o seu *Statendam*, de 32:500 toneladas, sendo assim a terceira nação do mundo em cidades flutuantes.

A Inglaterra é um país essencialmente marítimo e loucura a da Germânia em querer disputar-lhe os mares. Sucessivamente, os seus estaleiros de Harland & Wolf Ld., de Belfast, construíram o *Celtic*, o *Cedric*, o *Amerika*, o *Baltic*, o *Rotterdam*, o *Titanic*, o *Olympic*, o *Britanic* e o *Statendam*; os de Glasgow, J. Brown & C.^o Ld., o *Lusitânia* e o *Aquitânia*; os de Newcastle, o *Mauritânia*.

A Alemanha possuía os grandes estaleiros de Blohm & Von, de Hamburgo, onde construiu

o *Bismarck* e o *Vaterland*; os da Vulcan-Werke, também de Hamburgo, que lhe fizeram o *Imperator* e os de Danzig (F. Schichau), onde fêz o *Columbus*. Em Bremen tem ainda os da Act-Ges-Veser. A França produz pouco, a América, grandes navios, apenas fêz o *Minnesota*. Ora aqui está, a largos traços, esboçada a guerra surda que motivou esta grande conflagração. Das grandes companhias do mundo, as maiores são a Cunard Line e a White Star Line, inglêsas, a Hamburg-Amerika Line e a Hamburg-Sud Amerikanische Line, alemãs, e a Companhia Transatlântica, francesa. Mas a maioria dos navios alemães está engarrafada. Os grandes transatlânticos dominadores, ou estão amarrados em países neutrais ou capturados, ou retidos nos próprios portos alemães. O orgulho alemão deve ter sofrido muito. Ter uma frota *kolossal* e não a ver navegar, ter uma esquadra poderosa e só servir para *salvar à terra*, ter comércio com o mundo todo e, de repente, só por amigo inglês assim o querer, todo o comércio dar em droga, é de amolgar. Para se vingar, o alemão vai a paquetes cheios de mulheres e crianças e afunda-os, atirando ainda sôbre os que tentavam salvar-se. A grande Alemanha! Era engano. Na história para todo o sempre se ficar, só ficará Alemanha, a pérfida!

Nota da segunda edição.— Dos navios que nos ocupamos em 1918 não temos informação dos *Celtic*, *Cedric*, *Baltic*, *Minnesota*, e *William-O'Swald*. Existem ainda navegando o *Adriatic*, *Mauritania*, *Rotterdam*, *George Washington*, *France*, *Aquitania*, *Olympic*, *Columbus* e *Statendam*. A Alemanha perdeu o *Kaiserin-Augusta-Victoria* metido no fundo em combate, o *Amerika* que se chama hoje *America* e o *Vaterland*, hoje *Leviatham*, em proveito da América; o *Imperator*, que é hoje *Berengaria* e o *Bismarck*, agora *Majestic*, em proveito da Inglaterra. Com o conflito mundial, a guerra da tonelagem recrudescceu. Navios monstros, após a guerra, construiu a França em 1926 o *Ile de France* de 43.450. Em 1928 a Alemanha respondeu com o *Europa* de 49.746; a que se seguiu o *Bremen* de 51.656. Em 1931 a Inglaterra lançou aos mares o *Empress of Britain* de 42.348; e em 1932 a Itália para não deixar de tomar parte nesse concurso de cidades flutuantes dá o *Conte di Savoia* de 46.000 e o *Rex* de 50.100 toneladas. A Itália entrou nessa corrida de os de mais de 20.000 toneladas em 1921 com o *Giulio Cesare* de 21.657, construído em Inglaterra, o *Diulio* em 1923 de 24.281 e em 1925 o *Conte Biancano* de 24.416, construído em Inglaterra. Em 1926 a Itália possui o *Roma* de 32.583 e em 1927 o *Augustus* de 32.650 e o *Saturnia* de 23.940. Em 1928 acrescenta a esta frota o *Conte Grande* de 25.661 e o *Vulcania* de 23.970. Hoje a França constroe o *Normandie* de 79.280 toneladas e a Inglaterra o *Queen Mary* de 73.000. Onde nos levará a febre de suplantar, a ansia de construir, a ambição de vencer?

GUERRA EM TEMPO DE PAZ

DESDE 1870 que o demónio da ambição entrou com a Alemanha. Então vendo a França a seus pés ela teve uma ambição única: ultrapassar a Inglaterra. Ultrapassar a Inglaterra seria dominar o mundo. A Inglaterra era grande no mar? Pois a Alemanha seria maior. E de tal maneira impou o sonho que êste imperador Guilherme disse um dia: — O futuro da Alemanha está no mar!

Roubar o mar à Inglaterra seria matar a Inglaterra. Mas roubar o mar à Inglaterra era difícil para outra que não fôsse essa tenacíssima Germânia. E quere o leitor ver porquê? Já lho mostraremos. Eis porque é preciso que a Alemanha fique vencida. Eis porque é preciso mostrar ao mundo que o *kolossal*, o decantado colossal alemão, não passou de um sonho que não se chegará tão cedo a realizar.

A luta dos navios de maior tonelagem começou por 1914. A Inglaterra tinha construído o *Baltic* de 23:867 toneladas e mostrava-se ufana

por possuir o maior navio do mundo. Pois em 1905 a Alemanha manda construir à Inglaterra o *Amerika* de 22:622 toneladas. Parecia que se subalternizava mas não, que à sucapa construía o *Kaiserin-Auguste-Victoria* com 24:581 toneladas, mais 714 do que o maior navio inglês. A Inglaterra vingou-se bem pois lhe deu o *Lusitânia* e o *Mauritânia* de 31 mil toneladas mas pouco tempo durou a alegria, pois que a todo o transe a Alemanha queria bater o record. Ao *Titanic* e ao *Olympic* daquela, deu esta o *Imperator* e conserva ainda a glória de ser a detentora do triunfo com o seu *Vaterland*, 54:000 toneladas, o maior navio do mundo, um monstro que ainda há pouco ao atracar em New-York fêz prejuízos no valor de 6:000 libras.

Mas, mas isto só prova a sanha ferozmente invejosa da Alemanha, por que são e serão sempre os ingleses os senhores do mar. No entanto não é mau ver como o rude prélio se travava e dar balanço de seus resultados à hora em que rebentou a guerra. Que nesse momento o sonho terminou e a Inglaterra disse de lá das suas ilhas, erguendo a mão:— O mar é meu, apenas meu!

Carreiras de navegação, serviços interoceânicos, barcos imponentes agitando a bandeira alemã tudo isso acabou. No mar, agora, só passeia e vai quem a Inglaterra quer.

A Inglaterra tem linhas de navegação para

todo o mundo. Nos seus portos aparelham-se navios para todos os continentes e não há lugar nas cartas, baixio, onda, farol, penhasco ou estrêla que de côr não saiba a côr do seu pavilhão. Poderosas companhias carregam gente de cá para lá sem descanso; os seus *arrieiros do mar*, nome pitoresco que o padre José Agostinho dava aos capitães de navios, são dos mais peritos; os seus marinheiros dos mais experimentados. A Inglaterra tem companhias poderosas? Pois a Alemanha as terá, disse. Há pesca, armações de grande poder na Inglaterra? Pois a Alemanha não tardará a tê-las. E se na Inglaterra, a White Star Line é uma poderosa companhia com mais de 30 navios, dos quais 5 teem mais de 20:000 toneladas, e 24 mais de 10:000, e a Cunard Line, também de Liverpool, tem entre a sua frota 14 de mais de 10:000 toneladas, entre êles o *Aquitânia*, o *Mauritânia* e o *Lusitânia*; também a Alemanha tem as suas companhias hamburguesas, a Hamburg Südamerikanische Dampfschifffahrts-Gesellschaft com 52 navios, e a Hamburg-Amerikanische-Packetfahrtachien Gesellschaft com 297 vapores, entre os quais 2 de mais de 30:000 toneladas, 4 de mais de 20:000, 10 de mais de 15:000 e 16 de mais de 10:000. É esta companhia a possuidora do *Vaterland* e do *Imperator*, e na sua frota está o *Cap-Trafalgar*, o maior navio de carreira regular que vinha aí ao Tejo. Pois os inglêses

fizeram a sua linha América do Norte com a Cunard Line, a White Star Line, a Canadian Pacific Line, que tem 52 navios, a que pertencia o *Empress-of-Ireland*, naufragado últimamente, a Allan Line, a Donaldson Line, a Anchor Line, a Atlantic Transport Line, a Leyland Line, e apesar disso os alemães puseram a rodar por êsse Oceano, à compita, os navios das suas Hamburg Amerika Line, Norddeutscher Lloyd, de Bremen, e da North German Lloyd.

Para a América do Sul se os inglêses teem a Liverpool, Brasil & River Plat Steam Navigation C.º Ld., Lamport & Holdt Ld., com 31 paquetes, todos apelidados homens célebres, onde nem falta um *Camões*; a Booth Line, a Royal Mail Steam Packet Company e a Pacific Steam Navigation, a Alemanha tem nisso a Hamburg Amerika Line e a Norddeutscher Lloyd.

Mas as companhias, o comércio alemão não descansam. A Union Castle Line, a The Blue Funnel Line, a Natal Line, a Harrison Remrie Line e outras inglêsas iam à África? Pois lá estavam a competir a Deutsche ast-Afrika-Line. Á Austrália a Inglaterra? Lá está a Alemanha. Ao Mediterrâneo? Ao Levante? Á Índia? Ao Japão? Ao Pacífico? Sempre a Alemanha. Ela tem uma companhia que só vai buscar petróleo, a Deutsch Amerikanische Petroleuns-Gellschaft com 36 navios, dos quais o mais pequeno é o *Gut Heil* com 2.000 toneladas, tem

outra companhia que só transporta frutas para Hamburgo, um dos grandes centros de comércio de todo o mundo. Se a Inglaterra tem algumas centenas de navios de pesca, a Alemanha tem também mas... mas o navio alemão por pirraça tem mais meia dúzia de toneladas do que o inglês.

Quando olhamos para a marinha mercante inglesa ficamos deslumbrados por tudo, até por alguns armadores de uma excentricidade metódica. Assim Burrell & Son, de Glasgow, tem 31 navios, todos, excepto 1, da letra S; Cayser, Irvine & C.º Ld. tem 57 todos *Clan* do qual o maior é o *Clan-Farguhar*; Hogarth, Hugh & Sons, de Glasgow tem 32 *Barões*; Rankin, Gilmour & C.º Ld. tem 20 todos santos. Há os santos mais esquisitos e as santas mais levadas da breca; Knott James tem então 39 *Príncipes* onde até há um *Portuguese-Prince*. Verdade seja que não lhe falta um *African* e um *Chinese-Prince*.

A marinha alemã é grande também mas vê-se bem que tudo nela é calculado. Os seus grandes paquetes mesmo, são adaptáveis a transportes de guerra, visto serem construídos com uma certa interferência do almirantado alemão e terem os seus paióis de carvão dispostos de maneira a poderem proteger dos tiros as suas máquinas.

Por tudo isto se vê que a guerra já de longe

vinha e que ela não é de quando rebentaram as hostilidades e o primeiro combóio depositou na fronteira da França alguns milhares de homens armados. A guerra é de há muito. De quando, após 1870 a Alemanha sonhou reinar nos ares, triunfar na terra, dominar nos mares. A guerra? Há quantos anos ela dura! Mas há pouco a Inglaterra ergueu o punho de lá das suas ilhas e disse: O mar é meu, apenas meu! E parece ser verdade que perguntam as ondas, os cetáceos vagabundos, a pupila soturna dos faróis, se já não é dêste mundo a bandeira trilistrada da altiva e invejosa Germânia?!...

1914.

Nota da segunda edição.—O *Cap Trafalgar* era um maravilhoso paquete, irmão mais novo do *Cap Finisterre*. Foi posto ao serviço em Setembro de 1913 e fôra construído em Hamburgo, nos estaleiros Vulkan. Deslocava 23.300 toneladas, tinha 22 m. de largura e 170 de comprimento. As suas máquinas davam 16.000 cavalos de fôrça e a sua velocidade era de 17 nós. Afora a tripulação tinha acomodações para 1.632 passageiros. Era luxuosíssimo e estava pelos alemães armado em corsário. Foi ao fundo em combate com o *Alcantara*, inglês, nas costas do Brasil. O *Cap Finisterre* de 14.457 chama-se hoje *Taiyo Maru* e pertence ao Japão. Foi construído em 1911.

A BÉLGICA

A Bélgica não é já uma nação trabalhadora e pacata, um bom país burguês e exemplar. É um poema. E aparece-nos, agora que a guerra passou ali com o seu passo formidando, como o país de uma velha legenda onde cada herói surgiu das entranhas da terra largando a lâmpada de mineiro para tomar a espingarda de guerra. *Le pays noir!* Quem diria que Constantin Meunier havia de fixar aspectos supremos de um país de suprema glória. A B élgica, imenso *atelier* tornou-se um imenso campo de batalha. As chaminés dos altos fornos ouviram agora pela primeira vez o ronco do canhão, e o retrato severo de Carlos, o *Temerário*, que Van der Weyden pintou, olhou talvez pela vez primeira o desfile dos novos bárbaros.

Bruxelas é uma pequena jóia e pasma a gente de terror ao sonhá-la transida pelo rodar dos automóveis blindados, dos canhões de sítio, dos carros de munições. Bruxelas conhecia já a

guerra, mas de tempos imemoriais ou de telas dos seus museus. Quando os burgueses tinham a digestão belicosa podiam pousar os olhos ou no *Episódio da Revolução de 1830*, de Wappers, ou na *Tomada de Jerusalém por Godofredo de Bulhões*, de Verlat. E satisfeitos com o seu Deus, o seu burgomestre e a consciência de tarefa cumprida ei-los a ir ver a micção poetica do garoto que Dusquenoy em 1619 pôs na cidade para que o bom cidadão em dia de festa o fardasse e lhe pusesse um chapéu armado sem o interromper na função de verter águas risonha e eternamente.

Foi na Bélgica, na província do Brabante, país de paisagens e florestas, que Napoleão Bonaparte viu empalidecer a sua estrêla. Lá está Waterloo e lá, sôbre o lugar onde o último quadrado da guarda tombou, resta ainda o monumento de Gerome: *L'Aigle Blessé*, uma bandeira, águia de madeira e sêda, tombada por terra uma águia encarniçando-se ainda na defesa, tombando afinal sôbre a sua mortalha de sêda tricolor: *La Garde meurt et ne se rend pas*. Tôda uma evocação, a Bélgica!

Louvain. E eu ao saber Louvain bombardeada, incendiada, destruída, penso no que terá sido feito daquele antigo, caprichoso e artístico palácio ogival do *Hôtel de Ville* que o tempo havia respeitado de 1463 até ainda há pouco; penso no que terá sido feito daquela linda igreja

de S. Pedro e do vestíbulo gótico da sua Universidade!

Malines, a capital espiritual da Bélgica, como lhe chamava um grande espírito francês. O museu, a sua catedral. Que será feito da *Pêche miraculeuse* e da *Adoration des Mages*, de Rubens. Estarão já a caminho da Alemanha, no carro de saque de algum general ladrão e colecionador? Nada se sabe.

Pensa-se um pouco na Flandres e nos mineiros, trabalhadores e artistas de Meunier. Novamente a gente sonha com o artista, cisma, se enternece. Vê depois o Meuse serpenteando, e mais além a arcaria bizarra do Palácio da Justiça, em Liége.

A Bélgica agranda-se, evoca o passado, e é um país onde se estava bem. O seu ar de burguês rico era contrabalançado pelo ar de oficina e pela atmosfera de museu. Os belgas? Julgavam todos que fôsem animais de carga, indolentes, nada patriotas, burgueses apenas para quem a algibeira e o estômago tudo era. Afinal vem a guerra, a nação imune pelos tratados é atacada, calcada, violentada. Nada fica de pé. Não é bem assim. Francisco I disse que tudo se havia perdido menos a honra. Os belgas não perderam, ganharam. O povo que ontem ninguém tinha em valor guerreiro sopeou os ímpetos ao maior guerreiro do mundo e vá êle onde fôr, na derrota ou no apogeu da vitória

há-de sentir sempre aberta no flanco a ferida que lhe fêz o soldadinho belga.

As obras de arte? Que será feito dessa Bélgica museu tão preciosa e linda? Que o Deus das batalhas, se existe, se tivesse amerceado dela. A arte é imortal? De-certo. Mas não é de-certo a melhor maneira de restaurar obras primas o despejar-lhe em cima uma avalanche de tiros de espingarda...

A INGLATERRA

NINGUÉM contesta que, se a Alemanha fôr vencida, se a águia negra tombar sob o seu férreo capacete, isso se deve em grande parte à Inglaterra. E tanto assim é que a Alemanha inteira se ergue no ódio contra a Inglaterra. A França? Mas a França é grande, generosa, valente, leal, diz. A Rússia? Pobre nação de servos. A Bélgica? Leal, valente, generosa e grande nação. A Inglaterra não. Para a Inglaterra se guardaram tôdas as invectivas, todos os rancores. Raça de cães, filhos de cão, vendidos, miseráveis. E os prisioneiros ingleses são tratados como se realmente fôsem tudo isso.

Encobrir a fôrça alemã seria loucura. Não há dúvida que ela é espantosa e que o povo alemão tem os seus reservatórios cheios de há muito para a colisão de agora. Mas, não contara com a Inglaterra. Tôda a Alemanha parece simbolizar-se no «Emden». Perseguiu, venceu mas acabou por ser vencido. É que no mar ape-

nas uma nação dá leis. Essa é a Inglaterra. Por tudo. Desde a sua posição geográfica até ao carácter dos seus habitantes.

Depois a Inglaterra apesar-do seu feitio comercial é antes de tudo um país de marinheiros e de audaciosos. Nelson, o maior marinheiro dos tempos modernos pertence-lhe. Drake, Raleigh e Hawkins são seus filhos. Quando a Espanha, aí por 1587, pensou em invadir a Inglaterra, Drake incendiou-lhe o esquadra formidável dentro do pôrto de Cadiz, esquadra que se compunha dos maiores navios conhecidos.

A Espanha não desistiu. Fêz outra esquadra e fê-la chegar a Inglaterra. Tonteria vã. Lá ficou quási tôda de Falmouth até às costas da Holanda, afundada, canhoneada, encalhada, ardendo uns navios, outros tombados pela água sôbre a areia. Medina Sidónia, o almirante espanhol bem tinha ímpetos de leão. Mas tudo falhou. Depois das areias da Holanda as costas da Noruega. Depois ainda para os fugitivos, a Irlanda onde foram desfazer-se trinta e tantos galeões. E os poucos que lograram voltar a Espanha tão estropiados voltaram que para mais nada serviram. Que conseguiram os espanhóis? Nada, senão firmar ainda mais o poderio da Inglaterra. A batalha dos Açôres com os espanhóis? Mas eram seis velhos barcos ingleses contra 53 espanhóis. Sir Ricardo Grenville lá morreu e o seu navio tal resistência ofereceu

que foi a pique em dois dias apesar-de todos os esforços espanhóis para o conservar, como troféu do velho «Revenge» a bordo do qual Drake batera a Espanha.

Depois, nesta guerra, tudo mudou. A Alemanha que se dizia forte e leal, abriga a sua esquadra e semeia minas. Ao *raid* de Heligoland responde com torpedos e submarinos. Os seus navios só se batem quando superiores em número ou quando obrigados a isso. O «*Emden*» faz proezas de meter no fundo incautos navios de comércio. No Pacífico a esquadra alemã apanha desprevenida a inglesa e bate-a a medo. Mas a desforra não tardou. Tôda ela, a esquadra alemã deve estar agora no fundo do mar sonhando a sua lenda malfadada.

Que os alemães são fortes e valentes? Quem o contesta? Mas que nunca mais o pôrto de Lisboa viu demandar a sua barra um navio seu certo é. Então, onde a superioridade arrogante da marinha fadada para o ataque, da esquadra fadada para o triunfo? Se a Inglaterra não interviesse, o comércio alemão correria mundo hoje. A esquadra alemã teria já descido a Bologne e a Calais, teria já procurado o Havre e teria bombardeado tôda a costa. A esquadra francesa? Mas sabe tôda a gente que seria uma luta desigual em que a pobre França não levaria a melhor! Para se saber da formidável fôrça militar é lançar os olhos para o mapa e ver como êle ainda

pisa o Luxemburgo, quási tôda a Bêlgica e uma tira da França, e como por vezes, quando respira, se infola até à Rússia.

A Turquia, com a sua política, não tendo ainda causado grande mal aos aliados já ficou sem o seu melhor navio de guerra. A Inglaterra começa a responder com a mina à mina e com o submarino ao submarino. No fim de tudo o que pode a Inglaterra perder? Duas dúzias de navios. Londres bombardeada dos ares? Mas isso já ela espera. Navios é questão de dinheiro e tempo, duas coisas que lhe não faltam; quanto ao bombardeio êle é já esperado até para ser pago à vista. Mas ainda a procissão vai na praça. Se isto é uma guerra de morte, morrerá a Alemanha a levar de quatro e a dar por dois. Mas se a Alemanha tem a certeza de vencer para que demónio se indigna tanto com a participação inglêsa na guerra? Que demónio! Pois não será mais uma bôlsa a engrossar o tributo que a Alemanha embolsará depois? A Alemanha! A Alemanha vitoriosa! Dar-se há o caso da Justiça Humana ser também feita na Alemanha — *made in Germany* — sem a gente o saber?!...

A INVASÃO DA INGLATERRA

EDGAR Poë, o macabro autor do *Corvo*, deu num conto a situação actual da Alemanha. Intitula-se *O Poço e o Pêndulo* e tem por assunto um prisioneiro que, encerrado num recinto escuro, amarrado, vê hora a hora as paredes avançarem para si e, mercê de um complicado engenho de relojoaria, minuto a minuto descer sôbre o seu corpo um monstruoso pêndulo onde brilha uma agudíssima lâmina.

Mau grado o esfôrço da Alemanha, as paredes que a cercam de cada vez mais a comprimem. É a Rússia batendo já às portas da Prússia Oriental. São os aliados dentro em breve acampando nas margens do Rheno. Entretanto, ébria de furor, sequiosa de *kolossal* a Alemanha busca vingar-se. Desistiu já de como um raio atravessar a Bélgica, derrotar a França e ir ditar a paz a Paris. Desistiu já de opor à Rússia as tropas que desfilaram vitoriosas sob o Arco do Triunfo. Desistiu mesmo já de coisas que ela sonhou lá algum dia que havia de desistir!...

Entretanto fala na invasão da Inglaterra. Que o seu estado maior teria já fabulado o piano, não o poremos em dúvida, sabido como Moltke o dissera e von der Goltz o repetira : «A invasão da Inglaterra, julgada já praticável de um pôrto da França, no tempo da navegação à vela, é considerada como possível, tomando como base da partida um pôrto alemão».

Esta coisa, como tôdas as coisas, teve a sua época e lembra-nos até de um interessante artigo que por essa ocasião, aí por 1910, o comandante Davin publicou nas *Questions Diplomatiques et Coloniales*. A própria Inglaterra se alarmou, do parlamento aos faroleiros da costa, e Lord Roberts foi então mais do que nunca o apóstolo da nação armada. Para êle, os 370 mil homens do exército eram nada. Precisava pelo menos de dois milhões.

Entretanto a Alemanha preparava a invasão da Bélgica, a derrota da França, o pelourinho da Rússia e os planos da invasão da Inglaterra. Então *Væ victis*.

*

*

*

A Alemanha não pensa já na invasão da Inglaterra e as sortidas de submarinos e as que porventura se lhe seguirem de Zeppelins, outro fim não teem senão perturbar a grande nação, que com seus pulsos de aço há-de estrangular

a águia imperial. Não pensa, mas, mesmo que pensasse, bom será ver como e de que forma o faria. Com Zeppelins? Impossível. Está já por terra tal idea. Supondo que cada um transportaria 20 homens, para desembarcar 10:000 seriam precisos 500 aparelhos. E a *atterrissage*? E o mau tempo? Não contando alguns que a defesa inglêsa destruiria. Pensou-se no aeroplano depois e até o capitão Thelluck escreveu a destruição de Londres, por aviadores famigerados que dejectariam cargas de dinamite sôbre os tanques de petróleo que inundariam a cidade. E logo os 80:000 alemães que há em Londres deitariam fogo. «Nem todos os bombeiros inglêses o lograriam apagar».

Bonito, mas tem o inconveniente de supor a dormir os aviadores inglêses e deserta a cidade de Londres.

Quanto à invasão, pondo a manobrar a esquadra, comboiando os navios transportes, essa ainda é mais inexequível.

Supondo que os alemães tomem Calais, Boulogne e Dieppe, o que presumiria um espantoso recuo dos aliados e uma derrota, nem por isso a esquadra inglêsa deixaria de hostilizar o litoral, tornando insustentável a permanência nêle. Que montariam em Calais os famosos morteiros de 42? Mas não poderiam êles ser desmontados ou inutilizados pelo fogo da esquadra? Depois não necessitariam os alemães de um grande efectivo

de tropas, para cobrir a sua occupação? E a dar-se a pratida de Boulogne ou Calais, os fortes inglêses ficariam mudos? Não existiriam já aviadores aliados? E nem sequer um mísero submarino aliado escaparia para torpedear o combóio invasor? Não! ponhamos de parte a bravata kaiseresca da invasão pela França, que ainda nem sequer pisam os desejados pontos.

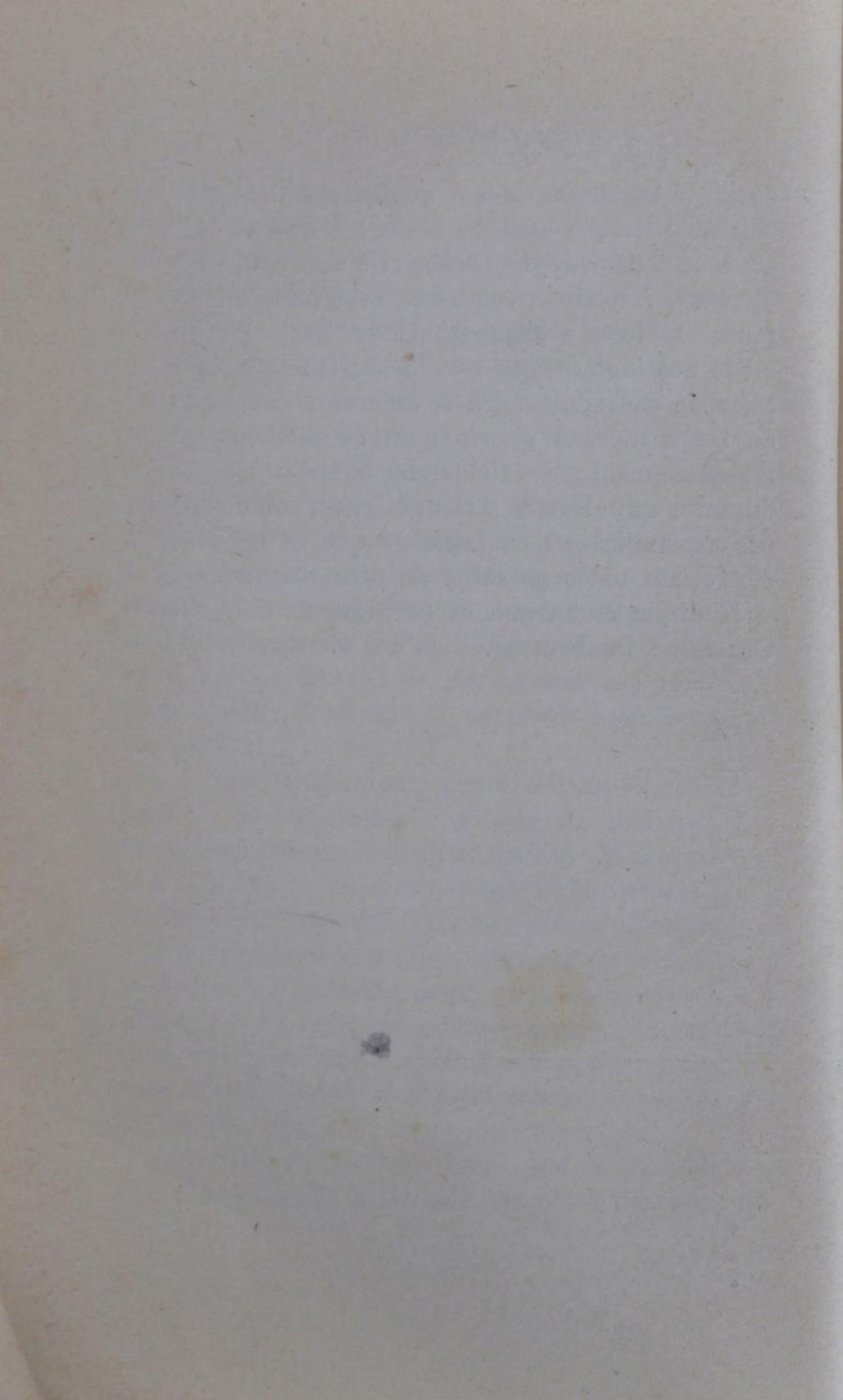
Quanto à invasão saída da Alemanha, as contas estão já feitas. Belfour calcula que para transportar 70 :000 homens são necessárias 200 a 250 :000 toneladas. Para transportar 200 :000 seriam precisos 85 paquêtes, o que daria uma coluna da extensão de 50 quilómetros com intervalos de 400 metros. Se formassem compactamente, peor. E no caso de surprêsa, «que hecatombe».

Ora a Alemanha está a 370 milhas da costa inglêsa. A velocidade de 20 nós são 18 horas. O general Bonsart von Schellendorf até traçara já o caminho. A esquadra alemã daria combate à inglêsa, emquanto êste combóio invasor tomaria o largo, bordejando a Dinamarca, tendo deixado o Weser e o Elba de noite, para obliquar em direcção à Escócia, onde o desembarque de surprêsa seria facílissimo. Depois Londres e em Londres a linda abadia de Westminster, e então seria ditada a paz.

Que sonho! E ainda dizem que os alemães são taciturnos! É claro que, papalvos de todo,

os ingleses, acorreriam à negaça naval alemã, deixando livre o mar do Norte ; é que não há em tôda a costa inglêsa telegrafia sem fios, submarinos, faroleiros, combóios, telégrafos e telefones. E logo a esquadra alemã daria de tal modo nos ingleses que não lhes deixaria um escaler de couraçado para ir esperar ao caminho do lar a invasão vitoriosa ou os combóios de reabastecimento e calculando também que os duzentos mil alemães seriam eternos, como eternas as munições e os farnéis e que os ingleses morreriam todos ao saber do desembarque.

E dizem então que os portugueses é que... Ora essa! Ponham os olhos nos alemães...



JELlicOE

A Alemanha extravasou na Europa em sangue e gritos. Atiçou a Áustria contra a Sérvia. Como um ébrio valentão e zaragateiro deu-lhe para desafiar a Rússia. Depois como a onda vermelha se lhe alargasse foi ao outro extremo do mapa emberrar com a França. Podia passar sem pisar ninguém, fronteira como é. Mas não. Havia ali o Luxemburgo, a Bélgica e a Holanda, pequenos e pacatos espectadores? Pois logo ela começou a fazer ruído e aos sôcos a quem estava. Mais distante a Suíça ouvia? Pois também a Suíça entraria na baila. E hoje telegramas dizem-nos que a Alemanha enviou um *ultimatum* à Itália. A Inglaterra começa agora a dar. E a gente supõe um vento de insânia soprou na cabeça do *kaiser*, ou que êste gesto de declarar guerra à Europa mais não é que a eclosão de uma loucura fanática, um sonho megalomano de ser o enviado pelo Deus dos Exércitos para dominar sôbre os reis e as nações, novo Napoleão sem possível Waterloo.

Talvez. As bravatas da Alemanha ébria de sangue sob o seu capacete branco de águia esvoaçante, a Inglaterra disse apenas — *Guerra: Jellicoe*. Guerra sabe o leitor o que é. Sabe decerto. O seu padre Vieira o diz: «aquele monstro...» Jellicoe, se o leitor não sabe fique sabendo que é o nome do almirante em chefe da esquadra inglesa.

Quem é Jellicoe? É um marinheiro. Novo? Velho? Novo ainda? Jellicoe tem 42 anos. É uma coisa espantosa e entontecedora esta. Ter 42 anos e mandar a mais formidável esquadra na mais espantosa guerra de todos os tempos. Ser o Senhor, Senhor com *S* grande, absoluto, completo de tudo aquilo, homens, máquinas, canhões, bandeiras. Ter o direito de matar, ter a obrigação oficial de destruir, matar para não ser morto, destruir para não ser destruído! A estas horas não há nesse mundo mais populoso do que todo Portugal que é Londres, não há na Grã-Bretanha nome maior: Jellicoe. Ele levou o que a Inglaterra tem de maior — a sua armada. Ele levou todos os sonhos, tôdas as esperanças. E eu penso um pouco no que será agora o cérebro dêste homem!? Que formidável luta se não desencadeará ali dentro! Quando a esquadra saíu para o mar, luzes apagadas a bordo, faróis apagados em terra, lá em baixo o Oceano, negro, martelando contra as chapas da couraça, escutando os rumores do largo, olhos perscrutando

o horizonte, o que êle não deve ter sentido!? Dormiria? Como seria o seu sono? Como será a sua vela?

Saber que se traz a honra de uma pátria, que milhões de homens teem os olhos fitos em nós, deve ser a maior das torturas só equivalente à maior das honras que é receber uma honra tal.

Jellicoe era até há poucos anos um oficial de marinha apenas. Uma das manobras que a Inglaterra costuma fazer, promoveu-o a contra-almirante por distinção. Depois, em teoria apenas, derrotou a esquadra inglêsa. Nas últimas manobras, traçando-se no almirantado o plano da defesa da Inglaterra pela *Home fleet*, êle declarou que atacaria e venceria. Disse e cumpriu, que tomou abastecimentos de petróleo e carvão à esquadra de defesa. Foi tamanho o choque que as manobras terminaram *in conti-nenti*, conservando-se secretos os seus resultados. Agora a Inglaterra vai para a guerra. Deu a Jellicoe o comando da sua esquadra. Tal é o almirante e tais são os seus quarenta e dois anos.

Não é êste homem um artista, um homem que nos saiba descrever o tormento das suas noites, a angústia das suas responsabilidades, com a trágica sinceridade de Rousseau nas *Confissões*, ou com o tolstoiano estoicismo do Dr. Veressaieff nas *Memórias de um médico*. Êle decerto ignora como se faz a anatomia de

uma alma sôbre o marmóreo branco de uma fôlha de papel. Êle sabe apenas como se vence ou como se morre, sabe apenas ler nos astros os sinais de borrasca e na salsugem das águas a profundidade marinha. Sabe como o projectil fura a couraça e onde está o coração, o ventre ou os rins do navio para regular mais certa a sua pontaria. Sabe como as ondas são gigantescas e os bramidos que o mar tem quando se enfurece. É muito. Mas, ah! se êle soubesse escrever?! Se êle soubesse taquigrafar o pensamento, e dar-lhe tôda a tormenta que vai nas almas, êste Jellicoe marinheiro e gloriôso, seria, só com essa página, mais célebre do que todos os escritores dêste século. Jellicoe? É preciso ser um grande homem para não recuar diante de tão grandes responsabilidades. Que quem no diz a nós se êste homem sente, se êste homem a esta hora sabe de alguma coisa mais do que de procurar no horisonte uma bandeira alemã para lhe enviar, como cartão de visita, o mais certo dos seus tiros de canhão?...

ICONOGRAFIA DA GUERRA

NENHUM país certamente tem como esta França das batalhas mais aureolizado o seu exército, mais estremecido o seu Napoleão. E, raça de batalhadores que nós fomos, o que do nosso valor combativo deixaram os artistas da pena, em França o fizeram os da paleta.

Em Paris em tôda a parte se encontra a saudade da guerra. Vê-se que é a antiga casa de um conquistador. E assim a *Guerra*, êsse mancebo nu armado de maça que passeia indiferente o seu corcel por sôbre montões de cadáveres, como a pintou von Stuck, tem na pintura francesa lugar proeminente. Está no Louvre, está nos Inválidos, está em Versailles, está no Luxemburgo. Por isso, quando nos debruçamos sôbre o caixão do génio da guerra, êsse *petit caporal*, que sonha talvez, nos mundos onde existe, em combates de titans, a gente sente rufar os tambores, o cadenciado da marcha, o tropear dos cavalos, o tinido das armas, o rodar da artilha-

ria e o vento a ondear na águias tremulantes que passam. É a *Epopéia* de Rouffet. É o génio da guerra que se anima, são as telas dos museus que vem ali desfilar.

*

* *

A guerra será eterna, não perecerá nunca, mas os pintores é que amanhã não a terão por assunto favorito. A guerra, dia a dia, perderá a sua arte, a sua poesia. O soldado não é já o lutador grego, nem o gaulês de grandes bigodes pendentes e capacete bicornado; a maça de armas e o montante, o franquisque dos wisigodos e o arcabuz das guardas suíças, são já coisas ridículas. A indumentária dos exércitos simplifica-se. As côres berrantes dão lugar às côres baças. A cota de mailha e o manto dos templários e dos cruzados, a armadura de aço que deu o Verrochio, o Colléonio, o chapéu emplumado dos tudescos, a sobrecasaca do século XVI, as calças listradas dos soldados da revolução ou as barretinas peludas dos granadeiros da guarda, o gorro imponente dos *hussards* do imperador e as barretinas do Império, tudo isso, tôda essa gala de policromia, se apagou e desfêz, vivendo apenas na tela dos pintores e na *vitrine* dos museus. O soldado de hoje não tem já as grandes batalhas campais onde os esquadrões galopem

para se entrechocar. As abordagens, que deram a Tintoreto uma tela rica de coloridos, passaram à história.

As scenas como a do artilheiro Barailler em Marengo, defendendo até à morte a sua peça, que inspirou Lalauze, raramente se repetem. Hoje combate-se a quilómetros de distância. A grande artilharia encurtou a arte de matar. Minas submarinas defazem em segundos couraçados e centenas de homens, como nesse *Petro-pawlosk*, na guerra russo-japonesa. Um homem sentado a uma metralhadora pode dizimar um regimento. De maneira que o soldado hoje combate e morre muitas vezes sem ver o inimigo. Uma bala perdida é a morte que passa. Um arrepio, mãos que largam a arma procurando apoio, um baque, é a morte que chega.

*

*

*

Mas deixemos, que era belo, êste sonho de pintores, compondo epilepsias de tropa em heroísmos encorajantes. É ver a epopea napoleónica na tela. Napoleão, a cavallo, medita. É um campo de mortos. À sua frente empilha-se uma porção de cadáveres. Armas partidas, um tambor e uma águia esfarrapada da metralha jaz apertada ainda nas mãos enclavinadas do seu

fiel guardador. É uma tela de Desvarreux —
Os defensores da águia.

Motte dá-nos *Os dois últimos quadrados de Waterloo*, a veteranagem do imperador defendendo-lhe a glória.

Checa dá-nos essa espantosa scena da ravina de Waterloo, que Chartier também evocou no Salon de 1907.

Yvon faz passar ante nossos olhos os sombrios dias da retirada da Rússia; a figura de Ney carregando a espingarda para afugentar a revoada dos cossacos e dos corvos.

E as cargas de cavalaria?!... Se o leitor vibra, evoque e sinta que a scena bem o vale. *Lassale carregando em Wagram*, por Sigriste. *O 7.º de hussards à carga*, por Lalauze, e então as célebres cargas de 1870, por Morot, quadros turbilhões, quadros que parecem de repente animar-se para começarem de vortilhão a galopar com estrupido, passando numa avalanche, deixando no ar o somido do trovão e a poeira de uma derrocada!...

1870 galvanizou a pintura militar e deu telas esplêndidas. Defesa de habitações, defesa de barreiras, defesa de cemitérios, o terreno disputado palmo a palmo, os ulanos com as suas bandeiras, os bávaros com os seus capacetes, os prussianos com seus bonés e capotes a tiracolo. E depois ainda os quadros como o *Rêve*, de Detaille, um regimento bivacando ao relento, em-

quanto no céu passam, envoltas na bruma do sonho, legiões gloriosas, águias triunfantes, entre hinos de glória numa apoteose ideal...

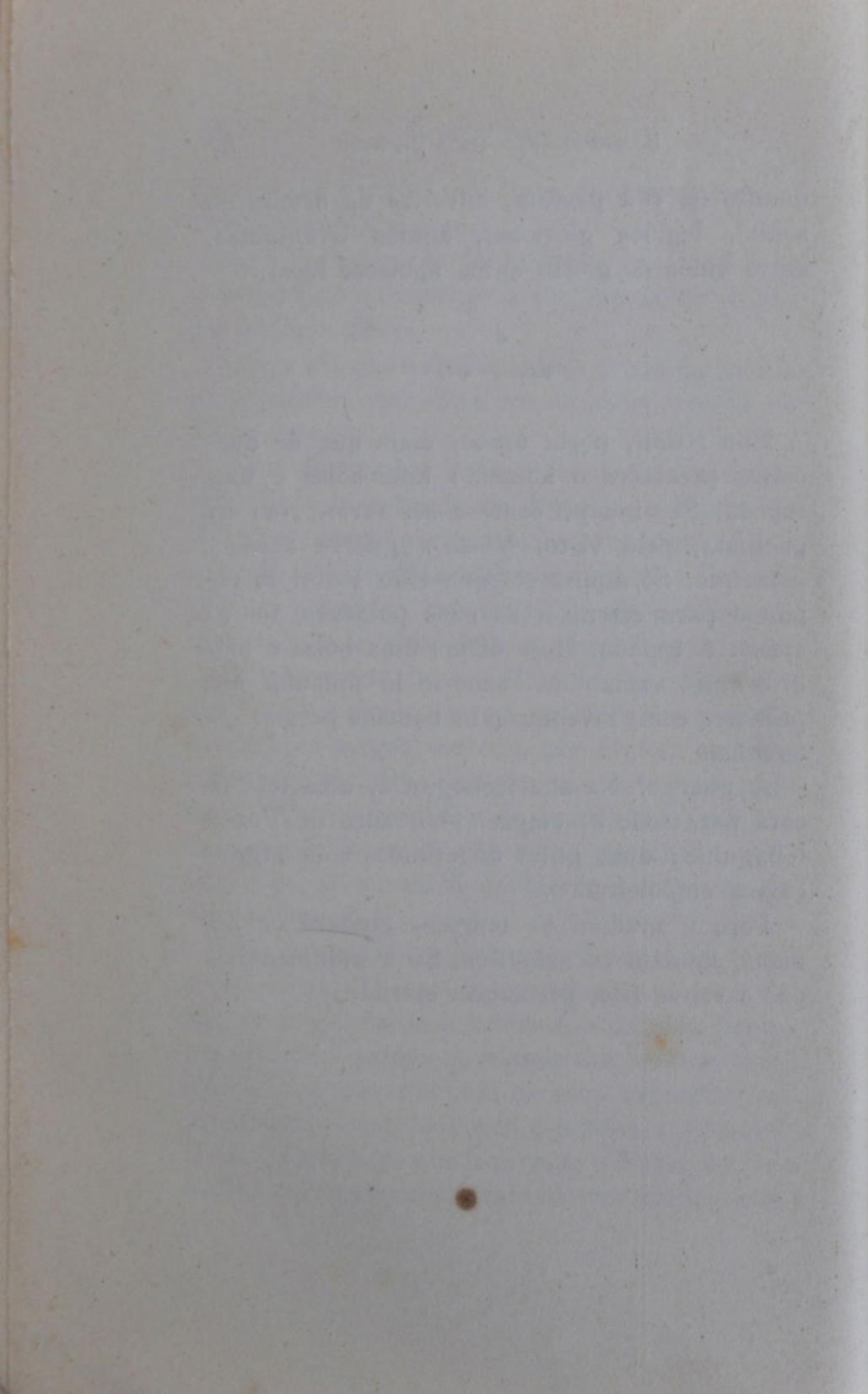
*

* *

Ebu Rumi, poeta árabe, dizia que de duas coisas precisava o homem: uma bôlsa e uma espada. Ser independente e ser forte. Não era pacifista, pelo visto. Vê-se a guerra desde o princípio. Só aquilo em que Ebu Rumi se enganou para eternizar as suas palavras, foi na arma: A espada. Hoje diria: uma bôlsa e uma *browning*. Amanhã... sabe-se lá amanhã que pestífera coisa inventarão os homens para se exterminar ...

A guerra? Na sua iconografia, uma tela ficará para todo o sempre. O quadro de Verestchaguine: uma pilha de crâneos com alguns corvos empoleirados.

Porque mudam os tempos, mudam os homens, mudam os exércitos. Só a indumentária das caveiras fica, permanece eterna...



A ARTE E A GUERRA

DIZEM os periódicos que o imperador Guilherme encarregou um pintor famoso de, em automóvel, andar pelos campos de batalha, a colhêr impressões e a fixar assuntos para quadros flagrantes, onde as águias germânicas apareçam desfraldadas a todos os ventos da vitória. É ainda a velha preocupação de bater a França em tudo, até no que ela tem de tão invencivelmente grande que não basta dinheiro, canhões e um mercenário borra telas com o sêlo imperial. Seria possível vencer a França, mas não seria a Alemanha capaz de fazer esquecer Detaille, Morot, Neuville e outros tantos que em alguns metros de tela tornaram a França imorredoura.

Se a Alemanha quere assuntos, tem-nos já que farte. A tela que representasse o exército alemão incendiando Louvain com o seu generalíssimo a regar de petróleo as obras de arte preciosas que dentro dela se guardavam, teria tão vívido colorido como alguma daquelas telas

de Rochemousse, que representam a pilhagem de cidades pelos bárbaros. O tiro ao alvo em vitrais seculares, pequenas obras de incalculável valor, dariam uma tela tão curiosa como aquela que representa um combate de galos rodeado de hilares espectadores. Muitos assuntos teria de certo o pintor como «alemães fazendo fogo sobre a cruz vermelha», «um hospital destruído pela certeza do tiro dos nossos bravos artilheiros» e outros que o seu génio buscará, por isso que lhe pagam e um carro o leva a trotar gazolina por essas terras destruídas.

1870 deu à França algumas dezenas de esplêndidos quadros. Conhece o leitor a *Defesa do Cemitério de Saint-Privat*, de Neuville? Pois é uma coisa famosa, ver um cemitério transformado em último reduto e ver tumbas transformadas em trincheiras, mausoléus tornados abrigos e por entre a rosas e madre-silvas, a malvarosa e as sardinheiras de algum morto lembrado, surgir o cano de uma espingarda a vomitar o seu tiroteio feroz. E de Neuville não se lembra o leitor dos *Últimos cartuxos*? Foi no Sedan, de negregada memória. Uma casa onde os feridos, a dente fazem envólucros para pólvora e as portadas foram dentro com o estampido do tiroteio.

De Morot, decerto sabe da *Carga de couraceiros em Rezonville*. É êsse adorável quadro, de Neuville ainda, que é a partida do regimento.

A tropa marcha através as ruas da aldeia. Um sargento volta-se para beijar, quem sabe se pela última vez, a mulher ou namorada desfalecida, enquanto outro sedento a uma porta bebe e um oficial atenta a marcha...

De Detaille, o leitor ouviu ao menos falar no seu quadro dos artilheiros: *Em bateria*, que do *Sonho*, o bivaque, em que no céu passa o desfile glorioso das legiões, nem falamos, tão conhecido é.

É Morot tem ainda uma soberba *Carga do 3.º de couraceiros em Reischoffen* e a *Carga do 8.º e 9.º*, também de couraceiros dada em 1870.

É aquele quadro *Um bravo* em que um paisano vem para a rua e de joelho em terra se entretêm a disparar sôbre os inimigos da pátria?

Ah! se o *kaiser* sonhou fazer na tela o seu triunfo, palpita-nos que não o terá nunca. Neuville, Detaille, Morot e outros andaram lá, viram de lágrimas nos olhos o desastre e sabiam como batiam naquela hora trágica, corações franceses: assistiram ao quebrar de muita espada e ao suicídio de muitas ilusões. Estiveram nos campos de batalha e nos hospitais, feridos. Naquela pintura há coração e há voluntariedade.

Pobre pintor do *kaiser*, quem quer que êle seja. Se a sangueira, os disparos e o clarão dos incêndios lhe não criarem a repugnância do assunto, que de novo nos poderá êle fazer?

A grande, a generosa França! É que se os franceses vencerem, prova-se que os alemães se defrontaram com o quadro de Roll que se conserva em Versailles — *Halte-lá!* um francês tomando o passo ao germano audacioso. Se fôrem vencidos, os alemães verão ainda o quadro de Georges Bertrand, *Patrie*, que se conserva no mesmo museu; a condução de um porta bandeira ferido, abraçado ao estandarte da pátria, e de volta, dispensando-lhe infinito carinho, todos os seus irmãos de armas.

Mas palpita-nos ainda que se em 70 foi *Patrie*, hoje será Roll quem falará. Será *Halte-lá!* E terá ido de todo por água abaixo, o *kaiser* e o scenográfico pintor dos seus triunfos...

A ESPIONAGEM ALEMÃ

TODOS os países espiam, diz o correspondente militar do *Times*. Mas parece estar provado que o país onde a espionagem se considerou a primeira arma foi a Alemanha. Todavia, parece que essa arma falhou, como falharam as outras. Como falhou a sua infantaria, como falhou a sua marinha, como falhou a sua artilharia de campanha. Porque tudo tem falhado à Alemanha, desde a adesão da Itália, à conquista de Paris numa semana. E a gente fica a scismar se os alemães são absolutamente tolos ou se o destino se conjugou definitivamente contra êles!

A espionagem alemã é um estado dentro do estado maior. Como seu baluarte principal, conhece-se o Nachrichten Bureau, que teve em tempos por dirigente o coronel Damc e o conde Waenke. Polvo imenso, os seus braços estavam em tôda a parte, mas especialmente na Inglaterra e na França. Os seus olhos sempre atentos, tudo viam. E assim, a França foi inteira-

mente devassada, e não tinha o mais pequeno segredo para os alemães. Já em 1870, a vitória se pode atribuir à espionagem. Erckmann-Chatrian falam dos inúmeros alemães que, disfarçados em rachadores de lenha, todos os dias passavam e tornavam a passar pelas florestas da Alsácia. E tantas condições tem o alemão de espionagem que nos devemos lembrar que o melhor trabalho do mundo de espionagem metódica e inteligente, é o Bædecker.

E o Bædecker é alemão.

Pois apesar de tudo isso, de sabermos que hoje a espionagem é tudo e que tudo espiona e se precata: O ministro espiona o ministro, o agente consular a praça, o caixeiro viajante o mercado, o adido militar o exército, somos forçados a constatar que a espionagem alemã falhou desta vez. Assim, ela informou que a Bélgica era um país de burgueses pacíficos e surdiu-lhe um país de heróis e de soldados; que o Ulster traria a guerra civil à Inglaterra, e já a estas horas centenas de partidários do Ulster descarregaram as suas armas contra os hussards da Morte, os ulanos ou contra a guarda imperial; que a França seria arrasada num passeio militar e já quasi trescentos mil homens deixaram a carcaça ao verme e às árvores estrangeiras; que ela não tinha um general e Joffre toma a palavra.

Requisitaram quarenta mil plantas de An-

vers, conheciam passo a passo o caminho da invasão da Inglaterra mas, ai deles, tudo isso ruíu, tudo isso se desmoronou. Os seus oficiais eram gerentes de fábrica, *chauffeurs* de praça, caixeiros e até criados de mesa. E não deram conta de como era odiada a temerosa águia germânica!

Singular espionagem!

Bruxelas, Ostende, Paris, Londres eram outros tantos centros de informações. O comandante Ostertag era um espião alemão, que durante muitos anos residiu em Inglaterra. Lá levou o estado maior alemão, para que êle por seus próprios olhos, visse. O imperador Guilherme foi há tempo ver as manobras do exército suíço. Foi apenas espionar. Todo o alemão, do *kaiser* ao carregador, espionava. O aeroplano espiona no ar. É um desdobramento dessa arma essencialmente alemã.

Um espião é homem ou mulher. Capta simpatias, insinua-se, presta favores, adquire familiaridade e chega a conhecer a parte de uma alma que é feita de lodo ou de vício. Quem é o apoquentante credor do coronel X, ou quem é a favorita do ajudante L? Quanto deve ao jôgo o major Y, ou o vencimento das letras do general F? Depois, depois, aí começa a obra diabólica que há-de fazer um traidor. Aí vem o abismo que há-de levar um suicida ou um exautorado. Que importa? Em Berlim, aquilo vale

oiro, oiro sem fim, oiro às bateladas. É por isso que a carta topográfica de tôda a Europa e a planta vil de algumas centenas de almas está arquivada nas repartições do Estado Maior de Berlim.

Todavia, ai de nós que sabemos que nada sabemos! Orgulhoso exército a quem todos os sonhos deliciosos geraram aqui-torturados pesadelos : não soube a espionagem alemã que fuzileiros inglêses e guarda a cavalo se batia em França, se os não topa de baioneta armada pela frente. Não calculava que a esquadra inglêsa lhe dissesse não se passa, se não a visse cruzar o Mar do Norte, canhões visando o horisonte alemão.

Não. A espionagem alemã foi um logro. Se alguns serviços de real valor tem prestado, foram sómente os de noticiar desgostos. Foi ainda um desgosto o abandono daquela marcha militar tão bonita a caminho de Paris, tão bonita e tão preparada. Que demónio! É coisa para meter ferro uma pessoa mandar guardar o seu almôço no Boulevard e não chegar nem à vista das fortificações.

Foi talvez a espionagem alemã que disse ao *kaiser* que a Inglaterra mobilisaria aí uns duzentos mil homens, metendo as mulheres grávidas e os asilos de inválidos. E talvez fôsse também a espionagem quem assegurou ao *kaiser* que o soldado alemão era invencível e que o

austriaco era imortal! Seja como fôr, a espionagem alemã deu em droga. Que eu calculo o que ela terá feito por êste abençoado Portugal. Se isto como dizia o outro era pé em Madrid — los amigos — e depois uma passeata em passo de parada até cá! Que volumoso deve já ser o nosso processo. Mas uma idea nos consola: Ê a de que será a Alemanha quem decerto pagará as custas!!...

O JORNALISMO E A GUERRA

DIZEM as crónicas que foi o *Times* o velho *Times*, fidalgo e negociante, o primeiro jornal que propositalmente mandou um dos seus redactores, depois de préviamente lhe ter apreçado a pele, ao teatro da guerra. O redactor, saibam quantos isto virem, era mister Russel, que pelo nome não perca, já que do espírito tão boa conta soube dar, informando tim-tim por tim-tim qual dos contendores serrava de cima e qual o que na fúria do combate melhor deixava em sangue as canelas do adversário. Foi isto ou era isto por alturas da guerra da Criméa.

Um correspondente ousado nunca vai só e o *Daily Telegraph* passou a imitar o *Times*, exactamente como o *Daily News* imitou o *Daily Telegraph*, como o *Standard* imitou aquele e o *Daily Express* os imitou a todos. Mas o *Times* conservou sempre a sua superioridade e mal sabe o leitor quanto êle e os seus afortunados colegas no grato mister de atafulhar de notícias a escancarada goela da curiosidade pública, suam e gastam para não cairem do conceito a

que se elevaram. Quando foi da guerra russo-japonesa o *Times*, como bom inglês, *times is money*, fretou um *yacht* a vapor pela bagatela de vinte contos por mês. A bordo instalou uma sucursal da redacção. E para que a Europa estivesse sempre ao facto do que se passava lá para a terra dos celestes amarelos, estabeleceu uma estação de telegrafia sem fios em Wei-Hai-Wei. Esta recebia os radiotelegramas de bordo e telegrafava-os imediatamente para Londres através das 12:481 milhas do cabo submarino da Eastern Company. Sete horas e meia depois de ter ido pelo ar o almirante Makaroff, os supplementos do *Times* preparavam-se para espalhar a notícia por tôda a Inglaterra. O primeiro telegrama dessa famosa guerra custou ao *Times* três contos de réis. Principiou voando em Shangaie, topou Hong-Kong e ei-lo que sob as águas encontra Saigon. Mergulha de novo e está em Singapura. Atravessa o estreito de Malaca, o oceano Índico, atravessa a Índia, voa até Aden, sulca o mar Vermelho, topa o Egipto, vai a Malta, arriba a Lisboa e mal tendo tempo de pedir um *whisky*, segue para Londres, onde entra nos escritórios do colosso europeu. É a semente de uma grande colheita. Tudo se transforma. E aquele simples telegrama deita-se aos tipógrafos e colhe-se na casa de venda.

Isto são coisas velhas e o leitor conhece de certo o sr. Archibald Forbes e o sr. Crawford.

Ora imagine que em 1870 êste último cavalheiro, quando foi da rendição de Sédan, trotou a cavalo até à Bélgica. Aí fretou um combóio expresso e ei-lo que desencabrestado só pára em Ostende. E vá de alugar um navio e toca para Londres a levar ao *Daily News* a notícia. Fazem esta façanha, apenas, que eu conheça, os aliviçareiros da lotaria do Natal. Mais modestamente é certo, mas o problema, guardadas as proporções, é afinal o mesmo.

E o leitor deve lembrar-se daquelle *reporter* famoso que, no *Miguel Strogoff*, de Júlio Verne, só para empatar por sua conta o telégrafo se entretinha, enquanto não teve notícias, a telegrafar a Bíblia. Pois olhe que não foi das edições mais baratas a que teve, êste capítulo da Bíblia telegrafado. Custou um par de contos de réis, mas foi o *reporter* que primeiro logrou comunicar.

Em 1848 um correspondente, como o telégrafo não funcionasse, monta a cavalo, sai de Paris em direcção a Calais e atravessa a Mancha debaixo de um temporal medonho, para ir levar a notícia da revolução.

Entre nós não há jornais que se abalancem a êsses cometimentos. Para o público português um telegrama de 3 contos seria uma falência jornalística. Creio mesmo que nunca a nossa adminitração dos correios recebeu tão quantiosa paga por qualquer telegrama.

Em Paris e Londres, onde estas notícias são

não só para satisfazer a curiosidade, mas jogam com dinheirosos interesses, bem está. Depois lá, um jornalista que morre em serviço, como aquele Etzel, correspondente do *Daily Telegraph*, que morreu assassinado numa jangada em águas chinesas, deixa a família remediada. Cá é possível que isso suceda daqui a algumas dezenas de anos. Lisboa está na lista das cidades que no futuro hão-de ser empórios.

Agora o *kaiser* não consente que os jornalistas acompanhem os seus exércitos. Não quiere talvez que vejam as atrocidades que êles praticam. Embora. Êles lá vão, aqui fotografando a cathedral de Reims, ali mostrando os vestígios das chamas, mais além contando como as famosas peças descarregam sôbre a bandeira branca com a cruz de sangue. Nada os tem impedido, nada lhes tem intibiado o ânimo. Chegarão a fotografar o *kaiser* prisioneiro dos russos, ou a caminho de algum couraçado inglês? Não sabemos. Só o que sabemos e isso nos importa, é que anda uma legião dêstes graves peoneiros medindo a sombra dos crimes para os verberar, tomando o corpo ainda quente dos heróis para os erguer numa apoteose. E não são a fôrça que menos fôrça tem. Há hoje um eco profundo de rancor contra os bárbaros que imolam, violam, arrasam e incendeiam, que é obra sua. E êsse clamor há-de afogar bem o estertor, o ronco pavoroso do imperialismo que morre...

CIVILIZADOS!...

FOI há cinco anos. O *Koning Friedrich August* passava então defronte do farol de Viana, nas costas de Portugal. Seriam 11 horas da noite e a animação começava a declinar. O convés ia ficando só, a luz das lâmpadas era mais fôska e só o tam-tam da máquina, o espadanar dos hélices distante e o chofrar das espumas à proa quebravam a placidez sonharenta, evocativa e nostálgica das águas. Ainda, no *fumoir* um ou outro batoteiro se encarniçava diante da desforra, da sanduíche de caviar e da cerveja hamburguesa.

Cá em cima, discutindo, éramos quatro. Três portugueses e um alemão. Eu e outro, ouvintes, um português que apontava os faróis, talvez para desmentir o apodo de costa negra à bela lusitânia e um alemão que assegurava cheio de si que só havia dois grandes povos no mundo: o alemão e o inglês. «Mas iniludívelmente o alemão progride ao passo que o inglês pára. Ora olhem os senhores, deitem os olhos pelo mapa

do mundo e digam se o que não é inglês não é por acaso alemão?! Os ingleses fazem navios? Também nós e maiores. E emquanto a sua esquadra avança, centuplica-se a nossa. De resto, a Inglaterra não tem exército, tem um exército de trazer por casa, e nós temos um exército formidável; a nossa indústria é espantosa de desenvolvimento. Batemos todos os povos do mundo. A nossa arte? Mas nós temos os primeiros ilustradores, pintores maravilhosos, riquíssima escultura. Ninguém faz mais belos trabalhos gráficos do que nós. Somos o centro do mundo. Temos ordem, método, ciência. Quem sabe algo sem ir à Alemanha beber à fonte pura o conhecimento profundo? Laboratórios, museus, bibliotecas; trabalhos supremos de engenharia, de architectura. Somos a pátria de Goethe e de Henri Heine, de Schiller e de Albert Dürer. É o mais potente facho, o projector mais intenso hoje, a civilização alemã».

*

* *

Era engenheiro e dirigia-se à Argentina a instalar não sei que máquinas grandiosas que os guindastes de Hamburgo guardaram lá em baixo no mais fundo dos porões do paquete. Falava o francês como todo o alemão que por obrigação ou vontade tem que ir de longada até terra de

bárbaros. Não era tolo, era confiado. Se o descascassem da vaidade daria um bisonho como qualquer de nós, indivíduo insignificante da, para êle, insignificantíssima raça latina.

*

* *

Um grande jornalista francês escreveu um dia que Roma era o cérebro do mundo, o espírito, e Paris o estômago, a matéria. Se não estava concorde com o francês também não admitia como o alemão que fôsse Berlim o cérebro. Pelo contrário. Um alemão dá-me sempre a idea de um criado de quarto inteligente, mas que, quando chega a patrão, conserva sempre alguma coisa do que fôra. Não. Incontestavelmente Paris é o cérebro do mundo e sê-lo-há sempre. Paris está para Berlim como um estudante de génio está para um estudante aplicado. Êste trabalha anos e consegue, mas são anos. Aquele basta-lhe uma frase pescada no ar, uma vista de olhos, e é tudo. Entretanto dormimos e chegámos a Lisboa. Perdi o alemão de vista.

*

* *

A Alemanha, sedenta de conquistas veiu por aí abaixo a toque de caixa. A França seria ape-

nas um passeio marcial. Que a França não valia grande coisa, pensava o outro. Era um país de superficiais, onde a *blague* tudo era e a ciência não passava de uma coisa fútil. Depois uma casa de molucos, perdendo o tempo em parola e não agindo. Ora enquanto êles, estou a ler o pensamento do meu companheiro de cabine, se põem, uns para os outros, vai lá tu, vai lá tu, a gente cai-lhes em cima fulminantemente, *kolossal*, e escacha-os. Mas já aqui o alemão se enganou. Considerou os franceses parolosos e Jofre, o generalíssimo, é um taciturno, um bicho, de poucas falas e muitas obras, que não perde pitada.

Depois veio o que os senhores sabem. O alemão quási às portas de Paris e a pouco e pouco com a mochila da Alemanha às costas para a Alemanha que o dera à luz.

O engenheiro alemão deve a estas horas ter pisado terras de França e, se uma bala aliada do Direito e da Justiça o não mandou desta para melhor, estar a caminho da Alemanha, «o facho da civilização, o reflector potente». E deve ter sabido que compatriotas seus, tudo alemães inteligentes, incendiaram bosques, vilas, aldeias, assassinaram padres, trucidaram irmãs da caridade, fuzilaram mulheres, violaram crianças, arrasaram hospitais e não deixaram de pé as maravilhas de arte que os próprios bárbaros teriam respeitado. Sabe já tudo isso, de-certo,

porque lhe contaram êsses triunfos quando lhe distribuiram o punhado de aveia da ração — gracinha do seu serviço de abastecimento no tal passeio a Paris, marcial, fero, guerreiro. Sabe já que os seus incendiaram Louvain e puseram fogo ùltimamente à catedral de Reims. Deve saber.

Tenho pena de o não encontrar agora. Queria perguntar-lhe se a civilização alemã, o tal facho e o tal reflector eram aquilo que a gente tem visto.

Que daí, quem sabe lá, talvez que o alemão tivesse agora o desejo de ir a Paris apenas para largar fogo à Notre Dame e fuzilar a Vénus de Milo em nome da civilização que êle e os seus tão dignamente representam...

O PAN-GERMANISMO

E o pan-germanismo? Ah, sim! Está de oratório. Deve breve ser justificado. Matou-o a precipitação dos seus sequazes. O pan-germanismo era um sonho. O sonho de que todo o mundo fôsse alemão. Acorda-se do sonho ao ver como rui a Alemanha.

Que queria a Alemanha! Dominar. Vencer. Dizem uns que queria tôdas as colônias da França. Dizem outros que ela queria tôda a facha que vai de Calais a Brest, com a Bélgica e com a Holanda. Asseguram outros ainda que ela queria tudo. Acredito nesses. Foi essa sêde de querer que a matou. Quem tudo quer tudo perde.. Agora desabava sôbre a França, pulverisava-a, desfazia-a. Amanhã sonharia abrir caminho pelo Tirol até à Itália. E por fim afastaria a Itália à coronhada para vir olhar as águas glaucas do Adriático, sonhada porta para o comércio do Oriente.

Mas na sua impaciência de fazer a guerra, não pensou na Bélgica. A Bélgica era um infini-

tamente pequeno. Era lá gente a Bélgica?! E sôfrega, aflita, não lhe escapasse a ocasião de inundar de sangue a França, ei-la que abate sôbre Liége para passar. E ainda na sua impaciência, a cabeça perdida, ela desafia o mundo todo. Vem a Rússia? Pois venha. A Bélgica? E ri à gargalhada. Esmagar a França, humilhá-la, batê-la, reduzi-la a pó. E ébria, grita: *Viva a guerra!*

Viva a guerra? Viu-se pela primeira vez este espectáculo inaudito: Um sedento de vida dar vivas à própria morte. E tonta, orgulhosa ou cega, a diplomacia alemã não viu o perigo: A Inglaterra. Que, dois erros graves cometeu a diplomacia alemã. Primeiro o de não saber se a Bélgica dava ou não passagem. Erro motivado pelo orgulho de considerar o parceiro, lá por êle ser mais baixo, insignificante e sem valor. Segundo o de não saber se a Inglaterra se mantinha ou não neutral. Porque, bom era vê-lo, com a Inglaterra por inimiga, torta ia ela.

Vejamos a Inglaterra neutral: Teríamos o teutão com os mares por si, fazendo o seu comércio livremente, bombardeando os portos, engarrafando os destruindo a esquadra francesa e até pensando, com os seus poderosos transportes, lançar em terras de França, em poucas horas, alguns milhares de soldados. À fôrça não se resiste e a França ficaria inevitavelmente vencida. O exército alemão teria o seu aprovi-

sionamento porque a Alemanha teria o seu comércio. O soldado teria o seu salame fresco e a sua salchicha. O oficial teria a sua costumada e insolente borracheira de cerveja. E, com os mares livres, a Alemanha, trocando, vendendo, comprando, seria cada vez maior. Hamburgo teria à descarga ainda mais navios no seu pôrto. A Alemanha venceria. E, ansiosa de poderio, pobre França!, seria uma faminta ave de rapina sôbre a carcaça da gloriosa vencida. O Louvre iríamos vê-lo a Berlim. Tudo o que a França tivesse de bom, generoso, belo e ardente, seria alemão.

Mas a diplomacia alemã, confiada em que a Alemanha era invencível, disse lá consigo que a Inglaterra era cautelosa demais para se meter na contenda. Encolheu os ombros e marchou. A Inglaterra, farta da Alemanha, disse que o mar era seu. E viu-se a esquadra alemã não proteger o seu comércio e mandar ao combate navios mercantes armados em guerra, fiada em que a certa altura poderiam fugir, andarilhos poderosos como eram. Entretanto a Inglaterra urdia a teia em que se há-de estender, ferido de morte, o guerreiro teutão. Ela tem o seu comércio em giro, e se precisar gente irá buscá-la ao Canadá e à Índia, à Rússia e ao Japão, à Austrália e ao Transwaal.

Pobre Alemanha! Ela que sonhava, depois da França talvez a Espanha e, depois desta, vir

tomar os ares do nosso Estoril, olhando o Atlântico embevecida, ou, como menos poéticamente disse um alemão insolente : « iremos a Madrid e depois lá estaremos em Lisboa ! », vê-se agora reduzida a perder as bravatas guerreiras durante anos infinitos e a andar de orelha murcha tôda a vida. Ela que acreditava que Deus « era um alemão inteligente » e que lhe pertencia dominar o mundo, da Noruega ao cabo de S. Vicente e da Alaska ao cabo da Boa-Esperança. Ela que de tudo queria a primazia : do maior combóio, do maior navio, do maior exército, do maior império, do maior comércio !

Deve ser uma coisa horrível o despertar da Alemanha. Só comparável ao de um bêbedo que perdesse à roleta todo o seu e todo o alheio que lhe confiaram e acordasse no dia seguinte julgando um pesadelo tudo aquilo. Quando considero no que seria a Alemanha vencedora, estremeço de horror pensar no que será o despertar da Alemanha rasgada, pisada, ensanguentada, impante de ódio que era o fôrro do seu orgulho.

E era uma coisa bela a Alemanha pacífica. A apoteose do Trabalho.

A França não tinha soldados ; a Bélgica era carneirada ; a Inglaterra teria navios, muitos, mas não para comparar com os seus. Ora viva Deus ! Que a estas horas já a Alemanha sabe que a França tem um general chamado Joffre, que podia ensinar tática e estratégia aos seus

generais ; que os belgas são leões e que os navios da Inglaterra se fizeram para navegar e não para ter escondidos em Kiel. Que, foi precisa uma tão grande matança para aprender verdades tão simples? Pois parece-nos que a Alemanha está na sua meninice. Tem muito que aprender ainda. E se tornar a crescer há-de vir um pouquinho menos insolente e talvez de todo curada dessa coisa odiosa que seria o pan-germanismo... *obrigatório.*

A INDEMNIZAÇÃO

DURANTE horas, muitas horas sucessivas, o canhão invisível, troou sem descanso. Depois o espaço povoou-se de blocos de ferro, que passavam sibilando com furor. Uma chuva de metralha desabou sôbre as paredes que oscilaram como um homem ébrio, rompeu o canelado de pedra, esfacelou, destruiu os nichos e, machadando as arquitraves, fêz desabar com intérmimo estrupido o telhado sôbre as naves e sepultou nas línguas de fogo de um inferno humano as lindas tapeçarias multifiguradas, o cálice de *Saint Remy* cravejado a pedraria, e os altares transformados em cabeceiras de hospital. O fogo alemão destruiu de todo essa maravilha de pedra que fôra a catedral de Reims, linda evocação do passado, nascida no século XIII, e que, com sua rosácea e as suas duas tôrres, esplendor do estilo gótico, causara a religiosa admiração de Michelet depois de ter feito a paixão de Luiz da Baviera.

Já antes os bárbaros haviam lançado fogo a Louvain. O *Hotel de Ville*, riquíssimo gótico, a igreja de S. Pedro, a Universidade, a Biblioteca, tudo abundantemente injectado de petróleo, foi confundido numa grande labreda e envolto no mesmo rôlo de fumo.

Hagenberg fizera um desenho curioso representando «os iconoclastas na catedral de Anvers em 1566». Vitrais quebrados a maça, santos arriados a corda. Havemos de confessar que eram crianças êsses vândalos e tudo robustece a minha tese de que o civilizado é mais bruto do que o próprio bruto, é mais fera do que a própria fera. Hoje quem recorreria a tais brincadeiras? Seis canhões de 42 algumas horas e, onde foi cidade, monumento, mausoleu, apenas pedras quebradas, calça e algumas cinzas...

Na igreja de S. Pedro de Louvain havia uma linda tela flamenga de Thierry Bouts: *O Martírio de S. Erasmo*. Ardeu. E nós estamos a ver os selvagens depois de ter deitado fogo à mais bela catedral da França pensarem talvez em destruir a tiro a glória do vitral francês que é a catedral de Chartres.

No Olimpo o Deus das batalhas ou já não tem a confiança de Júpiter ou pediu na terra a demissão de lugar tenente do *kaiser*, horrorizado de tanta malvadez. E por isso os alemães serão impiedosamente vencidos.

*

*

*

Penso às vezes na indemnização que a águia imperial, pobre águia sangrenta, terá de entregar para que lhe permitam, trôpega, ir curar as feridas. E inquieta-me menos a sorte de Kiel que será dinamarquês, e das suas colónias que serão de tôda a gente, da Alsácia-Lorena que virá a ser francesa e da sua marinha de guerra que será abatida de todo o seu orgulho, que a sorte da Bélgica com os seus museus devastados, as suas livrarias profanadas, as suas glórias de arquitectura destruídas. Para ela, além do dinheiro há uma sorte de compensação apenas: a de esvasiar nos seus museus os museus da Alemanha. Os bárbaros não têm direito de ser detentores de obras de arte. Quem assesta canhões sôbre a cathedral de Reims não tem o direito de possuir Colónia. Aí está uma compensação para a Bélgica ou para a França. A cathedral de Colónia é coisa rica no século XIV, com as suas duas tôrres mitradas, tôda em pedra lavrada e filigrana. E se em Reims ardeu a tapeçaria, Colónia dará o seu retábulo de Stèphan Lochner, maravilha de arte alemã. A cathedral de Burgos é somenos ao pé da de Colónia.

Justo é pois, que, expulsos os alemães para além Rheno, Colónia lhes não fique nas mãos. E pena é que Nuremberg fique tão longe. Ela e Bruges são cidades avós que merecem quem as compreenda. Se Bruges é estimada, Nuremberg precisa de ser arrancada às mesmas mãos que queimaram Louvain.

A indemnização tem que ser dura. *Vœ Victis!* E assim, das mãos dos vândalos saíriam em proveito dos aliados as coisas maravilhosas que elles lá têm. Que conservem o monopólio dos cervejeiros bem está. Que tenham a primazia da salchicha e das drogas medicinais pode ser. Que se continuem a julgar o povo mais forte do mundo, porque é o que terá apanhado mais tarefa também não é coisa que mostre os nossos princípios. Agora que os ladrões, incendiários invejosos de Reims, bandidos profissionais, vândalos agaloados que queimam obras primas e fuzilam professores conservem Zurbarans, Murillos, Rubens e Teniers em seu poder é que a minha mente não pode tolerar. Há uma linda escultura de Praxíteles em Dresde. Que venha. Compensa de alguma maneira o baixo relêvo das pias baptismais de S. Bartolomeu de Liége crivado de tiros pelos seus compatriotas.

Que os soldados alemães profanaram o túmulo da família Poincaré? Pois bem. Que os aliados tragam de Charlottenbourg o lindo tú-

mulo da rainha Luíza. Os mortos respondem pelos mortos.

Quanto a pilhagens que elles dêem à Bélgica o recheio da Pinacotheca de Munich e do museu de Dresde. A Alemanha erudita justamente espoliada que exija do *kaiser* a sua galeria de Berlim onde se conservam maravilhas.

Há um Palma Vecchio, as *Três irmãs* e um *Cristo* de Ticiano em Dresde, 5 Rafaéis em Berlim, 4 em Dresde e 7 em Munich, lindas Madonnas e um Bindo Altoriti que é um encanto de retrato; em Munich há uma maravilha de S. Francisco assinado Zurbaran, alguns Rubens, Teniers, Holbeins e Dürers; uma *Virgem e o menino* de Ticiano, um *Carlos V*, alguns Muriolos, alguns Watteaus.

Tudo isso volta a mãos inteligentes que lhe dispensem cuidados e amizades. Os vândalos só podem cometer vandalismos. Urge salvar tôdas essas obras primas de uma próxima ou remota destruição. Tudo isso será indemnização de guerra.

O *kaiser* deve também uma indemnização aos seus doutores. E dá-lhes a sua galeria rial.

Há alemães inteligentes? Por certo. Não é para êsses que eu escrevo. Êsses choram ante as ruínas fumegantes de Reims com todos nós. Que a esta alta hora da noite a que escrevo eu estou vendo a figura branca do meu querido Wilhelm

Storck, no mundo de sombras onde vive, conturbar-se e recusar a mão a todos os seus discípulos que a guerra lhe envia. Não foi nada disto, que, na sua cátedra de Munster, onde estudou Camões, onde recebeu a autobiografia de Antero e donde às vezes me enviava notícias suas, lhes ensinava o velho professor!...

DEUS E O KAISER

DEUS *está com o kaiser*, disse um oficial alemão, e afirma-o nas suas proclamações o próprio *kaiser*. Mas... qual Deus? Não o Deus das batalhas, senhor dos exércitos, imperador da estratégia, arquipotentado da tática. Êsse, carrancudo e fero, raro tem dado audiência ao *kaiser*. Não, também, o Deus dos Destinos bemfadados. Êsse abandonou-o há muito. Não também o Deus dos cristãos e protestantes o velho Jeová da Bíblia e o seu filho Kristus, crucificado e morto na Judeia para nos remir e salvar, dizem.

Que Deus ou ídolo está então com o *kaiser*, Deus da matança e da carnificina, Deus da associação e da peste, Deus dos lamentos sem fim e das horas trágicas, Deus da miséria errante e da morte? Que Deus é êsse? Donde veio? Onde sobe até êle o incenso e a mirra, onde por sua intenção bruxuleiam os círios ou ardem as piras dos holocaustos?...

Eu não creio em Deus. A minha alma jamais

soube o que fôsse a oração. Todavia, a minha alma, sabe sofrer e sabe chorar, sabe ocultar a sua indiferença ante as alheias preces e roubar à dor alheia para a mitigar. Não crê em Deus, sómente. Depois sendo tantos os Deuses, ela não quiere filiar-se. É uma alma extra-partidária, que é como quem diz tomando chá com todos os Deuses e tôdas as religiões ou por tôdas tendo aquele desdêmi solene que pode passar e quási sempre passa por extremada delicadeza. Todavia não pode compreender aquelas palavras sibilinas, de um oráculo bandarraniano, «*Deus está com o kaiser*».

Não. Não pode ser o Deus dos cristãos. Uma tarde sôbre aquela linda morada da prece, *boudoir* de almas, que era a catedral de Reims, transformada em hospital, começaram a cair as blasfêmias de ferro que, incruenta, a bôca do canhão arroja. Primeiro as tôrres, depois as esculturas, por fim os vitrais. Os dedos invisíveis da artilharia furaram a rosácea e foram largar fogo às velhas traves. Então a catedral começou ardendo, erguendo para o céu, como um turíbulo imenso, as suas alterosas colunas de fumo. E lá dentro, ao crepitar do incêndio, rechinavam as imagens, rebentavam as aras sagradas e espalhavam-se soturnamente, ao incandescer dos cibórios, as augustas partículas.

Os feridos, êsses, para não ficarem neste auto de fé civilizado, foram levados para longe e jul-

garam muitos, no delírio da febre estar contemplando alguma catadupante orgia do pensamento, dantesca e bela ilustração de um Gustavo Doré da hora das febres vesperais e dos delírios louco-lúcidos.

Havia no cemitério não longe da catedral um formoso Cristo de pedra, grave e sereno, parecendo do alto da sua cruz velar sôbre aquela cidade esquecida de mausoléus e campas. Era a obra prima de algum santeiro cristão, artista e crédulo que rememorou a figura coroada do sonhador e visionário.

Nu, cintado com a sua toalha emblemática aquele Cristo era ali à neve e à geada. O orvalho da manhã, que chora nas pétalas da rosa, e súa saudade na madre -silva humilde, camarinhava-o. O vento açoitava-o nas noites de temporal como um velho diabo possuído do vezo flagelante. Abalara-lhe a cruz, zunia nas criptas dos sepulcros, vozeava nos ciprestes, cabriolava no gradeamento dos canteiros. Cabeça pendida sôbre o peito, o Cristo scismava. E quando vinha o sol, uma gota de pranto matutino escorria do cabelo para a face e dos cravos para as feridas que sangravam novamente o sangue-água da madrugada. E as almas ao passar ciciavam baixinho o seu rumor de prece, o seu anseio de aflição.

Vieram os alemães e tudo mudou. Um dia, dia de amargura, uma granada rebentou sôbre

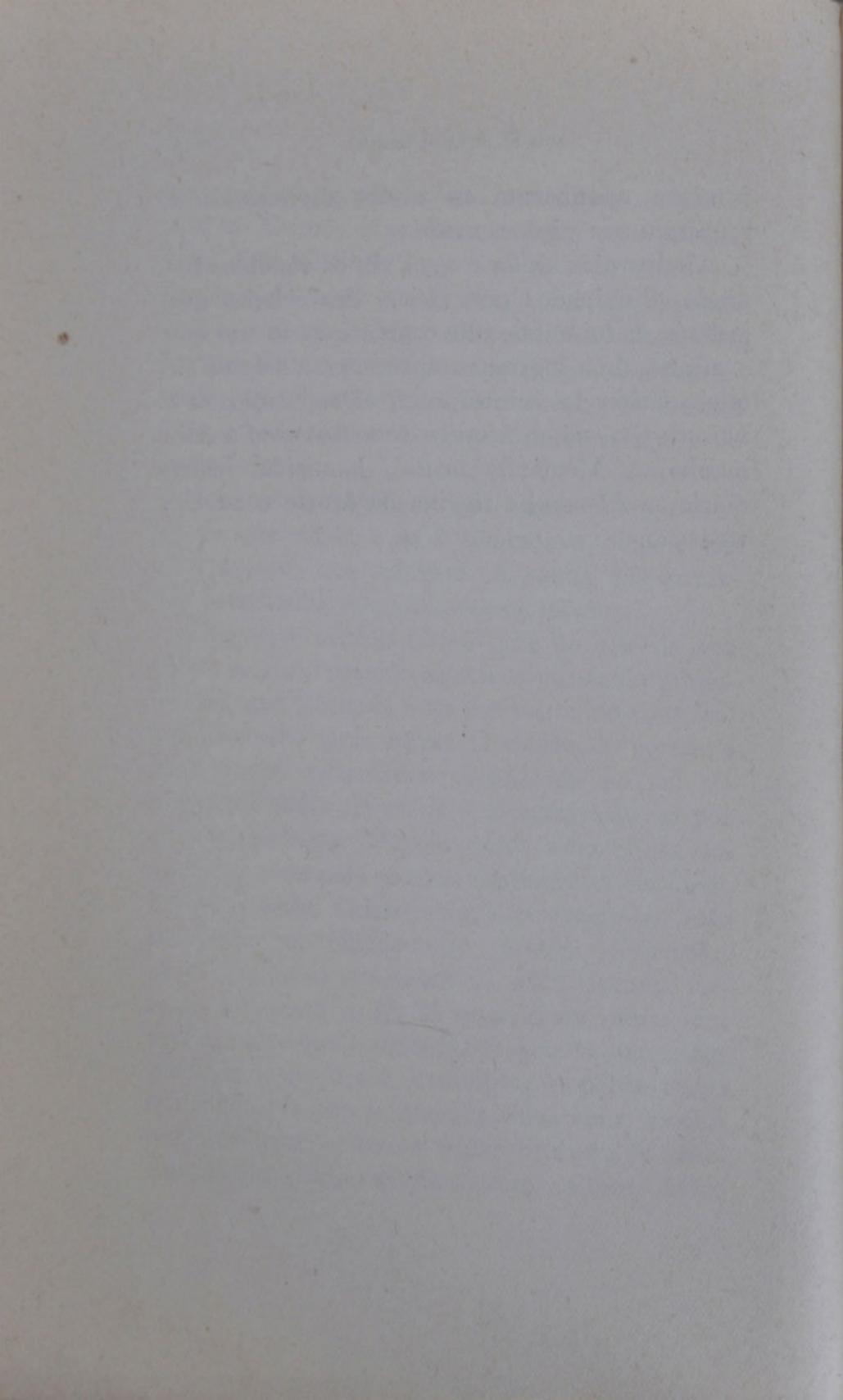
um canteiro em flor. Devia ser engano, pensava o velho Cristo. Mas outra e outra rebentaram. Uma aqui, abrindo uma cova na terra como se quisesse de novo matar o cadáver que lá dormia o seu quieto sono da podridão. Outra ali, fazendo saltar o teto dos mausoleus e arremesando ao solo as urnas desconjuntadas. Outras iam a pouco e pouco completando esta obra de destruição.

Agora era uma cruz que tombava, logo uma lápide que abria e se fragmentava, depois um altar e ossos que rolavam. A sanha das granadas prussianas não poupava os mortos.

Chegou a vez ao Cristo que do alto da sua cruz assistia transido àquele espectáculo singular. E uma granada veio e rebentando com fragor levou-lhe meio corpo. O ventre, as pernas e os pés que esfacelados voltejavam no ar, tomados de tufão de ruído e espanto, caíram por ali em pedaços. Depois outra veio. Essa tomando a cruz pelo socalco estilhaçou-a em duas. Então o velho Cristo caiu, com fragor no solo revolvido na cidade dos mortos, devastada. Mais granadas cruzaram os ares, foram, vieram, tornaram a ir. E quando no outro dia, após a noite que o embrulhou com as suas mãos piedosas, veio o sol, encontrou o pobre corpo trucidado, de braços abertos ainda como se quisesse mostrar ao céu o teatro humano de tanta iniquidade. Mas os céus eram calmos. Mãos

francesa apanharam os restos divinizados e reuniram-nos piedosamente.

Alguns dias ainda e o sol viu os vândalos fugindo, iluminados pelo clarão das cidades que ardiam. E foi então ante o princípio do fim que a minha alma logrou compreender o oráculo de que o *kaiser* foi o intérprete, «*Deus está com o kaiser*» sim, na obra santa de acabar com a Alemanha, a Alemanha brutal, homicida, incendiária, a Alemanha tigrina da Morte e da Devastação.



NO CORAÇÃO DA GUERRA

SOLDADOS DE PORTUGAL

A CAMINHO DO "FRONT,"

I

No dia 19 de dezembro, às 8,50. Estação do Rocio. Rápido de Madrid. Fazia um frio suportável, frio de Lisboa, uma espécie de prólogo de frio dessas Europas, onde se gela e morre. Depois tudo foi a nossa paisagem amada e exuberante, o Ribatejo das lezírias, a Extremadura dos pomares e azeites, a invocação obrigatória de Garrett ao passar o Vale de Santarêm, para almoçar no Entroncamento. São pontuais e briosos os maquinistas portugueses, visto que a tabela foi cumprida. À tabela saímos e depois de ter passado tôdas as estações da guia oficial, cheias de madeiras, cheias de cortiça, cheias de vagões à carga, o castelo de Almourol poético e evocador, Tôrres Novas onde pelo engradado da janela velhos sobreiros descascados parecem mãos enluvadas enclavinhadamente erguidas para o céu, chegámos a Valência de Alcântara.

A polícia vem pelo passaporte em Marvão. Há um espanhol que barafusta. Não traz pa-

péis e quiere seguir para Espanha. Quere con-
vencer o da polícia, parlamenta com o chefe da
estação, faz parar no caminho os carregadores.
É um gorducho com uma manta listrada,
branco-ovelha e *café con leche* a cavaleiro,
boina e fato de bombazina. Quere seguir a todo
o transe. O da polícia diz que não, êle diz que
sim, e como vê que não seguirá, dada a irredu-
tibilidade do empregado, passou da convicção
à ameaça e pragueja já pela *Virgen* e por todos
los Santos. Que um raio parta *los policías*. Que
telegrafará *al señor Vasconcellos*.

Passageiros riem. É notável como por vezes
a dor alheia dá vontade de rir. Eu não rio. Es-
tou aborrecido. Tenho fome. E quando o com-
bóio arranca, o homem lá fica bufante e furioso,
calcurreando, como um animal enjaulado, o as-
falto perdido naquele deserto de Marvão, po-
brezito! Em Valência janta-se. São oito horas,
é noite. Bom jantar, delicioso o vinho, um *Rioja*
perfumado e capitoso a acompanhar um pão
abiscoitado que deixa saudades em tôdas as do-
bras da tripa por onde passa.

Há treze anos que não piso terras de Espanha
e todavia só o vinho mudou. Da outa vez, lem-
bro-me, era um *Valdepeñas* ignóbil, uma zur-
rapa tinta, glória perseguidora do forasteiro em
Espanha, que me fêz abominar a viticultura
espanhola. Está tudo na mesma. A mesma es-
tação soturna, o mesmo bufete, o mesmo com-

bóio, os mesmos *carabineros*, a mesma *pareja de la guardia civil*.

E alugada uma almofada, como o combóio tivesse começado a rodar docemente, o sono veio, sob a pupila ictérica de uma lâmpada baça que dava uma luz de cirial. O sono é como quem diz : uma sonolência, um torpor, que a cada solavanco faz piscar os olhos e a cada estação ou paragem acordar estremunhado sem afinal ter dormido. Porque o sono em caminho de ferro é como o do cão do ferreiro. O viajante dorme enquanto o combóio marcha ; o cão acorda quando o martelo pára.

Mas seja como fôr, eu acordei em Bargas, uma estação em casa do diabo onde o combóio devia estar às 6,54, segundo o guia de *los ferrocarriles*. São, porêem, 8 horas e faz um frio importantíssimo, como diz um brasileiro das minhas relações. Há um poço com uma forca onde a roldana uiva como se a estivessem matando. Está tudo coberto de neve. Um facínora de boina biscainha e *cache-col* tem as mãos nas algibeiras tranqüilamente, olhando imbecilizado a grande fita de vagãos do combóio. Um cão fareja. Parece um lobo. Distante, um pouco acima da linha do horizonte, o sol tem um tom de rebuçado, um brilho pálido e doentio. Árvores escorrem água, transidas, árvores magríssimas de perfil sofredor, que pela noite entregam seus lamentos às esparzedoras mãos da

ventania. Há uma barraca de madeira para onde se trepa por uma escadaria primitiva e onde cada degrau é um elegante taboleiro de neve.

Já o combóio morosamente se pôs em marcha e ainda um senhor espanhol que conosco viaja nos diz da literatura do seu país. Agora está êle a fazer o elogio da *Pepita Ximenez* de Lopes de Haro e das *Dominadoras* de Filipe Trigo.

Um ou outro sinaleiro que fica, uma estrada que se adivinha sob a neve que tudo iguala, uma casa ao longe que conosco parece correr à desfilada, uma ribeirita que serpenteia, um vale todo branco e logo Agonias, um minuto. Por esta altura está o moço espanhol a dizer as maravilhas da manzanilla, e o quanto de bom se a provassem da exígua produção de S. Lucas de Barrameda, que segundo a sua opinião é na terra o verdadeiro paraíso. «Cintra! Que bela, não é? E se V. tivesse visto *una muchacha*, que pelas tardes, entre a ramaria, ia costurar. Palavra de honra que era linda! Que gentil! São belíssimas as portuguesas». E chegamos às cercanias de Madrid. Neve, neve sempre. O sol é baço.

Cabañas. São 8 e 20. Um moço armado de uma grande vassoura, sacode a neve de sobre o relójo. Faz um frio polar. Tôda a estação é branca e há sulcos de grandes sapatórios de madeira. A porta que diz *jefe de estacion y te-*

legrajo fechada e a *salida de viajeros* tem apenas aberta uma frincha. Para quê, também, se não há quem se aventure numa manhã destas, glacial, coagulante. Há um montão de pranchas creosotadas, alcatroadas, negruscas. É um cubo de neve sôbre o qual um galo, que parece pintado pelo Girão, ostenta a sua plumagem luzidia.

Depois o combóio roda, galopa, devora espaço na imensidade da terra. Quanto caminho andado! Choupos, oliveiras, casas, Fuenlabrada, Madrid. Pois senhores, é meio dia.

Madrid. Encafua-se a gente na traquitana que nos deve levar ao hotel, e aos tombos, em companhia de um senhor militar de grande capa gentilhomesca, uma imponente capa alvadia com os vivos vermelhos, a bagagem dançando o fandango sôbre a nossa cabeça, o estômago no lugar do coração e os rins no sítio dos pulmões, com grande estrupido dos arreios e um rascante banzé de rodas, solavancando tudo, depois de ter atravessado Madrid cheio de neve, a gente chega.

Madrid é alegre, já o sabem. E a esta hora um batalhão de empregados agulheta e varre rítmicamente do edifício dos correios, à Puerta del Sol, as toneladas de neve que a noite despejou nas ruas.

Há notícia de combóios presos pelo nevão e o frio que faz é um frio laminante, pneumónico.

Tem fama o ar de Madrid. «El aire de Madrid és tan subtil que mata un hombre y no apaga un candil». Isto se diz lá mesmo e creio ser verdade, por minha fé o juro. Pois Madrid é uma grande terra, alegre, animada e sobretudo com ganas de ser maior todos os dias. A cidade coroada quere ser a dominadora. Barcelona quere imperar. Mas Madrid tem a côrte, tem o Museu do Prado, tem a Armeria, tem o render da guarda. O render da guarda!... Grande cidade, Madrid, mas muito maior seria se não fizesse êste frio horrível, que me entorpece, que me chega até aos ossos. Pois é de respeito o tal friozinho. Que saudades da nossa Lisboa, onde a neve é desconhecida, e que desejos do inferno, onde a esta hora deve estar uma temperaturazinha bem mais agradável de certo.

II

MADRID é uma cidade encantadora, atraente, mas o seu encanto é maior de noite com a sua iluminação deslumbrante, o entontecimento da sua *féerie*. Pois hoje, 20 de dezembro de 1917, não há luz, Madrid está às escuras. Não há carvão. E como não há luz, eu, com 24 horas de combóio nos rins, deito-me e durmo como um justo.

Quando acordo, manhã alta, sinto o bulício da Puerta del Sol perto, o campainhar dos eléctricos, o rodar dos trens. E quando abro a janela, vejo a neve. É verdade, estou em Madrid! Continua a fazer frio, continua a nevar, e os jornais dizem que a pele imensa da Espanha está cheia de furúnculos. São greves por toda a parte. Greve dos expedidores de laranja em Valência, greve dos operários do arsenal de Ferrol, greve dos caminhos de ferro em Salamanca, greve dos carneiros em Barcelona. Desastres. Temporais. Na Catalunha, o mar enfurecido parece querer tragar a terra. Palên-

cia não recebe combóios há dois dias, Oviedo há quatro. Em Burgos há um metro de altura de neve. Nas linhas férreas distantes, há combóios bloqueados que roncam adormecidos com o seu carregamento de passageiros. De vários automóveis de carreiras provinciais não há notícias. É o Inverno.

Tudo é furioso cá fora, por êste grande mundo de Cristo. E como para precaver-me contra as contingências futuras, manduco brutalmente. Há pão, há vinho, os mercados abarrotam em Madrid. Quanto a luz, parece que hoje sempre haverá. Mas mesmo que não haja, o que já há são providências. «El señor alcalde interino» determina que não se acenda antes das 8 nem esteja acesa depois das 3, «teniendo presente que a esta hora la mayor parte del vecindario está en sus domicilios». É o que vale.

Pois vou-me à Armeria, depois de ter visto o render da guarda, cerimónia teatresca e tradicional, que tem uma certa imponência. É sexta-feira e à sexta a Armeria *cerra* para limpeza. Insisto. Sou estrangeiro e tanto «que pode *usted*, digo ao porteiro, ver o meu cartão de visita. Ele não quere, mas quando repara que o cartão de visita é uma peseta, diz que o guarda para recordação e eu passo. Já lá fareja um escahoado inglês velhote, que torno a encontrar no expresso entre Bordeus e Paris com o seu impedido marinheiro.

É uma coisa bela a Armeria e eu penso na guerra de ontem e na guerra de hoje. Não há dúvida que há um pouco de regressivo no progresso e nas almas. A guerra de ontem, peito ao sol, o braço contra o braço, adaga contra adaga, estoque contra estoque, guerra em campo descoberto, onde havia valentia e nobreza. A de hoje: canhões monstruosos que levam a morte à distância de léguas, gazes, trincheiras, *tanks*, submarinos, líquidos incendiários. E dizem que o Homem progrediu, que o Homem se perfectibiliza. Vamos!

Pois diante das armas de Francisco I e das armaduras de Carlos V, do traço de guerra do duque João Frederico da Saxónia e do arnez de Filipe «o Formoso», diante da maravilhosa espada de Gonçalo de Córdova e do precioso arnez de parada do nosso D. Sebastião; diante de todo aquele aço laminado em estoques, montantes e adagas; diante de tôdas aquelas rodas e escudos, achas de armas, balestas, arcabuzes e escopetas; diante de todos aqueles maravilhosos capacetes, eu evoquei o passado e amei-o mais eternecidamente. Evoquei as suas justas e torneios, evoquei as suas belezas, evoquei a sua rudeza gentilhomesca. E cem vezes o achei preferível ao futuro.

Saio da Armeria com saudade e novamente meus passos vêm dar à Puerta del Sol, o iman de Madrid. Vagabundeio e vou pelas ruas à

descoberta. Como Madrid se tem transformado nestes doze anos!

Às dez horas da noite, saio para San Sebastian. Combóio ordinário, sem aquecimento.

Protesta-se. Os empregados encolhem os ombros. Aqui vai a gente gelado tôda a noite. Os pés parecem pedra, as articulações entorpecidas doem. A luz é morrinhenta e se até à meia noite havia dois dedos de conversa e o interêsse de olhar as estações, dali por diante tudo foi dormir ou scismar, amoixado em bancos duros e respirando o ar cem vezes respirado já, que um ou outro fumador vicia mais ainda, doseando-o com o fumo de um tabaco horrível.

Devemos estar perto de Medina, deixando lá em baixo o Escurial, que é tôda uma grande recordação. Medina, Valladolid, Venta de Baños, Burgos, Miranda do Ebro. Aqui almoça-se mas não são nada as 7,30 do horário. É meio dia, faz um frio horrível e não há outra paisagem senão neve. Neve que parece eterna, neve que parece não ter fim. O combóio parado fuma, transpirando de tôdas as juntas, por tôdas as frinchas, em todos os metálicos. E estamos em Vitória.

Já se não fala castelhano e a boina biscainha é geral. Fala-se uma língua de trapos que, me melem se aquilo parece língua de gente. Há padres, curas, bispos, seminaristas e vários frades. Uns de hábito côr de pinhão, outros de há-

bito preto, todos de grandes rosários à cinta. Aquilo não são rosários, são cordas de nós, com as quais em vida içam o pão do corpo e pelas quais, depois de mortos, esperam subir ao céu. Famigerados.

Pois há um fradalhaz que parece o Chaby, ao lado de um cura quási diáfano, de unhas polidas e pomada no cabelo. O primeiro deve curar mais do corpo que do espírito: o segundo deve ser o abadezinho hipócrita que com palavrinhas mansas, e para maior glória de Deus, capta as almas e as heranças com o pseudónimo de director espiritual. Não sou faccioso e acho os dois muito reinadios, dois tipões. O vagão é deles e vê-se que estão em terra sua, porque teem à sua volta uma malta de estudantes católicos, que mia, que pia, que grasna, que uiva, que fala, que ri, e faz uma chiada infernal até Alsasua, parte, até Zumarraga a outra.

O combóio agora deu-lhe para não querer andar. Porquê? Porque parece que há neve, dizem uns. Porque há um *trem* de mercadorias a empatar a linha, dizem outros. Duas horas de espera. Continua a fazer um frio polar. E retirado o combóio de *mercancias* a gente chega a San Sebastian às 6 da tarde, noite fechada. Pois o horário afirma e jura que em sendo 11 e 31 da manhã a gente ali poisaria o pé. Protesto. E um empregado da estação julga que eu sou maluco de profissão. Se o combóio de ontem che-

gou às duas da manhã do outro dia, manhãs há em que se chega a julgar que o combóio, farto de transportar as gentes se deitou a dormir a sesta ou tomou o caminho da Galiza...

Bem, em vista disso vamos para o hotel. E fica para breve San Sebastian, cidade entre cidades, estância deliciosa e encantadora...

P OIS chego a San Sebastian mandando ao diabo os combóios e os horários. Dos primeiros, aprendi nesta Espanha um dito profundo, cheio de bom senso: «el tren llega quando llega». Quanto aos segundos, se os não atirei já pela janela fora, foi porque me indicam quantas horas perdemos pelo caminho e como se chamam em língua infernalmente arrevezada as estações dêste lindo país basco.

Há menos neve, menos frio, e eu que nunca tinha vindo a San Sebastian, logo ao sair da estação do Norte tenho um deslumbramento. Dois passos andados, corre manso e negro o Rio Urumea, que eu atravesso pisando a Ponte de Maria Cristina. Ante os olhos fatigados do forasteiro põe ela uma tal sedução e um imprevisto tal de beleza, que tomada de assalto a nossa admiração, a gente dir-se-ia transportada a um reino oriental de maravilhas apenas existentes nas páginas faustuosas das *Mil e uma noites*. Parece feita de açúcar cândi e violetas, esta ponte, pórtico deslumbral de uma

cidade, que dá a impressão de ser obra mimosa e acabada de pastelaria. Logo à entrada, os globos eléctricos esparzem uma luz de quermesse doidivanas e os cavalos dos pilares, em arco-dorso de elefante, indómitos, embravecidos, querem escalar o espaço. Depois é tão linda a ponte baixinha com três arcos, em pilastras que tritões sustentam, que a gente tem a impressão de estar vendo a Ponte Alexandre III de Paris, num comprimido maravilhoso.

A cidade abre agora as suas ruas e eu vou para a Calle de Fuenterrabia, admirando de passagem o pouco que, moído e farto, posso ver. Ao outro dia, quando abro as janelas, olho o Museu Municipal em frente e por detrás a parede escura e as agulhas das tôrres góticas da igreja do Bom Pastor, imponente, majestosa, dominando com ar de catedral antiga a pequeníssima praça onde sita. Dois garotitos lavados brincam no átrio, é domingo, tudo está fechado e eu, que madruguei, vou à igreja ver os vitrais, que taes são as naves, se há muitas beatas e se são velhas e feias. É talvez cedo, porque o templo não regorgita de fieis. O Museu está dormindo e, não tendo que fazer, vou até ao Mercado, que é também um museu de natureza morta e de sopeiras vivas.

O Mercado é o mais bonito e o mais asseado dos mercados que por êsse mundo fora tenho visto. Dois ou três armazéns enormes onde,

junto às paredes se alinham barracas-estabelecimentos como as que do lado da rua 24 de Julho ladeiam o nosso mercado. Mas o que lá é maravilha e asseio, de ordem, de beleza mesmo, é no nosso desleixo, imundice, porcaria, desconforto, náusea, podridão, vergonha eterna de um município relaxado¹.

Começo a encontrar pelas ruas, espaçosas, iguais, regulares, as mesmas espanholitas de ar cosmopolita que ontem à noite, em ranchadas com *sus novios*, subiam e desciam, passeando, a Avenida de la Libertad. São pequenas parisienses por fora, ardendo no luxo e na simplez rica de todo o mundo estrangeiro que ali passou.

Que, San Sebastian é uma cidadezinha ideal, encantadora, feita para o prazer. Foi quási um bem que em 1813 os franceses lhe deitassem fogo, para que ela mais rica e mais bela surgisse das cinzas. Agora meto eu à Plaza de Guipúzcoa, atravesso a Alameda, olho o teatro e o Casino e vou fazer o Passeio da Concha. O mar!

Que saudades infinitas, que penetrantes, que suavíssimas saudades eu tinha do mar. E meus olhos embevecidos desfraldam velas e vão sulcando até cansar, como cisnes majestosos baham-se lascivos e todos são de se refastelar

Nota da segunda edição.— Já deu a alma ao creador. Foi substituído por outro absolutamente decente.

até que a saciedade venha. Ao longe, um paquête passa fumegando um penacho negro, negra cabeleira que o vento esparze. O mar! É recordo os piratas, a que aquele transeunte, fumegando nuvens grossas de carvão vai talvez fugindo. Depois, por instantes encoberto pela ilha de Santa Clara, perde-se ao longe na imensidade das águas.

É explêndido o Casino, excelente a situação do Palácio Real, e eu volto, que às duas horas passa à minha porta o eléctrico que me leva a Hendaya. Volto com saudades da Concha. Não julgue o leitor menos avisado que se trata de alguma Concha de penteado em castelo, olhos negros matadores e mantilha em bambinela, bôca pequena e talhe saído de alguma tela de Goya. Esta Concha é a bacia de San Sebastian, onde meus olhos fartos de neve e de combóios beberam sequiosos o largo mar amante.

Pois deixo com saudade a Concha e San Sebastian, San Sebastian, a cidade do prazer, que dorme cataléptica da grande vida que a animava. Já lhe não concorrem as muitas desvairadas gentes de todo o mundo. As francesas por dificuldades da fronteira, as argentinas por dificuldades de transporte, as portuguesas por dificuldade de câmbio e tôdas por causa da guerra.

O caminho para a fronteira francesa é bonito. Tem imprevisto, tem pitoresco.

Deixamos Irun com os seus depósitos de material dos grandes expressos, e como uma aranha que veloz corresse pelo fio de sêda que traçou, o minúsculo combóio eléctrico deslisa, deixa os últimos carabineiros para nos entregar nas mãos dos primeiros gendarmes. Aqui a vigilância é rigorosa. Examinam com atenção os papéis e uma velhota faz o serviço de guarda fiscal, armada de uns grandes óculos e um grande giz.

— O senhor é oficial ?

— Sim, madama.

Põe o visto sem abrir e às tantas as portas da *gare* escancaram-se, a gente instala-se e o combóio rola docemente, galopa, vôa, em direcção a Paris. O que será Paris agora ? Como viverá êsse Paris amado, cuja alma há cinco anos eu não sinto palpitar ?

IV

É noite, janta-se no combóio e quando chegamos a Bordeus é hora alta e morta. A estação é enorme e está uma noite fria, navalhante, desagradável. A neve que em San Sebastian era uma coisa cenográfica, começa a ser retalho do polo ou da Sibéria, traçando fôlhas e nervuras botânicas nos grandes cristais do expresso. Seguem no mesmo combóio oficiais portugueses e o nosso encarregado de negócios em França, Leopoldo de Oliveira, um *gentleman* e um diplomata, criatura arguta e artista, mixto de tudo quanto é preciso para notavelmente representar um grande país.

Pois chegamos a Paris, uma manhã de neve, manhã de frio, em que tudo fumegava respirações, e uma névoa álgida envolvia a cidade. Fora da Estação o pavimento do Quai d'Orsay luz como se fôsse alcatroado. E enquanto o fiacre rola docemente, a nossa vista vai olhando a Ponte Alexandre III e sobe os Campos Elísios até à rua de Balzac, onde havemos de ficar. Paris está coberto de neve, fértil de trambulhões.

É eu, que nunca o tinha visto de inverno, acho-lhe um aspecto estranho, doce e frio, muito curioso, muito animado.

Estou finalmente em Paris. No hotel, um edital da Perfeitura diz-me que é preciso economizar o açúcar. Pão também há pouco e êsse mesmo nada bom. Nenhuma falta me faz o açúcar, mas lá sem pão é que a vida custa. Mas ponho na minha idea quanto mais não custará ela aos parisienses, acostumados a engulir metros e metros de pão excelente, e isso dá-me uma certa e filosófica consolação.

Desço até aos *boulevards*. É a mesma coisa Paris. Muita, muita gente. Muita mulher, muito permissionário, muito americano—Paris está cheio de americanos—muito inglês, australianos, canadianos, o diabo. É muita viúva. Mas há a mesma animação, a mesma multidão louca, os mesmos armazéns regorgitantes. Só não há os *auto-bus*. Êsses devem estar lá para cima, para os campos de batalha, rebentados, alenhados, triturados, vítimas da guerra brutal que desabou sôbre esta heróica França da glória e do martírio. O *metro* funciona da mesma maneira, sempre silvante, sempre vertiginosamente. Os condutores, e quási todo o seu pessoal, porém, é feminino. É uma carita redondinha e còrada quem nos vende o bilhete, é outra, sôbre a qual pousa em bonèzinho preto, como o dos belgas, que o perfura, e outra ainda

quem na gare trila para que o combóio marche dando aos fechos automáticos para que as portas corram. E desde manhã cedo até às 11 e meia as criaturas vendem, furam, apitam, fecham, sobem, descem, para ir alfim extenuadas, repousar um pouco. Ah! pobres mulheres a quem a guerra apalpou duramente. Cada uma tem lá em cima o marido, o pai, o irmão, alguém amado que mata para não ser morto. E quem sabe sob o vestido preto de serviço quanto luto e quanta dor. Que algumas têm lá em cima êsse ser amado sim, mas ai delas, êle não voltará de permissão porque o impedem alguma s pàsadas de terra fria.

À noite Paris é escura como a nossa Lisboa. Nos teatros há animação, há vida, mas interiormente apenas. Cá fora há escuridão, não venha algum *boche* de uma figa dinamitar a cidade ideal, que é o coração do mundo. O coração e o cérebro.

Paris! Mas eu recordo o meu amado Daudet, o meu querido Zola, todos os meus autores favoritos. E revejo-os com tôdas as suas figuras, figuras de tragédia, figuras de sofrimento, em volta das quais farândola a doida multidão. A neve cai como se as mãos dos anjos de Miguel Ângelo estivessem deitando sôbre nós mil e uma pétalas de rosas brancas. A neve cai, a neve cai. No jardim das Tulherias meúdos patinam. E a Parisiense com P grande, saltita, passa, es-

voaça, desliza, embrulhada nas peles, friorenta, com as mãos à altura do queixo para se aconchegar, com a sua cabecita de ave metida dentro de um *toque* de inverno que é mesmo um amor de ninho de alvéola, da andorinha que ela é, afinal.

Pois estou em plena rua de Rivoli quando me assaltam duas damas da Cruz Verde, vendendo-me o número de *l'Ambulance*, a favor dos soldados mutilados. Foi-se-me o último franco. Hoje, 24, é feriado, amanhã dia de Natal, feriado é. E eu que me fui até ao edifício do Crédit encontro-me diante das portas fechadas e dos dois cartazes com que o govêrno pede o oiro público. Impressos num esverdinhado de bronze, o primeiro representa um globo terrestre como um queijo Flamengo e um *poilu* cravando-lhe em cima a bandeira que diz *Liberdade*. O segundo é um soldado alemão, um vilão *boche* esmagado sob uma moeda de oiro francês, êsse oiro que é a Vida, êsse oiro que será um dia a Libertação. São enternecedoras obras de arte. Perto, numa parede enorme, um mapa colossal mostra o recuo do inimigo. Há gente que pára, mas a maioria segue indiferente, abismada nas suas reflexões.

A Praça da Ópera regorgita de povolêu transeunte. Mais acima a Madeleine abre as suas portas regorgitantes de fiéis. E nesta longa fila de *boulevards* o movimento incessante entontece,

Paris! Oh Paris! Como eu sinto, como eu amo a grande cidade e como a vida seria grande e boa, se lá em cima não troasse o canhão, e não luzissem na sombra os olhos cervais do *boche* ignominioso que quer vir profanar o asfalto da cidade deusa, com as brochas das suas botifarras militares...

HÁ dias tive a desagradável surprêsa de ler nos jornais a morte do coronel Ortigão Peres. Era o nosso adido militar em Paris e foi a êle que eu me apresentei para visar a guia e seguir para o *front*. Um belo tipo de soldado. Recebeu-me sêca, militarmente, na Avenida Kleber. Depois como eu estivesse no seu hotel, o *Celtic*, encontrámo-nos às refeições e pude ver que êle era uma excelente pessoa, delicada, atenciosa e de insinuante trato. E supondo-me hoje em dia de Natal, agora mesmo acabo de lhe deixar o meu cartão de boas-festas. Dia de Natal! Paris está coberto de neve e está frio. Paira no ar um tom morno de pesadelo. Parece que há também frio nas almas.

O hotel é tudo quanto há de mais cosmopolita. Portugueses apenas o coronel, Leopoldo de Oliveira e sua espôsa, e eu. Mas há um brasileiro, alguns officiais ingleses, um americano, alguns franceses, dois russos, umas romaicas, uma família de *yankees*, outra de russos e uma belga. E há uma velha zangada que se enfurece e leva

o jantar resmungando ou porque a *chauffage*, segundo ela, não aqueça, ou porque lhe não puseram o pão em ângulo recto com a faca, ou porque o *consommé* venha sempre muito quente. O oficial russo usa uma camisola que se enfola nas costas, atada à cintura por uma correia.

É há uma romaica alta, elegante, soberana, que é uma linda mulher. Uma linda mulher em qualquer raça, uma linda mulher em qualquer país. Uma francesa cega entra sempre pelo braço da irmã. É linda também, mas conserva sempre a cabeça erguida, com o ar aguardador que os cegos têm. É eu só hoje reparei que ela era cega!

A família *yankee* enfeitou a mesa e confraterniza. Ri, folga, reúne-se e troca os seus brindes. Há uma certa alegria na grande sala do hotel. Logo de manhã os porteiros açodados dispunham verdura e por isso tem tudo um ar de festa. Um ar de festa pálida, baça, onde há saudades transluzidas, neve caíndo, ruídos de canhão amortecidos pela distância, agonias na terra negra de ninguém. Uma francesa *jalne* lê um romance enquanto come, ou revê-se no polido das unhas tonizadas a *crayon rouge Houbigant*. Tem uns olhos profundos, viciosos, olhos de febre e mistério, olhos profundos, sanatórios de loucura e de vício. Em volta os «canteiros de violetas» das olheiras, tornam-se maiores e

ela passeia-os pela sala com o ar indiferentemente majestoso de pavões reais que se narcisam.

É dia de Natal e eu cismo na família, nos meus, no meu país distante, no meu país perdido, comendo um jantar de hotel e recordando vagamente a lenda dêste dia. Um Deus que se deixou matar. Para quê, afinal? Conseguiu com isso que os homens fôsem melhores? Conseguiu que a vida fôsse menos horrível e a luta menos cruel? Para quê, então? Para nos remir e salvar? Mas perdidos, perdidos há muito sem remissão estamos nós. Perdidos estão os nossos corpos entregues à química da terra. Perdidas estão as nossas almas, errantes pelos mundos incognoscíveis. Pobres almas, fogos fátuos da carne, do sangue e dos ossos que no assento baptismal nos rotularam com um nome! Pobres almas!

Jantar triste. Nem a profusão das luzes, o tom dos uniformes, os vestidos das mulheres, o porte escultural da romaica, o ar marmóreo da cega ou os olhos abismais da francesa me conseguiram distraír. E quando embrulhado no capote, o *kepi* enterrado até às orelhas, as mãos ensacadas em luvas de lã e estas no fôrro de flanela dos bolsos, monte de trapos jantado, eu desço aos Campos Elísios, a neve cai e é fria. Mas haverá neve quente? Não há. Mas esta é mais fria que a do costume. Não me cai só

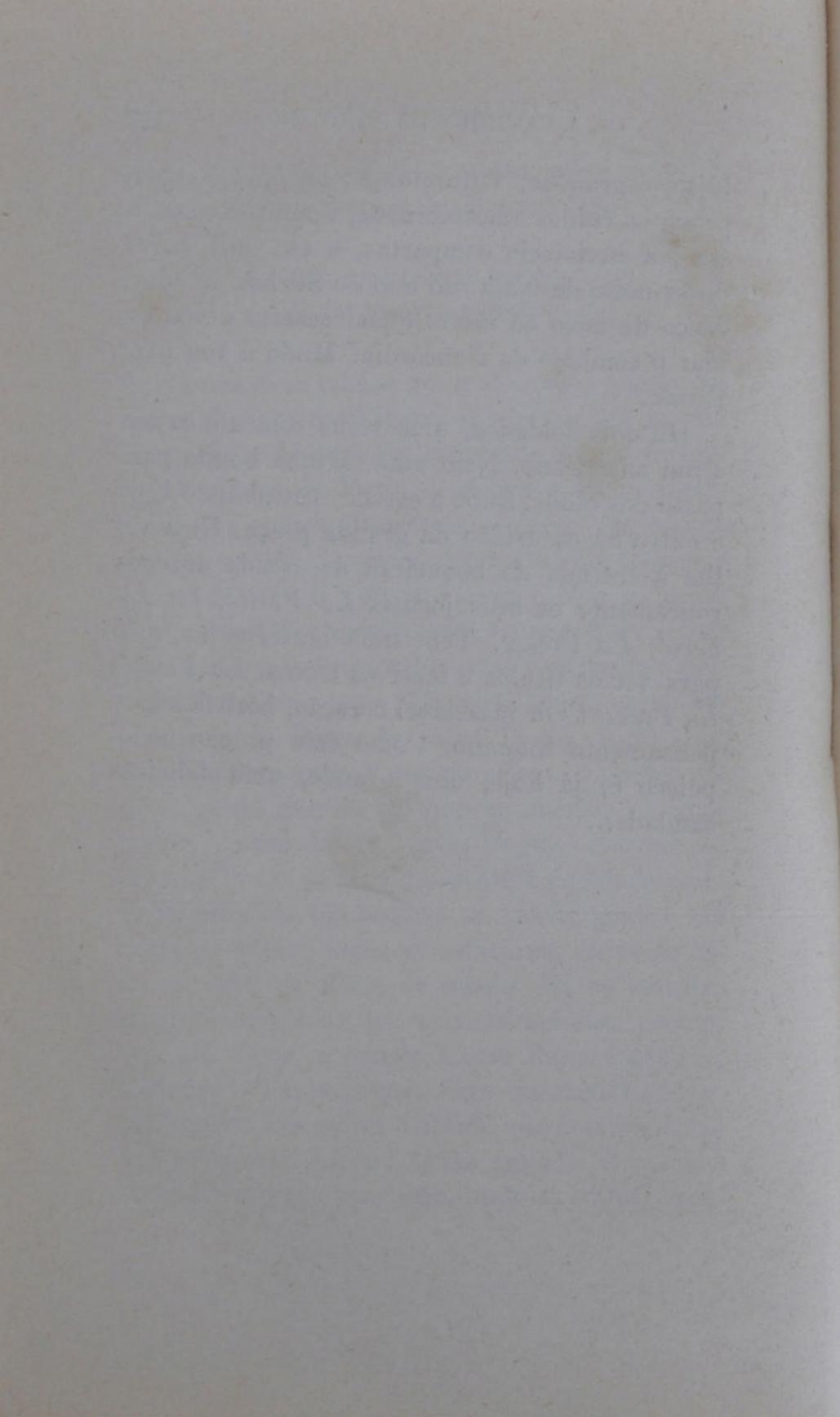
sôbre o capote, cai-me também sôbre a alma,
como se diz nos versos de Augusto Gil.

Cai neve fria lá fora
E cai no meu coração.

Há nas ruas menos gente do que o que é costume. O Arco da Estrêla envolve-se em bruma e escuridão à esquerda enquanto que à direita a imensidade de Paris desdobra a bicha intermina dos seus quilómetros. Desço, vagueando até à Concórdia, contorno as Tulherias descendo a rua de Rivoli até ao Louvre. Não se sente aqui a multidão acotovelante de que falava Poë. E eu enfio pelo buraco do *metro* esperando o primeiro combóio para o Chatelet. Mudo e vou até à estação da Porte de Saint Denis. Aqui sim. Aqui quando subo é que eu encontro gente que sobe, gente que desce, que se aperta, se comprime, forma bicha, pára, segue, enovela-se, desde a Praça da República até à da Madeleine. E há carinhas tão bonitas na mó de gente! Há todos os talhes, tôdas as estaturas, tôdas as côres de pele, de olhos, de cabelo. Há as vestidas simplesmente e as que se vestiram com pretensão. Há todos os nomes. Como Paris é grande, senhores! Tanta gente, digo eu mentalmente, parodiando insensível o aldeão que pela primeira vez vê o mar. «Ena! tanta água!» E a maré cheia de cabeças vai, sobe, ondula, reflui, aper-

ta-se, espraia-se, a iluminação começa de esmorecer, os ruídos amortecem-se, a multidão escoasse por invisíveis comportas, e eu, onze horas desta noite de Natal do ano do Senhor de 1917, desço de novo ao *metro* quási deserto e vou tomar o combóio da Concórdia. Mudo e vou para Êtoile.

Há dois soldados, uma velha com um cabaz, e um americano. Nem uma carinha bonita para pasto dos olhos. Subo a escada, patinhando água e entro na escuridão da grande praça. Uma velha à entrada do boqueirão da escada apregoa roucamente os seus jornais *La Verité*, *La Liberté*, *La Presse*. Tem uma lanterna na mão para ver os títulos e fazer os trocos. *La Verité*, *La Presse*! Oh insaciável coração, borboleteante pensamento humano. Como êste pregão melopeiaco é, já hoje, uma grande, uma deliciosa saudade...



HÁ cinco anos, lembro-me, as grandes atracções de Paris eram o *Bal Tabarin* com o seu cortejo do nú, ao sábado, e o *Moulin rouge*. Grandes feiras humanas, jámais o estrangeiro deixava de lá ir espriar os olhos, abrir a bôlsa e divertir-se um pouco, que um homem não é de ferro. O *Luna Parc* e o *Magic City* eram feiras também mas nessas, com cinco francos, um homem podia vortilhonar na montanha russa, entrar no labirinto, fazer que anda mas não anda na ponte mágica, emfim recolher moído e farto como se lhe tivessem dado uma sova.

Agora, a grande atracção é a revista do *Casino de Paris*, uma *féerie* de tons, de luzes, de fatos, de carnes, de risos. Ficou célebre a peça *Miguel Strogoff* de Júlio Verne, pela quantidade de cavalos que metia. Esta do *Casino de Paris* é já célebre pela quantidade de mulheres que tem. E porque seja curioso registrar as minhas impressões de Paris sob a ameaça dos ale-

mães, Paris visitada dos *zeppelins*, Paris durante o tempo de guerra, aí vai o leitor saber. Mas saiba que não é êste espectáculo uma qualquer coisa banal. A revista chama-se *Laisse les Tomber!* e é em 2 actos e 50 quadros. Escreveram-na Georges Arnould, Jacques-Charles e Jacques Bousquet. E representam-na, entre outras e outros, Gaby Deslys e Harry Pilcer, um cavalheiro que dança e que dizem ter feito pulsar mais apressado o coração de tôdas as deliriosas do palco e seus cultores.

Pois vamos até à Rua de Clichy, onde por convite de D. Olga Morais Sarmiento e de madame de Rothschild temos lugar numa friza de bôca, exactamente aquela por onde há-de passar Gaby Deslys e o seu cortejo de officiais ingleses, coristas vestidas de caqui, cinturadas militarmente e de bengalinha na mão.

Casa cheia, cheia a deitar por fora. Há muita mulher fácil e difícil, muita tropa, muita gente. Os americanos e os ingleses são em maior número, tomam as primeiras filas, trepam aos bancos do *promenoir*, dão o braço às fêmeas, fumam, guturam, e sublinham com aplausos os ditos e as danças que em verdade foram feitas para êles, para lhes lisongear sòmente os gostos, usos e costumes, visto que são êles que enchem Paris e o inundam de dinheiro.

Foi para êles que Pascaud confeccionou 800 vestidos e Canabate & Gesmar os desenharam.

Foi para êles que Pilcer se extenuou a dançar as danças inglesas. Foi para êles que a orquestra tocou o hino inglês, o hino americano e tôda a sorte de músicas matraqueantes que se inventaram além da Mancha e além do Atlântico. Foi para êles mesmo, o sorriso da sr.^a Rose Amy e o olhar lúbrico da sr.^a Gaby Deslys.

A senhora Gaby Deslys! Há cinco anos em Londres se a espreitei foi quando ela saía a porta da caixa do teatro, porque os bilhetes estavam vendidos para 8 dias. E os cartazes ao lado do nome da cômica punham o nome do *King Manuel*, aperitivo escandaloso que para a cavalheira tem sido uma mina.

Pois vi-a agora passar pela friza onde eu estava. É alta, magra, pretenciosa. Não é bonita nem simpática e levava na cabeça um chapéu cesta de papéis, coifado com plumas enormes à laia de chefe pele-vermelha. O chapéu devia ter um metro de altura e outro de largura e oscilava como oscilam os leques imensos com que nas mãos dos escravos se fazem abanar na Índia das lendas os rajás faustosos. Tudo nela é espalhafatoso e sob o carmim da côr e o negro das olheiras deve estar uma pobre clorótica, a tratar do peito e a cismar como há-de espreguiçar um gesto novo. É alta mas não tem linha, a linha ondulosa e serpentina que faz às vezes de uma feia a mulher que perde, a mulher que mata, a mulher que tem

qualquer coisa que não sabemos explicar mas que deve ser terrível.

Mas a senhora Gaby Deslys deve também ser terrível mas é ao levantar da cama, sem côr, com a grenha em desalinho, os olhos pisados, a carne espapada e flácida em cujas veias só sangue pobre gira. Umas mais, outras menos, tôdas as mulheres ao levantar não valem um ochavo. Mas a sr.^a Gaby deve infundir piedade, e eu estou em crer que ela deu algum filtro ao reizinho, ao *King Manuel*, que vamos lá com Deus se tem sido um maná para a celebridade da camarada é também uma controversa prova de que se não houvesse mau gôsto o que seria do amarelo.

Pois a sr.^a Gaby, canta, diz, recita, pousa, ondula, cabeceia, mostra-se emquanto o sr. Piller, um rapado com cara de tunantão cínico, dança americano, dança francês, dança inglês, pula, arqueja, batuca, contorciona-se, e os ditos de espírito se sucedem, o cenário se muda e os números de música ofegantes galopam envolvendo a multidão.

Agora, ao fim de um quadro, o fundo é um pano enorme de veludo preto onde se encostam cinco, seis, sete escadas a prumo e a tôda a altura. Cordões de lâmpadas, pendidas, com flores, dividem umas das outras. E de repente, ao som suavíssimo da orquestra, vindas lá do alto do urdimento, aparecem, descendo em fila,

as primeiras pernas. São pernas que em passo de parada se erguem, para rítmicamente descerem degrau a degrau.

Atraz das pernas descem cinturas de vespa e rostos de lindas mulheres. É a primeira fila e já outra outra fila desce, sempre mostrando pernas, sempre bulindo, açulando a animalidade da sala tôda que estremece, que lateja, que uiva e que tem àquela altura a bôca sêca e o sonho de inacreditáveis deboches.

Mas, durante a revista, às mulheres sucedem as mulheres. Há-as frescas, garôtas, tenros frutos canalhas e há-as mulheres de trinta anos, cheias de viço e frescor. Há-as altas, *fausses maigres*, e há-as tronchudinhas, abonecradas. Há-as para o velho e para o rapaz, há-as para o inglês e para o newyorkino, para o californense e para o australiano. Só não as há, não as haverá nunca, para o que não fizer rolar francos, os muitos francos com que as cem mil bôcas de Paris se sustentam, as cem mil bôcas dos cem mil desejos para que tôda esta gente vai sorrindo como numa cavalgada triunfal das Walkyrias.

Mas há belas, lindas mulheres no monte, há belas, lindas mulheres na sala. É a multidão delira, aplaude frenética, bêbeda, delirante. Os *couplets* pincham hilares, tudo aquilo é um grande vortilhão de loucura e se a gente não ouvisse os hinos e não visse tanto soldado, dir-

-nos-íamos em plena paz, entre luzes, bebidas e mulheres, quermesse plena e estonteante.

Mas o pano desce, a música emudece, começa a escoar-se a multidão. Saímos. Cá fora é escuro, escuro como breu, e neva. Às apalpadelas, atravessa-se a rua, impellido, empurrado. Grita-se o nome do *chauffeur* e espera-se. E, quando no fim subo a escada do hotel, pisando a passadeira com as minhas fortes botas impermeáveis, eu penso na loucura, no vortilhão, no sonho de luz e carne que passou ante os meus olhos e agora é sómente um sonho. Penso também se voltarei a vê-lo, se não ficarei, pelo acaso de uma inevitável fatalidade, nesse *front* para onde a minha guia em inglês diz que eu devo partir amanhã, da *gare* do Norte às 9 horas.

Sei lá! Sabemos nós por acaso alguma coisa!...

VII

P OIS às 8,40 da manhã, munido de uma *valise* onde além de camisas, da pequena farmácia, e dos artigos de *toilette* ia o indispensável Baedeker, hoje proibido em França por ser alemão e que eu só pude comprar com autorização escrita do Ministério da Guerra francês, aqui me apresentei eu na Gare du Nord. O combóio parte às 9,10 e é um dos muitos que carvoados e fumegantes se alinham na estação enorme. Vou visar o meu bilhete ao *bureau militaire*, no primeiro pavimento. Cá em baixo um soldado, de capacete, faz sentinela. Parece tirado da *Illustration*, e é uma figura decorativa, medalhada, com a pose de um bronze ou a de um legionário da Roma antiga. Paris, a França tôda é dos militares. É deles a estação, é deles o combóio, são deles as cidades e as aldeias, os castelos e as estradas. E eu instalo-me num compartimento onde há dois americanos e três franceses, todo militares. Um dos franceses é soldado de cavalaria e tem um capapuço de aviador em pano preto, que lhe dá

sôbre os vermelhos da farda um aspecto bizarro. O outro é um tenente odioso que nada mais faz do que dormir e fumar. O terceiro é um *caporal* dos atiradores senegalenses que tem a sua companhia a descansar em Marselha enquanto êle vai ver a família a Calais. O combóio rola docemente. Cá vamos, penso. O que será aquilo lá em cima? Está um frio siberiano e tudo em volta é neve. Os americanos palram entre si. E nós quatro, cada um vindo de sua região diferente, aborrecemo-nos. Apenas de quando em quando nos abaixamos para ver se a *chauffage* funciona ou se a valeta de ferro é também de neve como lá fora. Tiritase. O combóio é enorme, compridíssimo, sem fim e não pára até Amiens. Daí para cima vai êle deixando tropa e equipamentos em tôdas as estações. Chega a Amiens com duas horas de atraso e o vagão restaurante não tem um único lugar vago. Só em Abbeville a gente consegue engrolar o bocado, com uma fome capaz de trincar o coiro do revestimento. De Abbeville para cima começamos a encontrar grandes vagões onde encerados enormes cobrem artilharia, ou então rumas de granadas cobertas de gêlo guardadas por um inglês que passeia rítmico e lento, nostálgico talvez do seu país de bruma.

Pelas alturas de Boulogne há um cemitério enorme. Um cemitério que uma estrada limita

e onde uma grande taboleta diz aos *chauffeurs* que não perturbem o silêncio dos mortos. Então as sereias emmudecem e parece que o ruído do motor se anula. Quem passa no combóio vê, abarca o campo de cruzes tôdas iguais, tôdas à mesma altura. Cada cruz é um homem e o cemitério tem talvez dois tamanhos do Terreiro do Paço. E como é ladeirento, aquela reunião de cruzes parece uma seara triste e desolada.

É a primeira impressão da guerra. Quantos mortos, quantos! Descubro-me e dentro de mim a alma ajoelha. Há um sol baço, convalescente, ironia que o frio corta. E as sentinelas ao longo da linha embuçam-se transidas e nos acampamentos formiga gente que constrói e que labuta. A chaminé de uma barraca fuma para o céu uma espiral algodoenta. Há homens, cavalos, viaturas, munições. E o combóio rola, roda, e passa apressado. São 5 horas em Boulogne. Daqui em diante, tomado de vertigem, a gente voa. E por esta altura já a conversa é curral de conselho em que todos cabem. Pergunto ao cavaleiro francês se é também aviador. Intriga-me a sua *casquette*. E êle então, levantando uma das orelhas do carapuço, mostra-me um buraco negro. Uma sabrada levava-lhe a orelha e esmigalhara-lhe ossos. Não ouvia daquele lado e andava ainda a disfarçar a impressão da cicatriz horrível.

O *caporal* era pintor. Falou-se da França, do auxílio inglês, dos vilões *boches*. E curiosos inquiriram de Portugal. Como se sentia aqui a guerra? E havia entusiasmo? Mandaríamos muita gente?

Debruço-me. Fontinettes. São seis e meia. É de noite. E é já noite fechada, noite escuríssima quando chegamos a Calais. A estação está às escuras e só as lanternas do pessoal tremulam, vão e veem. Passo a estação e entro num café que fica defronte. É um café pacato onde dois paisanos bebem, lamentando a vida que passa. Eu bebo também com o meu amigo *caporal* que tem a cruz de ferro. O café! Foi preciso deixar Portugal para me reconciliar com a bebida negra. Há quatro, há seis anos que não bebia nem café, nem chá. Da falta desta última bebida é que vem talvez a minha brusquidão, mas agora é tarde já para começar. É aos tropeções, às apalpadelas que atravessamos a praça. Os vultos movem-se no escuro e só às nossas lâmpadas de algibeira a gente deve o não ter esmigalhado os ossos.

O combóio para Saint Omer está a sair. Despeço-me do meu camarada francês e vou perguntar na mistura de combóios que enchem a linha, onde é o meu. O sétimo dizem-me. Subo a ponte, desço e vou à procura do malfadado vagão. Nem raça de luz, caramba. Às vezes os *boches* veem dinamitar a cidade e tudo

leva a crer que venham hoje, dizem, porque lá para cima, para lá das nuvens, há uma meia luz prateada, mixto de luar que se adivinha e da refulgência nevada da terra.

Abro uma porta. *Completo*, dizem de dentro. Abro outra, outra e outra. Do interior de todo êsse norme combóio às escuras sai sempre o mesmo grito rouco: *Completo, completo, completo*. Seja como fôr: em terra é que eu não fico. No estribo, na suspensão das bagagens, onde caiba fôlego vivo, haverá um lugar para mim. E munido de uma paciência infinita, abro a décima terceira ou décima quarta portinhola. Faltou o grito. Iço-me. Quem cala, consente. E realmente faltava apenas eu. No escuro não se sabe quem vai. Às apalpadelas a gente instala-se. Militares, militares, uma velha com uma petiza e um paisano, empregado no caminho de ferro, vejo tudo isto no fóco rápido de um acender de lâmpada. Ao canto de lá, ao pé da portinhola, um soldado velho e magro, de grandes bigodes pendentes, faz sopas de vinho dentro de um púcaro de lata e sente-se na escuridão o seu mascar, a sua queixada ir, vir, esmoer, triturar. Sorve e parece alguém que vai morrer. Há um cheiro odioso e nauseante nesta pocilga compartimento de terceira que já deve estar farta de conduzir corpos ao grande matadouro.

Esperamos. Quanto tempo? Não sei. Tudo é

silêncio, frio, neve, receio. E o combóio, devagarinho, põe-se em marcha. Daqui a Saint Omer são duas horas de viagem. Duas horas de aborrecido silêncio. Parecia que a noite era uma gigantesca ave de rapina, intranqüila e rapace, e que a gente se acoitava sob a sua asa negra. O soldado mandíbula sempre. A petiza adormeceu com a trança sôbre o meu capote e o combóio vai largando tropas e armas pelo caminho. E ajoujados sob a escopeta e o alforge militar, ingleses e ingleses ficam nas estações. São oito e meia. É escuro, muito escuro, embora a claridade difusa seja álgida e lunar. Chegámos a Saint Omer.

VIII

S AINT-Omer. É noite negra e a neve range sob os nossos pés. Está um frio polar e apesar-da gola do capote erguida até aos olhos e do *kepi* enterrado até às pestanas, eu tiritto. O combóio apagado despeja ingleses e equipamento na gare sem luz. Depois vai-se. Os ingleses, em tropel, atravessam a linha e sentem-se as suas botas cardadas prensar, tropeando, a neve que chia. Sou o último a atravessar e quando me preparo para sair, vejo um dos nossos soldados que me diz que se perdeu. Ia num grande combóio, vindo não sabe donde para parte incerta, pelo menos para êle.

Perdido? Também eu, a dois mil kilometros da família, numa gare às escuras, vestíbulo de uma cidade onde não há restea de luz. Vale-nos porém a providência dos tristes. Envolto num capote de cavalaria, embuçado no seu *cache-col* de lã, um sargento portuguez avança e promete jantar e quarto para mim, cama e café para o galucho, e lá vamos.

Saímos da *gare* e aqui se começa calcur-

reando ruas mortas a passo ginástico. O soldado é o primeiro a ser arrumado. Vai ficar aos colegas ingleses. Pesados *camions* circulam, estremecendo as ruas. A gente serve-se das lâmpadas eléctricas, logo apagadas, para se livrar das quedas, e a neve escorregadia, polida, cansa e é horrível. O soldado lá fica num armazém onde há *camions*, britânicos, e uma tarimba e manta para não morrer gelado. Já lá está outro português. A porta abre-se, mas a sentinela, atenta, não a deixa aberta um segundo. É que tôdas as noites, pairando nas alturas, os *boches* veem dinamitar a cidade. Ouve-se o ruído dos motores, ouve-se tiroteio e de repente pam-pam. É um prédio escavacado de alto abaixo, irremediável, sem concêrto.

Vou jantar. E calcurreando outras ruas, a gente empurra uma porta e está numa sala negra onde há capotes, caixas, uma grande chaminé alareirada. É um interior de Teniers. Depois, subimos dois degraus, estamos numa sala de jantar onde há uma mesa que a enche quási tôda. À volta oficiais ingleses, muitos oficiais ingleses, dois ou três franceses, dois ou três paisanos. Não jantam, petiscam. Outros fumam, outros dizem graças às raparigas que servem, vestidas de preto e que são bem bonitas por sinal. Mas a sala, que daria uma soberba tela a um pintor, tem aspectos únicos, como eu não tornarei a ver. Não é hotel, é

estalagem militar. As pequenas derriçam-se, coçam-se, unguentam de cio a sala, como se aquilo fôsse um café cantante e elas camareiras que servissem prazer. E o jantar aparece. Jantar frugal mas que me soube a opíparo. A fome é negra e o frio cortava. Depois café para narcotizar a tripa. Quanto? Nove francos, diz a nota, a que prudentemente é cortada tôda a indicação de casa, rua, localidade. Abençoado seja o Senhor!

Durante o jantar conversámos. O sargento é o sr. Júlio Ferreira, intérprete, moço inteligente, sabedor, que tem prestado serviços maravilhosos ao C. E. P. Que o digam todos os que como eu a êle tiveram por guia e camarada. Vamos depois arranjar cama. Tudo cheio. De cá para lá, conversando na nossa bem amada terra distante, onde o frio é coisa amável e a neve só na serra companheira de lobos, chegamos. Temos que subir três degraus escorregadios. Logo no primeiro eu soube que a neve e o asfalto são coisa dura. E dei a mais monumental queda que pode dar alguém. Fiquei estendido como um cação, bengala para um lado, maleta para o outro, valendo-me a roupa para não quebrar os ossos.

Dão-me um quarto sôbre um *estaminet*. Sobese por uma escada estreita, tortuosa, como quem sobe para um sótão. Não há portas e há três quartos de enfiada. Fico no do centro.

O papel da parede, enfolado e manchado, diz-me que as paredes choram água como a minha alma chora saudade de alguém distante. E à luz de uma vela, sob um frio horrível, na noite mais fria da minha vida, eu dei-me a ir buscar os *edredons* e cobertores de tôdas as outras camas. O quarto tinha uma janela sôbre a *cour*, foscada pela neve ainda. Deitei-me meio vestido batendo o queixo. Acordei às tantas para sacar de sob o travesseiro a lanterna e ver as horas. 5. Não adormeci mais.

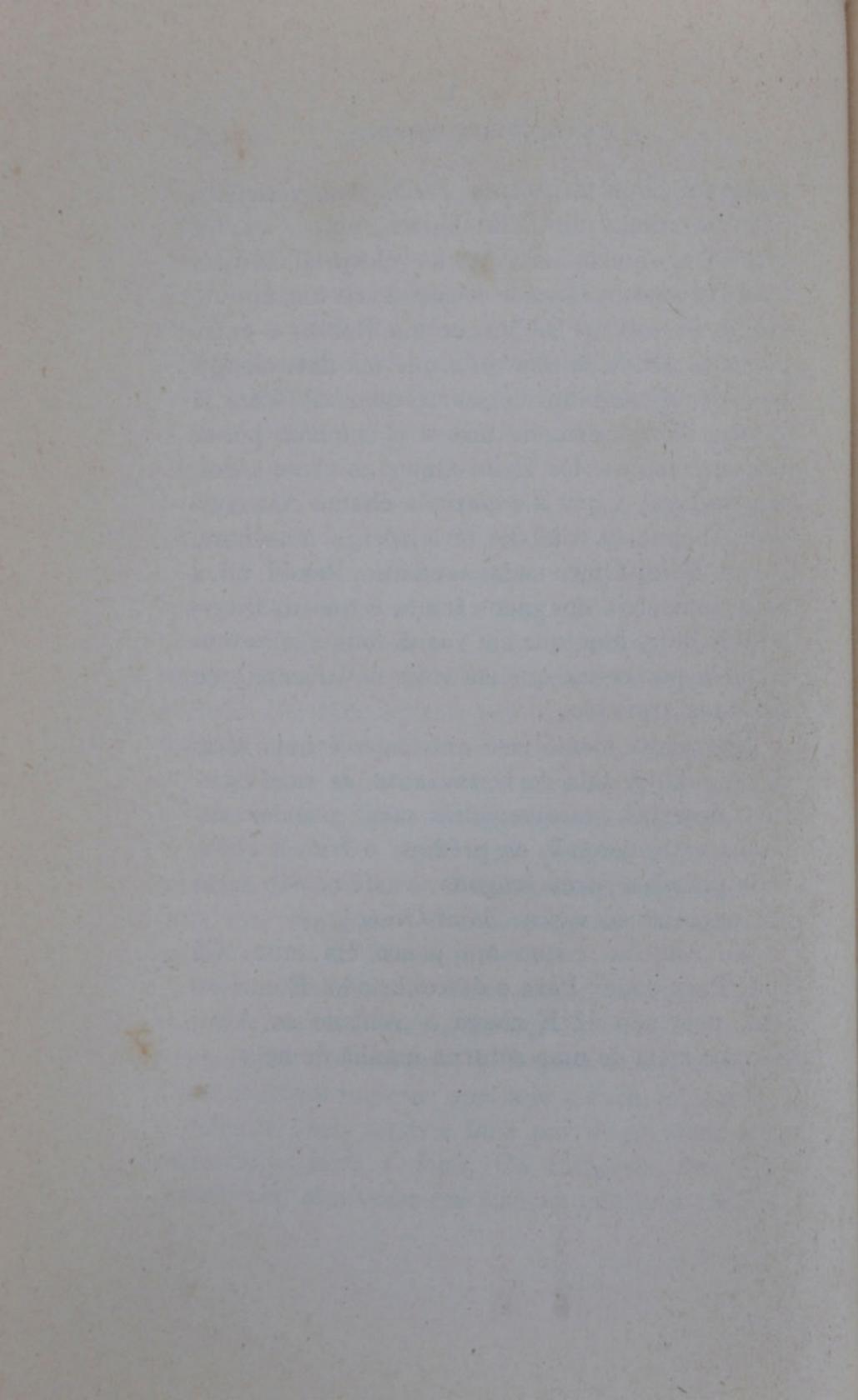
As 8 havia que estar na estação, que o comboio para o Aire saía às 8,35. Só pouco mais ou menos às 8 começou uma claridade lívida, côr de chumbo. Vesti-me à luz da vela e quando o nosso Ferreira entrou pelo quarto já me encontrou a tiritar dentro do capote, cinturado até ao último furo e pronto para marchar para o inferno. Descemos. Luz acesa cá em baixo, e tudo cheio do vapor dos grandes panelões onde se fazia o café. Bebemos uma tarraçada cada um. Soube-nos divinamente aquele aquecer de tripa. E despedimo-nos.

Vejo rápidamente Saint-Omer, cidade de vinte e tal mil habitantes e praça forte, mártir de cercos, guerras, ataques, pilhagens e incêndios. Êsses mesmos ingleses que hoje a enchem, para a defender, em tempos idos por duas vezes a puseram a ferro e fogo. Os franceses que a conservam, oito vezes em som de guerra a mal-

trataram. Pois atravesso várias ruas desertas, olho as ruínas de Saint-Bertin, depois de ter olhado o enorme edifício do Hospital Militar e atravessado a Grande Place. Paro um minuto diante da estátua de Jacquelina Robins e entro na *gare*. Diz a minha guia que me devo dirigir ao Aire, a caminho do quartel general. Para lá vamos. Um apêto de mão e o combóio põe-se em movimento. De Saint-Omer ao Aire (Aire-sur-le-Lys) a que a rapaziada chama Aire-sur-le-Lisbonne, o combóio leva apenas uma hora. Deixo Saint-Omer sem saudade. Passei ali a noite mais fria dos meus trinta e quatro invernos. E hoje, hoje que ela vai já longe, só ao recordá-la parece-me que ela volta novamente e eu sinto-me transido.

Na minha memória Saint-Omer é uma série de *croquis*. A sala do restaurante, as ruas escuras, desertas, escorregadias com grandes *camions* estremecendo os prédios, o frio, a clari-
dade plúmbea da madrugada, o café bebido entre um nevoeiro do vapor. Saint-Omer!

No combóio cismo um pouco em mim. Cá vou. Para onde? Para o desconhecido. É curioso isto, pois não é? E chega o combóio ao Aire. São 9 e meia de uma soturna manhã de neve.



NO "FRONT,"

IX

AIRE-SUR-LE-LYS, onde acabo de desembarcar, é uma cidadezinha, tranqüila, soturna, negrusca, como são tôdas as cidades dêste Artois vizinho da Bélgica. E os nossos soldados, que lhe emprestam a vida que ela tem agora, chamam-lhe, risonha, despreocupadamente *Aire-sur-la-Lisbonne*.

É o capitão Novo, o oficial que, ao pôr pé na estação, me visa a guia. Novo só de nome, o capitão Novo com a sua alta estatura e o seu farto bigode branco é uma interessante figura de militar. Envolve-o um amplíssimo capote de cavalaria, e nesta frigidíssima manhã de França a gente sopra as mãos e bate um fandango discreto para não regelar de todo. É êle, quem, apenas o combóio deixa a *gare*, me dá o *cicerone* que me há-de acompanhar distante, onde estão os nossos. E o *cicerone* é um galucho morrinhento que fala de Portugal com o ar lamentoso de ave ferida, que queixosamente morre.

Atravessamos o Aire, entramos na estrada e vamos topar *camions* e soldados. Quem são os oficiais que estão? pergunto. O soldado diz-me alferes, tenentes e diz-me que está também o capitão Chagas Franco.

Entra-me uma alma nova ao ouvir o nome do amigo velho que escreveu *O Resgate*, que civilmente governou Lisboa e que é uma invulgar e curiosa figura de artista. Vou topá-lo numa *ferme*, que é também a prisão. Um portal que uma sentinela vigia, um pátio onde um soldado toca *harmonium* e majestosas galinhas passeiam imponentes, pátio enorme, cheio de terra mole, espapaçada, que a neve tornou vidrenta e escorregadia. Ao fundo a casa senhorial de fazendeiros laboriosos que só a guerra podia alarmar do seu viver monótono e sempre igual.

O meu amigo Chagas Franco mora na porta à direita e vou dar com êle dormindo ainda, que nem outra coisa apetece nesta infame região da desolação e da neve. Acorda e tomamos café, café quente, retemperador da víscera, sinónimo da vida e da alegria de viver. Com o café vem a chalaça e eu fico desde logo ali aboletado. Acende-se o fogão e ateia-se a conversa e conversando vamos até que são horas do almôço. Vou almoçar na *messe* e ali conheço todos os camaradas portugueses. É domingo, um domingo estúpido, anesteziante e eu sei que tenho que ir à escola de gases, pois sem instrução

anti-gás não poderei seguir para as linhas de fogo. É ainda Chagas Franco, cuja inteligência e faculdades de trabalho melhor estariam na Avenue Kleber em Paris do que estagnadas aqui, quem salva a situação propondo irmos nesse mesmo dia a Mametz onde se encontra a escola, passeio que fazemos após o almoço e que eu nunca esquecerei.

Gola levantada, apoiados às bengalas, aqui largamos nós do Aire para Mametz. São oito quilómetros e meio. A estrada parece não acabar nunca e a paisagem é desolada, vastos campos de neve, com horisontes de bruma e uma ou outra árvore espectral, mostrando distante o seu perfil transido. Não há, não pode haver maior monotonia, do que êste branco que dá vertígens, do que êste frio que entorpece as orelhas e gela os dedos. Vamos conversando e recordando e os nossos passos rítmicos, militares, vão mordendo a estrada sempre igualmente. Agora à esquerda avista-se o casarío negro de Saint-Quentin e mais uma companhia de árvores que parece marchar também a cumprir o destino de expulsar da terra amiga o invasor odiado. Há neve, muita neve, sempre neve. A vista fadiga-se-me e por vergonha é que eu não confesso que sou um pobre farrapo de alma a quem a neve perturba e mata. Há um outro *camion*, pesado, que passa como um trovão estremecendo o leito da estrada, estremecendo os longes

da paisagem, com um grande estrupido de correntes e ferragens que solavancam. E há corvos, muitos, infinitos corvos, que crocitam, que piam, que volteiam e abatem pondo manchas negras na alvura marmórea da neve. E são muitos, são extraordinários. Parece que todos os corvos do mundo sentiram a necessidade de virem fazer a peregrinação à Meca de carne podre que deve ser o campo de batalha. Que estes são talvez as reservas do exército de corvos que deve estar lá para diante roendo as entranhas dos cavalos mortos, bicando os olhos aos moribundos. Os corvos! A gente passa e no seu grasnido êles levantam vô e vão às dezenas, planando, poisar mais além. Todo o ar está cheio da mudez da neve e do seu crocito fatal. Aves soturnas da morte, aves côr do luto e da noite! Se eu caísse varado à beira daquela estrada de prata fosca que não acaba mais, só a neve me amortalharia e os corvos saberiam de mim, tal é a impressão de solidão que existe na minha alma. Vou coberto de suor, o suor da marcha e todavia está frio, um frio horrível. Parar seria morrer e nós não paramos. Caminho sem fim, aqueles oito quilómetros são eternos, medidos por uma velha bruxa que nos tivesse sonhado o suplício de Ahasverus. Caminho feito de neve é como o caminho feito de areia. E a gente algumas horas após chega a Mametz.

É instrutor o alferes Almeida Ribeiro, que me dá a máscara e me ensina como eu a devo trazer, como a devo usar e como em três tempos, *gás alerta*, ficarei inteiramente disfarçado, os olhos redondos como os de um mocho gigantesco, o nariz pinçado e os dentes aferrados a um tubo de borracha que não seria um desprezível suplício inquisitorial. Aprendo rapidamente, que o professor é gentilíssimo, e preparamo-nos para fazer a volta. São outra vez os mesmos oito quilómetros e meio, mas esticados pela fadiga, que deu aos membros difíceis tiragens de energia. Raios partam quem fêz tão grande o mundo! E os corvos volitam, grassam, perscrutam, pairam e abatem carnívoramente, para irem de novo mais longe abater e levantar vôo.

Camions inglêses passam, e a gente, que já não pode mais, obliqua à esquerda a um grupo de casinhas. É Mulins-le-Comte. Entramos numa casa onde duas senhoras, diante de um fogão original, torram bolos e aquecem café. Descanso finalmente, e bebo café, muito café. Que no *front* creio que se bebe café para aquecer como se bebe também para refrescar. Saborosos bolos, excelentes criaturas.

Acabada a estopada, voltamos a casa a lavar, para irmos à refeição. É já de noite e é escuro, escuríssimo. Jantados, vamos à deita. Feita a remoção de uma cama patriarcal,

para cêrca do fogão, aqui começamos nós a sonhar com as delícias do sono, o sono que Vítor Hugo diz que é o aquário da noite e o Eça que é o primo da morte. Mas os lençóis estão húmidos. Torcidos escorreriam água. E vamos à madama para que nos aqueça tijolos. Metem-se os tijolos embrulhados em *Diários de Notícias*, na cama. Uma, duas, três, estão frios, êles que tinham entrado a escaldar. Peste de terra!

Quando adormeço, um *boche* aviador andava sôbre as nossas cabeças à procura das fábricas de Isbergue e ouvia-se longe, agrandado pela distância o canhoneio, o ronco pavoroso que o homem inventou para espavorir os ecos e as sombras que povoam a noite.

Onde é aquilo? pergunto. É lá para Haze-brouck.

Escrevera postais, vira na carta onde é Haze-brouck. É de aqui a 14 quilómetros. Pois senhores, não faço idea. *Êles* batem-se e na minha mente imagino o inferno que deve ser para lá. Na escuridão da noite êles batem-se. Um camion passa. Tudo estremece. E eu, encolhido entre os lençóis, caio a pique no sono, primo-irmão da Morte, como lhe chamou, o nosso saudoso Eça de Queiroz.

S AINT VENANT, onde se encontra o nosso Quartel General, é perto do Aire. De lá saí hoje às 9,20 da manhã e 11 horas dadas já eu calcurreio as ruas feias da povoação à procura do comando, que fica lá no extremo, num *chateau* ideal, à beira de uma estrada ladeada de choupos e das águas do canal. A luz, apesar da neve em que reverbera, é cinzenta, brumosa, agreste. Corre um sôpro gelado e sendo 11 horas, parece que são apenas 8, o alvorecer de uma desolada manhã de inverno.

Atravesso uma praça, a Grande Place de tôdas as cidades francesas. Está cheia de *camions* e há soldados portugueses por tôda a parte. Atravesso uma ponte escorregadia, colo-me à parede não sei quantas vezes para deixar passar os grandes automóveis e chego ao Quartel General. É cedo ainda. Apresento-me. Pelas vidraças de um *hall* vejo os abrigos de sacaria, no jardim. O telefone retine. Digo a que vim e peço para marchar amanhã para as trincheiras.

Para almoçar volto à Grande Praça, ao *restaurant* da esquina, os senhores sabem, e dizem-me que só há 1 hora. Inquirio onde está o Adriano de Sousa Lopes, capitão que tem feito da guerra desenhos maravilhosos. Está em Saint Floris, distante um quarto de hora de caminho. Bem. Há tempo. Irei a Saint Floris. Um soldado indica-me, e aqui me meto eu à estrada, que é realmente linda como paisagem, mas que, envernizada pela neve e pelo óleo negro dos automóveis, não consente dez passos onde não haja quatro de dança e que muito bem poderia servir num concurso de provas práticas de equilibrismo. Tem ainda um perigo esta amaldiçoada estrada. É que dos dois lados corre a água do canal de maneira que uma queda pode também ser um banho gelado. O que eu passei antes de chegar a Saint Floris foi épico. Um quarto de hora de caminho? Três levei eu, que parecia que Saint Floris se tinha mudado, para me fazer pirraça. E não esqueço que a meio do caminho dei uma queda que me rasgou a mão esquerda, que ficou cheia de sangue, óleo e escremento de cavalo, o que me fêz temer um tétano. Que diabo! Era triste ter vindo até quasi às linhas para morrer sofrendo estúpida-mente. E chego, depois de várias perguntas, a uma casa onde encontro Sousa Lopes. Encontro também um médico que me cura, que me dá o penso individual para levar amanhã para a

frente e que me tranqüiliza quanto ao tétano, que, diz-me, não existe naquela região. Sousa Lopes mostra-me dois magníficos trabalhos: *Um raid nocturno e uma patrulha*.

Quando chego a Saint Venant às duas, morto de fome, dizem-me no *restaurant* descaradamente que, não tendo eu estado a horas, já não há que comer, ou seja o provérbio português «quem fora de horas vier comerá do que trouxer». Não há que comer! Não há que comer! Com trezentos mil macacos! Nome sagrado de Deus! pois eu é que não arranco de aqui sem comer seja o que fôr. A mulher descompõe-me. As filhas, duas lindas mocetonas, sorriem. Eu refilo. Refilo, tiro a máscara de tiracolo, lavo as mãos, desaperto o capote, espevito o fogão e sento-me à mesa. De aqui nem por um decreto. Uma das pequenas sorri. Eu sorrio. Aparece um prato, pão e vinho. Lá dentro a megera continua a descompor-me. Já ataquei o pão, já bebi do vinho, já fiz dois dedos de *flirt* com a pequena, que acha imensa graça à minha fome, e ainda a mãe está na cozinha a moer descomposturas, que enfiadas umas nas outras parecem um rosário de salchichas, caramba! Mas a pequena é um anjo. E vem uma sopa, e vem carne, e veem ovos com ervilhas, e vem queijo e vem café. Como a vida é boa, santo Deus! Não há, soube-o agora, em todo Saint Venant, um único quarto vago, uma cama onde se durma,

uma tina onde a gente se lave. Estou servido!

Vou ao quartel general. «Sim, senhor. Amanhã irá às linhas. Vai-se-lhe dar um passe, um capacete, um automóvel e um oficial para o acompanhar. Agora vai aboletar-se. É o número tal.» Vou num automóvel com outro oficial que se destina ao mesmo boleto. É numa casa perdida, fora da povoação e o que a velha nos disse quando nos viu entrar não se descreve. Disse que já lá tinha dois oficiais, que não tinha camas, que isto, que aquilo, muito resmungadamente. O outro sentou-se logo e sem querer saber de mais nada tirou as botas e ficou. Eu desisti e—seria o que Deus quisesse—voltei pelo mesmo caminho. Nevava, fazia um frio horrível, 31 de dezembro de 1917, e se não é encontrar o Lameiras dos correios, teria dormido na cadeira de uma secretária do quartel general. Foi êle quem se lembrou que um oficial qualquer tinha ido em comissão e só no dia seguinte voltava. Havia, portanto, vaga uma cama, mas o homem, o dono, era um tipo intratável, bruto, levado do diabo. Lá fomos parlamentar e o homem pouco disposto. Esperanças quási perdidas, quando eu vejo um petiz muito loiro. Começo a dizer que há-de ser soldado e o pai começa a dizer que o rapaz é rapariga. Um beijo e como quem meus filhos beija minha bôca adoça, o pai começa a

alisar o pêlo. Despedimo-nos e tudo se conseguira. O homem já admirava muito as virtudes guerreiras dos portugueses, já mandava pôr lençóis lavados na cama e eu já dera à petiza cinco francos para bombons. O pai chamado a capítulo, não queria nada pela dormida. A que horas viria eu? Às 10 e meia. Pois muito bem, senhor! ao dar das 10 e meia — acertemos os relójos, — ao dar das 10 e meia abrir-lhes hei a porta.»

Ótimo. Vamos jantar e tudo é escuro, de uma escuridão cerrada, de breu. Andamos na rua graças às lanternas eléctricas de algibeira, e como numa cantina uns soldados se demorassem a entrar, rasgando a treva uma acha de luz, logo um francês começou a berrar, dizendo se êles queriam a vila dinamitada, se queriam que de lá de cima o *boche* lhes mandasse o seu cartão de visita. Fechada a porta, voltou a escuridão cerrada, e como fôsem nove horas e eu tivesse uma fadiga espantosa, aqui vou eu com o Lameiras bater à porta do homem. «Épicerie, Mercerie, Parfumerie. Fumery-Delplace. Rue de Paris, Saint Venant (P. de C.)». É o número 52. Batemos, batemos, batemos. Batemos com a palma da mão, com as bengalas em guisa de ariete, com pedras. Tornejamos a casa. Batemos outra vez. Qual. Ninguê m respondeu. Dir-se-ia que todos tinham morrido.

Bem. Aqui se põe a gente a ver que o aloja-

mento fôra um ar que lhe dera. E decidimos ir vagabundar. Às dez e meia talvez o homem se comovesse. Fomos até ao quartel general e aí conheci o alferes Ivens Ferraz, que no dia seguinte me devia ir acompanhar à linha. Conversou-se, e às 10 e tal já a gente rondava a rua de Paris. A lâmpada segue o ponteiro do relógio, 10 e 25. E 26, e 27, e 29, dez e meia. Três pancadinhas discretas na porta e, oh maravilha, oh encanto, oh providência dos fatigados, a porta abre-se e o francês guinda-me por uma escada de caracol impossível, para casa do diabo mais velho, onde há uma cama. No quarto anterior dorme um oficial qualquer e o meu quarto deita sôbre uma travessa. Como é bom dormir. Como é bom ter uma cama. Às onze horas, depois de ter pensado nos aviões *boches* e em Portugal, dormia a sono solto.

Saint Venant. Quem me diria que ainda cá havia de vir parar com os ossos!

XI

POIS não dormia ainda há uma hora, o capote pesando sôbre a roupa da cama, a máscara e o capacete na cabeceira, quando acordei sobressaltado.

Ao longe, despertando os ecos da noite receosa e a mudez transida das florestas e canais, começara um dos mais furiosos bombardeamentos que o nosso sector ouviu. Estávamos a 31 de dezembro e no meu relójo vi que entrávamos no ano novo. Era um trovão colossal, ininterrupto, um trovão contínuo, único, que começado à meia noite só acabou às quatro da manhã, fazendo estremecer a terra como se a golpeasse o passo tétrico do corcel do Apocalipse. Um trovão gigantesco, agrandado pela distância, difundido pelo horizonte infinito, concôrto em que instrumentavam centenas de baterias, milhares de canhões. A noite estremecia e parecia ter contagiado os seus receios às coisas mudas e inertes, que as madeiras estalavam, os frascos tremiam e as vidraças tinham o retintim de uma criatura opressa que batesse os dentes na

escuridão. Acouchei-me mais e não dormi já. Comecei a escutar os ecos e a pensar. E se por uma destas incríveis fatalidades se desse o assalto até às casas onde a gente se achava? E se docemente enterrado nos lençóis me entrasse pela porta dentro um duro e bruto sargento alemão a declarar-me prisioneiro? E via-me a caminho da Alemanha, internado já num campo de concentração a sonhar... o livro que fôra escrever... As tolices que a gente sonha! Entretanto apalpava a pistola e via se a máscara ainda lá estava.

O que foi aquela noite? Foi uma noite em branco para mim, uma soneca roncada e assobiada pelo camarada do quarto contíguo. Depois, às tantas, a luz desandou a coar-se, plúmbea, triste, gelada. Já o bombardeamento cessara, represália, disseram-me depois, do bombardeamento aliado de 25 de dezembro. A luz entrou lívida e largo tempo cadaverizou tudo. Caía neve lá fora e o frio era de bater o queixo. Depois à uma, soturnamente, os sinos, todos os sinos, começaram dobrando. Dão, dão, aflitivamente, pavorosamente. Ninguém calcula a impressão que produz em mim o dobre dos sinos, tocando a rebate, sombrio, desolado. Noite erma, madrugada frígida e violácea, eu sentia apenas na rua um ou outro paisano que corria com grande bater de tamanhos que ressoavam. Depois, cornetas tocaram.

A claridade lívida tornou-se cinzenta. E às sete da manhã, quando, enfim mais sossegado, eu ia a pegar no sono, uma ordenança vem fazer uma chinfrineira à porta para que eu acordasse, — como se estivesse tranqüilamente a dormir um sono bestial.

Desço. O homem hospedeiro tem uma malga de café à minha espera. Não se pode recusar café com tamanho frio. E como êle saiba que eu vou para as trincheiras, despede-se de mim comovido. Eu falo-lhe na França livre, na França vencedora, orgulhosa, sempre mais alta. Êle sorri um sorriso de quem diz que isso ainda está longe. Deseja felicidades à minha viagem, quer que eu seja feliz. Apertamos as mãos num apêrto longo, enternecido, sincero. Quem é êle? Um francês que vê o seu território invadido, a sua terra cheia de soldados e de canhões. E eu? Um oficial qualquer, um número, uma farda, sabe êle lá de donde, indo, êle sabe lá! Saio. Um beijo à pequenita recomendo-lhe. Que coisas desagradáveis de que a vida é feita. Esta despedida por exemplo.

Vou ao Quartel General para tomar o automóvel. O oficial entrega-me o meu passe das trincheiras. Vamos embutir mais café. E eu vejo, admirado, um galucho português, em corpo bem feito, apenas com um *cache-col*, a convidar outro Joaquim para irem dar uma passeata. Em corpo bem feito! Não há dúvida que é infinita

a resistência da raça portuguesa. E quanto mais topo, cá fora, o nosso Joaquim, mais o admiro. Ele é forte, parecendo um fraca figura, desempenado e resistente, parecendo débil; inteligente, paciente, atilado e, sobretudo, tendo qualidades de adaptação que não tem o soldado de nenhum exército. Ele é dócil, obediente e ama o seu alferes e o seu tenente com loucura. Ele, o animal mais saudoso da terra, tem como nenhum outro a pele dura, a alma terna, o riso pronto, a resposta fácil, a piada a tempo. O soldado português! O Joaquim! Mas é um poema de páginas deliciosas o nosso Joaquim...

XII

O Joaquim apenas desembarcou em Brest puxou as calças para cima, num geito bem português, pôs o boné de banda e não se atrapalhou. Arguto, fino, inteligente, o Joaquim não sabia uma palavra de francês. Isso porém não o ralou nada. Inventou logo ali uma algaravia em que duas frases predominavam: o *Compris? Non compris?* e o *Bone. Non bone.*

Com isso o soldado português correu a França e foi estimado sempre. É que o Joaquim tem piada, é um ironista discreto e um animal humilde, sofredor, um belo camarada emfim. O seu capitão manda-o comprar dois ovos. Ele sabe lá como naquelas França se diz — ovos. Entrou no *Estaminet* e chegou-se ao balcão:

— «Ó tiazinha! vocemecê tem ovos?» Disse primeiro isto como se estivesse lá na terra. Depois repetiu três ou quatro vezes: ovos, ovos, ovos!

A botequineira nada. Ele então vê uma galinha, agarra-a e triunfalmente aponta-lhe para a saída. Ambos riem e o capitão tem a gemada. Outro Joaquim em circunstâncias idênticas agachou-se e cantou.

Para o Joaquim fugir é *cavar*; as trincheiras são as *trinchas*; a metralhadora é uma *costureira*; os oficiais que não estão com êle nas *trinchas* são *cachapins*. *Cachapins ligeiros* os do batalhão, *médios* os da brigada, *pesados* os da divisão. Um oficial de sapadores é um dos *trabalhos encravados*; «*corn beef*» é o *fiel amigo*; o «*jambom*» é o *365 de campanha*; um oficial provisor é o *vintém de trigo*. O Joaquim está sempre bem disposto e não se rala com coisas poucas. Apenas chegou a Saint-Omer viu uma carroça puxada por um cão. Admirou-se. Lá na terra os cães ou servem para guarda ou dormem, catando-se ao sol, mas puxar as carroças é que não fazem. Êle já vem um pouco maçado e comenta :

— «Raio de terra esta que até os cães trabalham!» E não pensou mais nisso.

Chama à «terra de ninguém» *Avenida Afonso Costa*; às comunicações das trincheiras onde dois só podem ir de fundo e distanciados, *Travessa do Fala Só*. Se há algum sítio morre-diço, salpicado de sangue de camaradas, como havia na trincheira onde eu estive, é para êle *Travessa do Matadouro*.

Joaquim está de sentinela de manhã. Ê uma nevoenta e húmida manhã da Flandres, com frio e gêlo de apagar o fogo do inferno. Aparece o alferes. O Joaquim desentorpece-se, avança, encosta e baioneta ao peito do oficial e pede as sa-

cramentais palavras de passe, santo e senha. O oficial elucida e o Joaquim volta à primeira forma. Mas eis que aparece outro vulto :

— Quem vem lá ?

— O café.

— Passe. É que o café não precisa de senha nem de contra-senha. O café é a alegria do estômago, fumegante e saboroso, naquela frigidíssima, gelada e escura manhã. O café!

Joaquim está de sentinela. Passa um morteiro pesado. Joaquim fica com a barriga colada às costas, mas comenta : «Vai de ordens pr'ó nosso major!» Conta-se o mesmo que o Joaquim teve um dia, em que viu rebentar dois morteiros enormes, revolvendo a terra, para o seu tenente, que estava perto tão enfiado como êle, o seguinte dito : «Isto *inté* devia ser *privido!*»

Mas o bom humor do Joaquim não se desvanece com qualquer coisa. Vai a render e encontra-se com um camarada da mesma terra. O outro que volta vem de capacete, as mantas debaixo do braço, tôda a tralha, mas vem radiante por se ver livre da estopada que é a vida da trincheira. Diz-lhe o Joaquim, com ar mofento :

— Oh Anselmo ! Tu agora estás a viver bem. Até já botas chapéu de côco !

Diz o Joaquim que a morteirada fala e que um morteiro ao saír diz *Cá vou eu!* Depois, ao silvar, deslocando o ar, *foge, foge, foge.* Quando cai e toca a terra, cavamente, diz *Cá estou!* De-

pois, quando rebenta, zunindo, assobiando em tôdas as direcções : — *não te dizia! não te dizia!*

E o Joaquim tem uma onomatopeia exacta, calafriante. É nessas ocasiões que êle *corta prego*, que é como quem quer dizer tem mêdo.

Joaquim está de serviço. Vem gente. Grita : «Faça *ialto*; Quem vem lá?»

— Sou eu, ó 47.

— Faça *ialto!*

— Pois tu *nam* vês que sou eu, o 75.

— Pois *tubera-lo dito*.

Junto aos sacos de terra um inglês faz sentinela com o Joaquim. O inglês é plácido, reservado, silencioso. O Joaquim é loquaz, irrequieto, expansivo. Ao fim de meia hora o Joaquim tem uma gana de falar que se não fala rebenta. Sorriu-se primeiro para o inglês. O inglês sorriu-se para êle. Depois bateu no ombro do inglês e com a sua cara mais simpática disse — *Camarada bone*; O inglês plenamente de acôrdo, com a sua cara mais alegre, *Camarada bone! Wery good!*

Mas se o Joaquim queria falar, a língua é que o não ajudava. Sim, que os seus recursos em estrangeiro para pouco mais dariam. E na impossibilidade de perguntar ao inglês de que terra era, se vivia bem, bocejou, espreguiçou-se, deitou um ôlho aos *boches* e teve uma idea salvadora. Olhou o tempo nebuloso e disse :

— Está um dia fusco, *compris?*

— O inglês : *Non compris?*

— Fusco, fusco, fusco, dizia o Joaquim espaçando as sílabas. E o inglês imperturbável : *Non compris.*

Joaquim ficou embezerrado. Pois haveria gente tão tapada que não compreendia uma coisa tão simples? E de repente tem uma idea luminosa.

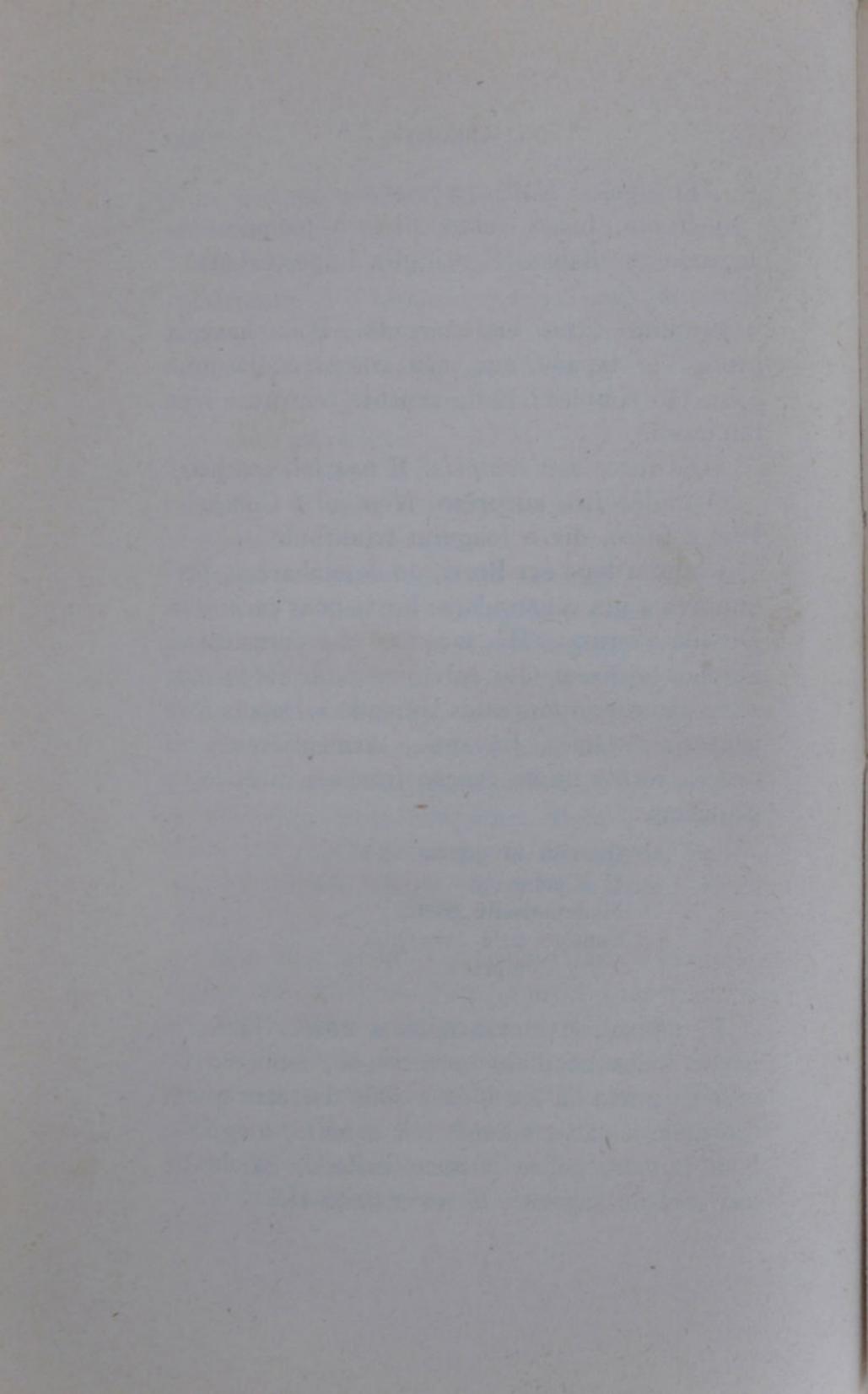
«Dia fusco *non compris?* E *non joli compris?*

O inglês fica surprêso. *Non joli? Compris!* Pois é fusco, diz o Joaquim triunfante.

Joaquim logo em Brest, ao desembarcar, perguntava a um camarada se havia boas cachopas. Diz-lhe o outro : «Há, mas isto cá é outra coisa. Se elas te dizem *Oui très bien* estás fixe ; mas se te dão com o *Pas* estás tramado.» Depois fôra para Saint-Omer, Lavantie, Armentières e aí pusera versos numa canção francesa dizendo às pequenas :

Quando lá guerre finir,
E a coisa não fôr tão mal,
Mademoiselle partir
Comigo pr'a Portugal.
Compris ?

E o Joaquim tomou hábitos novos. Já faz a barba todos os dias, escanhoa-se, toma a sua cerveja e não há em tôda a roda da terra quem lhe deite a barra adiante em firmeza, alegria e bom humor, pobre pássaro exilado, gaiola de um coração saudoso. E no entanto ri...



XIII

JOAQUIM andava um dia com uma dúzia de camaradas sob a direcção de um sargento e o comando de um oficial a disfarçar, a fazer a *camouflage* de uma peça de artilharia. Assentou-se a peça e foi-se buscar uma grande árvore que se lhe plantou na frente, de forma a encobrir o fumo. Corria bem a tarefa ; o oficial de apito pronto a dar sinal de se imobilizarem todos à aproximação de um *boche* aviador, quando o Joaquim sabendo que os *boches* fotografam o terreno e visionando a cara do leitor alemão ao constatar uma árvore frondosa em sítio ainda há horas despido de vegetação, diz para os camaradas, sacudindo as mãos e puxando as calças :

— Oh rapazes! Os *boches* amanhã hão-de dizer : Muito depressa *crecem* as árvores naquela terra!

Ao princípio, quando chegou a terras de França, o Joaquim viu-se e desejou-se com a comida. Acostumado a bacalhau com batatas, sopa de grão, o belo *casqueiro* com a sua sardi-

nha, deram-lhe *corn beef*, leite condensado e compotas, «orange marmelade», amoras, o diabo. E foi o diabo, que o Joaquim apanhou diarreas, fêz caretas e atirou as latas fora, só comendo quando não podia deixar de ser. Depois o pão, seu principal e favorito alimento, era parcimoniosamente distribuído. Havia dias de um pão para 8; outros de um pão para 5.

O Joaquim todavia não perdeu o bom humor. Vigarizou um inglês comprando-lhe uma navalha por um tostão e recebendo ainda dois de trôco e como passasse em La Couture a caminho das *trinchas* e um camarada lhe perguntasse porque estava o Cristo ali crucificado, prêso, êle redarguiu prontamente com ar de quem explica uma coisa que todo o mundo sabe:

— Ora. Foi-se queixar que só davam um pão para 8!

Depois Joaquim chegou às *trinchas*. Teve necessidade de ir fazer o que ninguém por êle podia fazer. A *retrete* ficava longe, num recanto de trincheira abandonada. Joaquim dirigese para lá desabotoando a fardeta. A umas dezenas de metros um morteiro vem e destrói a *retrete* e sítio adjacente. Joaquim empalidece e volta sem vontade já. E diz ainda mal refeito: «Então aquele não ia com mais pressa do que eu!»

À 4.^a brigada, feita de gente do Minho (bri-

gada do Minho ou brigada dos Matacões), chamava Joaquim «barrigada de vinho». E como ela tinha um hino escrito creio que por Ernesto Sardinha, onde havia os seguintes versos :

Deixei a enxada e o arado
No telheiro ao pé da eira,
Agora aqui sou soldado
E de mostrar bem capaz
A tanta tropa estrangeira
Que o Minho não fica atrás.

Logo êle os parodiou cantando :

Deixei a pá e a picareta
Na mochila debaixo do telheiro,
Agora aqui sou soldado
E de mostrar bem capaz
Que o meu corpo é um pandeiro
Emquanto não chega a paz.

Joaquim oferece-se todos os dias para patrulha. Um oficial curioso inquire a causa de tanta coragem e tanto desprendimento.

— Ora, responde o Joaquim negligentemente, é que ao menos na terra de ninguém, ninguém me *précura* se eu tenho a barba feita ou o cabelo crescido!

Joaquim gosta de cantar. E como os camaradas gostam também, sucede às vezes uma companhia que volta do inferno vir estrada fora ber-

rando uma cantiga que era moda, então, *A granada*:

Ai que cagaço
 Que estardalhaço
 Quando no espaço
 A oiço silvar
 Zzzz

É a granada
 Que estuporada
 É sem ser esp'rada
 Nos faz *cavar*
 Pum!

Ai que se me arreganha...

O que se arreganha ao Joaquim *com mêdo* ou *com gôsto* consoante vai ou volta das trincheiras, não posso eu dizer ao leitor sem escândalo. Mas é sítio pouco propício a açambarcamentos, que dizem haver ocasiões em que lá não cabe um feijão e outras em que um prego que lá metessem ficaria em dois, donde vem o *cortar prego* ou *cortar cavilha por ter mêdo*.

O Joaquim é hábil e ardiloso, e sobretudo a escrever é impagável. Manda dizer à Maria que deixou na terra: «Aqui não é difícil atinar com os nomes. Não há nada mesmo mais *fácil*. Tôdas as cachopas se chamam *Mademoiselas*».

De Portugal, da sua terra, escrevem ao Joaquim que «coitado, o Nunes lá marchou». Ora

o Nunes era um barbeiro e morrera. Passam umas semanas. Há um *raid* e morrem três ou quatro camaradas. O Joaquim quer dizer isso para a sua terra, mas como? Sim, como há-de ser, se a censura lhe cortaria tudo? Coça na cabeça e tem uma idea, que o Joaquim não é mesmo nada bronco. Tem uma idea e escreve: «A gente vai indo bem, felizmente. E aqui, alguns já estão ricos, que até compraram umas terras como aí comprou o Nunes!»

Era boa, isso era. Mas o alferes deu com a marosca e a esperteza ficou sem efeito.

Joaquim quer dizer para a terra que vai bem mas passa mal a respeito de comida. Dizê-lo por claro, impossível. E vai daí o Joaquim confiou ao papel a seguinte habilíssima maneira de se queixar da fome que o apertava:

— «Tenho um relójo há 23 anos. Regulou sempre bem. Agora é que anda um bocadito desafinado por falta de corda...»

É que, todos o sabem: Quando a gente tem fome está a barriga a dar horas.

Quanto aos oficiais o bom humor e o sangue frio é o mesmo do Joaquim. Entra-se num observatório de artilharia, uma gaiola pequena, abafada. Numa das chapas de ferro o alferes pintou uma caveira e duas tíbias e escreveu-lhe, por baixo, o soturno verso de Dante:

«Lasciate ogni speranza o voi che intrate»,

Mas acrescentou-lhe à laia de comentário ou profecia :

«porque qualquer dia te cai o teto em cima».

Noutra bateria lê-se : «Chalé Mota. Agência de seguros de vida».

Quando eu calcurreava as estradas nevadas da Flandres e inquiria do Joaquim qual o seu maior desejo, o Joaquim dizia que voltar, tornar de novo a ver a sua terra. Porque, dizia o Joaquim, «parece que se esqueceram da gente». E eu dava-lhe razão. Pois são assim os soldados de Portugal. É assim o Joaquim. E eu duvido que haja em tôda a roda da terra quem seja tão sofredor, tão saudoso, tão alegre, tão valente! E não há, decididamente não há, para estas coisas como o nosso Joaquim!

XIV

QUANDO o automóvel se pôs em marcha, para lá, para onde a gente se batia, tinha eu já arrumado a um canto a bengala e o capacete de ferro. A máscara estava à mão, o penso individual na algibeira e luvas fortes defendiam os dedos de gelar, nesta manhã frigidíssima do dia 1 de Janeiro de 1918, ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, como se dizia nas antigas crônicas monásticas e profanas.

Para onde vamos? Não sei, nem é coisa que me importe. Vamos para a frente. E o automóvel rola primeiro por estradas semi-desertas, aqui um *camion* enorme avançando como um cágado que fizesse jornada e onde a concha é o oleado negro que o cobre, ali um carro alentejano com as duas mulas que o puxam, encostadas uma à outra, jogando o burro em pé. E se ao princípio a estrada corria entre as águas do canal, águas mortas e geladas, bandadas de uma vegetação triste, depois a paisagem não mudou. Sumiu-se o canal mas ficou a mesma desolação paisagesca. Uma árvore perdida, es-

guia, melancólica, faia, choupo, pinheiro, sei lá o quê, ao longe uma casota negra e neve, sempre neve, neve sem fim. De longe a longe um ciclista, a moto de um estafeta, um galucho vagabundo. E o automóvel corre, corre sempre. Agora estamos em Merville e a estrada segue para La Gorgue, indo cruzar-se com a grande estrada que de Arras vai a La Bassée, passando por Lens, e cuja cabeça a gente defende dos dois lados, do esquerdo em La Gorgue e Estaires, do direito em Lavantie e Fauquissart. Para lá está o *boche*, o senhor *boche*, o mano *boche*, aquele que mata e que morre, enquanto longe o *kaiser* e os seus dizem que é preciso vencer. Pois nós seguimos para baixo e obliquamos para ir primeiro visitar umas baterias que estão para os lados de La Couture. E é em La Couture que estamos. Um pouco antes de chegarmos, outra vez estrada solitária, apagada a animação sodadesca de Merville, encontra-se um cemitério.

É um pequeno trato de terreno onde há umas dúzias de campos. Está resguardado por arame e da banda da estrada tem uma cancelinha que um soldado vem abrir. A gente entra, perfila-se em continência aos que morreram longe pela pátria, longe dela, longe dos seus, e vai ver quem lá mora. Oficiais, soldados ingleses, do regimento X; soldados portugueses. E comovido leio-lhes o nome. Não há para nos como-

vermos da nossa terra como estar fora dela. Está frio. Cai neve e há um ar de sol, um sol côr de rosa, doentio.

O automóvel segue e estamos em La Couture. Há casas esbeiçadas como em Merville, casas com os telhados postos à banda, coifando-as extravagantemente, casas estripadas, casas que se agüentam junto a outras como se estivessem de muletas. Vê-se-lhes o esqueleto e são indiferentes vítimas da guerra. A igreja fica à beira da estrada. À frente tem um jardim semi-cemitério, onde, na sua cruz de pedra, um Cristo volta as costas aos alemães. Aos pés da cruz um lanternão apagado. A igreja está meia arruinada e uma tábua pregada na porta tem um aviso qualquer. Por todos os lados erva daninha, ruínas, desolação. Perto, quâsi de frente, há uma casa meio arruinada. Na parte boa habita uma família. Almoça quando nós entramos. Pai, mai, dois garotetes de brincar e duas lindas mocetonas com quem a gente palra e das mãos de quem é bemvinda uma taça de café. O pai mostra-nos dois retratos. São dois filhos, homens. Um, morreu além, e aponta por dentro das vidraças a linha do horizonte. O outro está prisioneiro.

Pois são lindas as pequenas! Vamos a pé ver uma trincheira abandonada, trincheira de recurso e um abrigo de elefante, *elephant back*, como dizem os nossos aliados. É exactamente

um dorso de elefante em que as costelas são de aço, a carne é cimento e a pele é a quantidade de sacas de terra que o cobre. A trincheira é como tôdas as trincheiras. A excavação, protegida com tábuas, toros de madeira a impedir que a terra se desagregue e uma banquetta para pôr os pés e ver o *boche* ou receber dele uma bala entre os olhos. Ouve-se o canhão troar. E ri-bomba o som, propaga-se, amplifica-se, enche a terra tôda de ruído. Vamos visitar uma peça que está perto e vamos embora.

Tomamos agora a estrada que vai a Bethune e então já temos companhia. Soldados ingleses concertam-na e pesados *camiónes* desmancham-na. Há automóveis, tôda a sorte de viaturas. E há já mais denso o arvoredo. Nos cruzamentos da estrada, postes escritos em inglês e francês dizem-nos que há perigo ou grande perigo. É que quando menos se espera vem, precisamente naquele sítio rebentar uma granada *boche*. A gente celere avança. Agora é um regimento inglês que vem, marcial, fresco, excelente. Depois é um combóio-automóvel que empenou, pejando a estrada. E aqui ficamos nós parados sem poder seguir nem para trás nem para diante. São mantimentos, são munições e são peças que se adivinham debaixo dos oleados, com um perfil de cão sentado que arreganha o dente.

Mas o amigo inglês é expedito e prático. An-

tes que o *boche* venha pulverizar o rebanho, já êle pôs tudo aquilo a caminhar e nos deu campo para seguir. Começamos a encontrar sentinelas inglêsas até que entramos em Bethune. Bethune é uma cidadezinha elegante, bonita, uma cidade simpática. Vamos receber instruções dos inglêses, deixar o automóvel ao pé da *gare* do caminho de ferro, e ver se descobrimos um almôço. Meia Bethune está no chão, em ruínas. Cada passo andado é uma casa que se encontra com buracos por onde cabe uma carroça. Há outras que se agüentam encostadas a pilhas de sacas. Ninguêem pelas ruas, a não ser um ou outro militar. Dos seus dezoito mil civis, a maioria *cavou* aos primeiros tiros. Os que ficaram poucos foram e êsses são os que nenhum amor tem à pele ou acreditam piamente que nada vale fugir, porque cada um morre no sítio e hora em que tem de morrer. Entre os que ficaram encontramos duas francesas engraçadas, com arremêdo de restaurante num rés-do-chão da rua que vai direita à estação. Ali comemos um bocadinho de carne com ervilhas e uma minúscula fatia de queijo. A isto se chamava em Bethune, naquele dia, almôço. Custava 7 francos. Agora 1 franco de café, temperado com mel, e 9 de uma garrafa de um iudemente vinho branco, aqui tem o leitor como pela módica quantia de 17 francos, cinco escudos, uma pessoa fica... com fome.

Saímos. O canhão continua o seu trovão longínquo e ensurdecedor. As ruas estão cheias de destroços. Telhas, calíça, vidros, fragmentos de granada, um dos quais eu apanho e trago como recordação. Longe, uma grande *salchicha* ergue-se majestosa. A *gare* não tem um único vidro e os varões de ferro dos restos da *marquise* estão torcidos, cambaios.

Na amplidão do céu, mesmo sôbre as nossas cabeças, passeia sereno um avião *boche*. Vê-se-lhe distintamente a grande cruz negra e ouve-se-lhe, intermitente, o ruído do motor. Tudo se embusca, crendo que êle, na forma costumada, vai dinamitar. E só volta a tranqüilidade quando ao longe, do outro lado, se vê avançarem dois aviões ingleses. O *boche*, imponente, sereno, dá uma volta e marcha. Não há hostilidades. Sôbre as nossas cabeças o ruído do motor agora é contínuo. Ao longe, a espaços, ouve-se o canhão. E tudo estremece em roda...

A "TRINCHA,"

São campos rasos estes que a nossa vista descobre agora, terrenos baixos onde só há lama e neve. A trincheira labiríntica corre irregularmente e os soldados circulam despreocupados, como se não fôsse nela tão barata a morte. E a vida faz-se, o coração sempre um pouquinho apertado, a saudade aninhada dentro dele, como um rato que do coração tivesse feito queijo, a vista sempre enviesada para a banda do *boche* e o desejo de que não venha um morteiro abrir uma cova, lançando miríades de lama negra, pegajosa e fria, a sua chapa de zinco, e uma ou outra saca de terra pelo ar.

Que, quando não é a morteirada que começa é às vezes a sua granadazinha de gás, um anti-pático fedor a alho ou a mostarda, fedor inflamativo, nauseante, cáustico e envenenador. Mas de dia ainda a coisa corre bem. Vê-se por onde se anda, pode-se com cuidado olhar a *Terra de Ninguém*, fazer mesmo gestos ao irmão *boche* que do outro lado morre como nós outros. De

noite é que é o inferno. Ou se vai de patrulha, de gatas, de moca e bomba, caindo aqui, levantando-nos acolá, ou se espera que sejam êles que venham encostar-nos o frio gume da baioneta à gorja, preparando-se nesse caso tudo para a recepção. Mas se é gás e se são tiros, uma trabuzanada de acordar os mortos, logo começa um chinfrim diabólico de latas e campainhas para que a gente se mascare. E os telefones retinem, os estafetas põem-se a andar e o S. O. S. sobe ao céu, no vinco luminoso dos *very lights* que ficam iluminando a terra tôda até que se apagam e o mundo é apenas escurecido. A artilharia de lá responde a nossa, e ao longe, há por vezes a sanguinolenta mancha dos incêndios, rosa rubra na *boutonnière* negra da Noite.

Ouve-se o crac-crac das metralhadoras que o *boche* despeja e que nós despejamos. E transida, bafejando as mãos, sem sono, a gente escuta os ecos e o nosso coração doente é como um velho relógio tonto oscilando entre a saudade dos que estão longe e a idea de morrer ali, armado e equipado, sonolento e triste, como um cão sem fôrças.

*

*

*

Na trincheira um soldado conta-me como lá ficou o 38. Pois foi uma noite. Ficou de bruços

sobre o arame farpado do *boche*. Ao clarear da manhã um cabo da mesma terra do morto foi lá buscá-lo. Foi, e até falou com o boche. Suavemente, com medo de o acordar tirou-lhe primeiro um braço, depois o outro, depois levantou-o em péso. Na trincheira fronteira o *boche* apareceu. Primeiro um, depois outro, outro depois. Vieram os maqueiros e quando o préstito com o 38 regressava, à claridade nevoenta daquela húmida manhã da Flandres, mano *boche* formou e apresentou armas em continência. A gente tirou os capacetes de ferro que pesavam que nem arrobos. E tinha formigueiros na gorja, o formigueiro das lágrimas...

*

*

*

É agora em Lisboa, que fecho êste livro. E escuto a voz de um oficial que escapou a êsse tremendo 9 de abril. Poderia intitular-se êste capítulo : Como se morre, porque está cheia da visão da Morte a serena expressão da sua palavra :

«Em 7 de abril começaram a notar-se no sector português, grandes deslocções de tropas e movimentos de artilharia inimiga. Aproximava-se a tragédia.

No dia 8, às duas horas da tarde, como con-

seqüência de um *raid* infeliz, feito por nós dias antes, a artilharia pesada inglesa e a nossa rompeu fogo intenso sôbre o local onde a concentração inimiga era maior. Pretendia-se dar uma lição ao *boche*, mostrar-lhe que havia ali quem soubesse vingar o sangue do seu sangue, a alma da sua alma.

Todo o horizonte vomitava fogo e o troar da artilharia era ininterrupto e ensurdecador. E entre nós trocávamos impressões sôbre a resposta que o *boche* nos devia mandar. Troou, troou a artilharia e eu fui ver se repousava um pouco. A minha cama era numa casa à beira da estrada nas cercanias de Vieille Chapelle.

Eram 4,15 da madrugada. E a primeira granada *boche* veio cair perto, no cruzamento da estrada. Depois vieram outras e outras bater o comando, as casas, tôda a estrada com um barulho de endoidecer, com pasmosa violência. Os vidros rangiam, as madeiras estalavam, oscilavam as paredes como se estivessem ébrias. A velocidade de tiro era inaudita. E havia de lá peças de 15, 18, 21, 28 e 32. As de 7,7 essas empregavam-nas êles sómente para bater a linha das trincheiras, fazendo-as avançar de harmonia com o avanço dos seus escalões.

Eu levanto-me para ganhar o *Grupo* e utilizar o fraco abrigo que lá existia, mas a gente da casa, mulheres em trajes menores, dois velhos e um doente, espavoridos, alucinados, cho-

ravam, tremiam, agarravam-se a nós, julgando-se mais seguras nos lugares que dentro de casa escolhemos, um umbral de porta que mal nos abrigava dos estilhaços que entravam pela janela. Procurei serenar as mulheres que me perguntavam se não era grave o momento, tendo-lhes incutido a esperança de que o bombardeamento terminaria ao clarear do dia.

Eu mesmo queria ainda enganar-me, quis ainda convencer-me de que se tratava apenas de uma represália violenta, de um *raid* vulgar, cujos efectivos tivessem sido aumentados.

Uma granada cai no pátio da *ferme*, rebentando com barulho sinistro. É noite ainda, mas o clarão que abriu em leque, iluminou pelas janelas esbeçadas o casario crivado de estilhaços, mutilado.

Um soldado do meu regimento que estava abrigado sob um alpendre caíu dando um grito único, morto por um estilhaço que lhe atravessara o ventre. Outros dois mais, lá caíem também e é impossível pensar em evacuá-los para qualquer ambulância porque a barragem nas estradas cavando buracos enormes não deixava lugar para o trânsito de veículos.

Chamaram-se maqueiros, para os levar através dos campos a caminho da morte que piava lúgubrememente por tôda a parte.

O bombardeamento não abranda. As mulheres ajoelhadas rezam. Tenho a noção de que a

cada minuto que passa a casa desaba, se pulveriza, soterrando-nos a todos.

Mas eu não posso ficar aqui, inerte, bloqueado, improdutivo. São quasi 6 horas e há já o clarão da manhã, um tom lívido, cinzento, das madrugadas tristes da Flandres. Saio a correr. Um cavallo morto, uma casa destruída, árvores enormes arrancadas, tombadas, lascadas a tôda a altura. Por tôda a parte as granadas zumbem e eu caio numa cova que uma fêz há pouco. É o fim, penso. Cheira a gás e eu afivelo a máscara. E trôpego, extenuado sempre, consigo chegar ao comando. Hás uns doze officiais, e nada de comunicações. Nem Quartel General, nem Brigada, nem Batalhão, nem Baterias. Tudo cortado. Ah! um fio resta. É para um grupo de artilharia. É a Vida, é a Esperança. Mas o fio resta inútil...

Os médicos curam, os agentes de ligação morrem de certo, isolados nas suas casotas. Há um silêncio. É a Morte que dorme. Ninguém fala. Dir-se-ia que tácitamente todos fizeram propósito de a não acordar. Alguns soldados dormitam. E uma granada que rebenta perto, com a medonha deslocação de ar que provoca, apaga tôdas as velas. Granizam estilhaços. E aos pedaços, a casa começa a cair. Começam a passar soldados vindos das trincheiras. Portugueses, ingleses, civis, tudo passa em matula, tropeando, desordenado. Dois officiais ingleses, che-

gan, pedindo transporte para dois feridos. São duas e meia da tarde e o bombardeamento é o mesmo.

Sibilam tiros de metralhadora e a gente sai para a estrada e foge. Cada um procura o caminho mais curto para escapar àquela chuva de fogo para a qual tôda a coragem seria suicídio.

Em La-Fosse ardiam os depósitos de munições. Vamos alcançar o Quartel General. As estradas estão cheias de viaturas despedaçadas, carregadas de mochilas, de víveres, de mil coisas amontoadas, sem nome.

As granadas sôbre a estrada que ora seguimos são regulares, metódicas semelhando o ponteadado de uma gigantesca máquina de costura.

Obliquamos para Calone. Demoram-nos as barragens, metemo-nos à água que nos dá pela coxa. Tenho os pés em sangue mas pensamos em organizar a defesa. Começa-se a ordenar tropas. E eu... mas nessa altura tombo. Acordei depois num hospital do Aire».

*

*

*

Longe em La Couture a surprêsa fôra menos rápida. E o *boche* viu como se batem e morrem os portugueses, os soldados sofredores, herói-

cos, humildes dêste encantado e lindo Portugal.
É eu recorde a nossa terra, os nossos soldados,
e lembro comovidamente uma quadra que ao
sabor popular um coração de português deu
forma :

Se acaso morrer na guerra,
Não chores porque morri...
Não morro só pela Pátria,
Morro por ela e por ti.

FIM

ÍNDICE

	Pág.
Dedicatória	5
Prefácio da segunda edição	7
A Avalanche... ..	13

À margem da grande guerra

A arte da guerra... ..	25
A Alemanha	31
<i>Deutschland über alles</i>	35
A ideia da força	41
A arte alemã	45
A Germânia aventureira... ..	49
Cidades flutuantes	53
Guerra em tempo de paz	59
A Bélgica	65
A Inglaterra... ..	69
A invasão da Inglaterra	73
Jellicoe	79
A iconografia da guerra... ..	83
A arte e a guerra	89
A espionagem alemã	93
O jornalismo e a guerra... ..	99
Civilizados!	103
O pan-germanismo	109
A indemnização	115
Deus e o <i>kaiser</i>	121

No coração da guerra

SOLDADOS DE PORTUGAL

		Pág.	
A caminho do «front» —	I	129	
	II	135	
	III	141	
	IV	147	
	V	153	
	VI	159	
	VII	165	
	VIII	171	
	No «front» —	IX	177
		X	183
		XI	189
		XII	193
		XIII	199
		XIV	205
A «trincha»	211		

ÚLTIMAS EDIÇÕES

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Crónicas imorais, 5.^a edição, por *Albino Forjaz de Sampaio*.

Miradouro — TIPOS E CASOS — por *Antero de Figueiredo*.

Alta Roda, 3.^a edição, ampliada, por *Júlio Dantas*.

O homem dos mil segredos, romance de *Rocha Junior*.

É a guerra, diário da grande conflagração europeia, por *Aquilino Ribeiro*.

Maria Benigna, romance, por *Aquilino Ribeiro*.

Scenas de um anno da minha vida E APONTAMENTOS DE VIAGEM, de *Alexandre Herculano*. Coordenação e prefácio do *Dr. Vitorino Nemésio*.

Mimi Blulette, flor do meu jardim, por *Guido da Verona*, tradução do *Dr. Campos Lima*.

A vida começa amanhã, 2.^a edição, por *Guido da Verona*, tradução do *Dr. Xavier Rodrigues*.

Arte de prolongar a mocidade e a vida, pelo DR. A. LORAND, tradução do *Dr. José Bacelar*.

A destruição de Paris em 1936, original do maior alemão *Von Helders*.